

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E CULTURA – PPGLET

BRUNA BEMBOM COSTA

RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE DA FRONTEIRA EM *CONTOS DE FUTEBOL*, DE ALDYR SCHLEE

Caxias do Sul
2021

RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE DA FRONTEIRA EM *CONTOS DE FUTEBOL*, DE ALDYR SCHLEE

Bruna Bembom Costa

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Cultura da Universidade de Caxias do Sul, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras e Cultura, Área de Concentração: Estudos de Linguagem, Literatura e Cultura. Linha de Pesquisa: Literatura e Processos Culturais.

Caxias do Sul, 28 de outubro de 2021.

Banca Examinadora:

Dr. Márcio Miranda Alves
Orientador
Universidade de Caxias do Sul

Dra. Alessandra Paula Rech
Universidade de Caxias do Sul

Dr. Carlos Alexandre Baumgarten
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Dr. Douglas Ceccagno
Universidade de Caxias do Sul

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade de Caxias do Sul
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

C837r Costa, Bruna Bembom

Relações entre memória e identidade da fronteira em Contos de futebol,
de Aldyr Schlee [recurso eletrônico] / Bruna Bembom Costa. – 2021.

Dados eletrônicos.

Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de
Pós-Graduação em Letras e Cultura, 2021.

Orientação: Márcio Miranda Alves.

Modo de acesso: World Wide Web

Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>

1. Contos sul-rio-grandenses - Crítica e interpretação.. 2. Schlee, Aldyr
Garcia, 1934-2018. 3. Memória. 4. Identidade. 5. Futebol - Ficção. I. Alves,
Márcio Miranda, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 821.134.3(816.5)-34.09

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)
Márcia Servi Gonçalves - CRB 10/1500

Dedico esta dissertação a todas e todos que estiveram
ao meu lado para que eu realizasse este sonho.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Márcio Miranda Alves, pelas aulas, por ter acreditado no projeto, pela calma, por não alimentar minha ansiedade e por me orientar tão bem;

A minha mãe, que nunca desistiu de mim, que com o “seu jeitinho” me incentivou e ajudou a me tornar uma pessoa melhor em todos os aspectos. Mãe, teu apoio foi fundamental;

Ao Marcos, por seu amor incondicional, sua delicadeza, quando eu não tinha nada para falar, por me fortalecer, quando quase joguei a toalha - *vivir contigo, es mi buena suerte*;

Ao Du, por ser esse irmão tão bondoso e amável, por me ouvir e perguntar pela dissertação, pelas palavras de incentivo e amor, até quando eu não merecia;

Aos professores que me acompanharam durante minha vida como estudante, desde a Educação Básica até a Superior. Aos professores da Especialização em Literatura Brasileira, que me ensinaram tanto a ponto de eu acreditar que o mestrado seria possível. Aos professores do mestrado: Vânia Herédia, Alessandra Rech, Douglas Ceccangno, Aline Job, Nathália Polesso, Tânia Azevedo, Carina Niederaurer e Cecil Zinani por terem exercido tão bem seus trabalhos como docentes;

Ao pessoal da Confraria do Carreiro, por aceitarem minha distância e que a cada encontro me escutam “dissertar”; às minhas comadres Lilian e Lisiane, por me apoiarem e incentivarem, e à comadre Cibeli, pela escuta, pela disposição em ficar horas comigo pelo telefone, pelas orações e pela amizade fortalecida nesse período;

Ao dr. Adriano Neujar Agostini, por ter me ajudado a me fortalecer enquanto indivíduo e não desistir, e ao dr. Lino Moura Ribeiro, por ter me feito acreditar;

Ao Marcelo Brum e Tônio Caetano (Marcos), por escutarem e lerem o que venho pesquisado, pela amizade mantida desde a Especialização na PUC;

Aos meus colegas e amigos da Escola Machado de Assis, que desde 2019 vibram comigo a cada conquista, cada encerramento de semestre, que se preocupam e mandam boas energias. Tenho muita sorte de trabalhar com pessoas tão profissionais, carinhosas, pacientes, que me aceitam, escutam e incentivam;

Aos meus colegas da turma 18 - por apenas um semestre tivemos aulas presenciais, mas foi suficiente para que nos tornássemos amigos.

A todos e todas que estão ao meu lado: muito obrigada!

RESUMO

Contos de futebol, de Aldyr Schlee, representa em 11 narrativas a maneira como os personagens manejam a fronteira ficcional entre Jaguarão e Rio Branco por meio da prática do futebol. O objetivo da presente dissertação é analisar a relação entre as memórias e a identidade platina dos personagens de *Contos de futebol*. Utiliza-se como aporte teórico estudos de Bergson (1999), Halbwachs (2006) e Pollak (1992), relativos à memória; Candau (2019), Woodward (2000) e Hall (2000), sobre identidade; e Pesavento (1998) e Martins (2002), relativos ao contexto social fronteiriço. Esta pesquisa busca contribuir para os estudos sobre memória e identidade e seus vínculos com o futebol, esporte considerado um fato social e que, na região representada, produz memórias coletivas nas ações de assistir, jogar ou ouvir histórias relacionadas ao tema. Conclui-se que esses hábitos favorecem a coesão do grupo social representado, na medida em que a identidade se constitui pela diferença estabelecida no antagonismo das torcidas, da relação com os clubes, da prática esportiva e dos costumes da fronteira.

Palavras-chave: memória; identidade; fronteira; Aldyr Schlee; *Contos de futebol*.

RESUMEN

Cuentos de Fútbol, de Aldyr Schlee, representa en 11 narrativas la forma en que los personajes manejan la frontera ficticia entre Jaguarão y Rio Branco a través de la práctica del fútbol. El objetivo de esta disertación es analizar la relación entre los recuerdos y la identidad platina de los personajes de Cuentos de Fútbol. Utilizamos como soporte teórico los estudios de Bergson (1999), Halbwachs (2006) y Pollak (1992), relacionados con la memoria; Candau (2019), Woodward (2000) y Hall (2000) sobre identidad; y Pesavento (1998) y Martins (2002), relacionados con el contexto social fronterizo. Esta investigación busca contribuir a los estudios sobre la memoria e identidad y sus vínculos con el fútbol, deporte considerado un hecho social y que, en la región representada, produce memorias colectivas en las acciones de ver, jugar o escuchar historias relacionadas con la temática. Concluimos que estos hábitos favorecen la cohesión del grupo social representado, ya que la identidad está constituida por la diferencia que se establece en el antagonismo de las aficiones, de la relación con los clubes, de la práctica de deportes y de los costumbres en la frontera.

Palabras llave: memoria; identidad; frontera; Aldyr Schlee; Cuentos de fútbol

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE	15
2.1 DEFINIÇÕES E CONCEITOS DE MEMÓRIA	18
2.2 IGUAIS OU DIFERENTES: A RELAÇÃO COM O “OUTRO”	28
2.3 INDIVÍDUO E COESÃO DE GRUPO NA FRONTEIRA PLATINA	39
3 LITERATURA, FUTEBOL E SOCIEDADE	52
3.1 ESTUDOS E REPRESENTAÇÕES DO ESPORTE NO BRASIL	53
3.2 OS <i>CONTOS DE FUTEBOL</i> DE ALDYR SCHLEE	58
3.3 DENTRO DAS QUATRO LINHAS: DRAMATIZAÇÕES DA VIDA SOCIAL.....	63
3.4 A FRONTEIRA ABSTRATA: ESPAÇO DE INTERAÇÃO	71
4 MEMÓRIAS DO FUTEBOL	82
4.1 ESTÁDIOS E CANCHAS: LUGARES DE MEMÓRIA	85
4.2 CAMPEONATOS: ACONTECIMENTOS MEMORÁVEIS	93
4.3 JOGADORES: LEMBRANÇAS E VONTADES INDIVIDUAIS	102
4.4 CLUBES E TORCIDA: UMA PAIXÃO EXCEPCIONAL	110
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
6 REFERÊNCIAS	124

1 INTRODUÇÃO

Desde a Antiguidade é interesse do ser humano registrar para lembrar e, ao longo da história, os estudos mnemônicos fizeram parte de diferentes áreas das Ciências Humanas, valorizando a memória de acordo com a ideologia de cada época. Na contemporaneidade, considera-se que a memória é a identidade em ação (CANDAUI, 2019), pois a partir da memória o sujeito constitui-se como indivíduo. A partir da ideia de que toda busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade e que não há busca identitária sem que se recorra à memória, essa dissertação busca analisar as relações entre memória do futebol e identidade platina em *Contos de futebol* (2011), de Aldyr Schlee. Para isso, serão observadas as memórias evocadas pelos narradores e personagens dos contos a fim de perceber a maneira com que elas auxiliam na formação identitária da fronteira platina por meio de memórias relacionadas ao futebol.

A obra *Contos de futebol* (2011)¹ representa ficcionalmente a fronteira entre Jaguarão e Rio Branco e é composta por onze contos, o mesmo número de jogadores de uma equipe de futebol. Essas histórias curtas são evocações de narradores que participaram ou herdaram memórias relativas a acontecimentos que ocorreram entre as décadas de 1920 e 1990, que são vinculados ao esporte favorito dos latino-americanos. A nostalgia presente nos contos relaciona-se a antigos jogadores que defendiam um brasão, a trabalhadores que compunham times pequenos por lazer, ao sonho de jovens em se tornarem ídolos brasileiros ou uruguaios, pois o que importava era ostentar a camisa da equipe e se destacar naquela sociedade.

Os personagens schleerianos representam a fronteira Brasil / Uruguai, possuem hábitos semelhantes, mesclam o castelhano e português para se comunicarem e compartilharem o amor pelo futebol. Um dos fatores que aproxima os personagens e narradores dos contos são as memórias coletivas vinculadas ao futebol, as quais favorecem o sentimento de pertencimento a um grupo. No presente da diegese nos *Contos de futebol* é representada uma sociedade coesa, mas, no início do século XX, aqueles que viviam do outro lado das margens brasileiras eram considerados como inimigos.

Com o fim de guerras territoriais, contrabando, construção da malha ferroviária, surgimento e estabelecimento do futebol como atividade desportiva regional e o empobrecimento progressivo da metade sul (MARTINS, 2002), essa população se aproximou

¹ *Contos de Futebol* foi publicada primeiramente em 1995, no Uruguai, por Ediciones de la Banda Oriental. Em 1997 foi publicada a primeira edição no Brasil, pela editora Mercado Aberto e, em 2011, a segunda edição foi lançada pela editora ardotempo. Preferiu-se estudar a segunda edição por estar em melhor estado de conservação, por ser mais acessível à compra e por não haver diferenças editoriais nos contos, apenas nas ilustrações.

a fim de obter vantagens comerciais no lado mais favorável (AGUIAR, 2002), aumentando os vínculos culturais, comerciais e familiares.

O autor de *Contos de futebol* Aldyr Schlee modula a voz dessa fronteira, pois além de torcedor foi um estudioso apaixonado por futebol. No prefácio da obra pesquisada, observa-se a proximidade de Schlee com o futebol brasileiro e uruguaio, pois, como vivia naquela margem, era influenciado culturalmente pelos dois lados. O autor viveu o futebol desde sua infância e no ano de 1953 venceu o concurso de confecção de camisas da Seleção Brasileira, promovido pela Confederação Brasileira de Desportos, sendo até hoje lembrado como o criador da camisa canarinho da Seleção Brasileira.

A obra literária de Schlee ultrapassa os limites territoriais impostos politicamente, narrando a fronteira pampeana como lugar único. Escreveu em português e castelhano, foi tradutor de obras fundamentais da literatura argentina, como *Dom Segundo Sombra*, de Ricardo Güiraldes, e *Facundo – Civilização e Barbárie*, de Domingo Faustino Sarmiento, o que lhe rendeu o Prêmio Açorianos de Tradução em 1997. *O dia em que o Papa foi a Melo* (1991) e *Contos de futebol* (1995) diferenciam-se das demais obras porque foram escritas originalmente em espanhol, para depois ser traduzidas por ele para o português nos anos de 1999 e 1997, respectivamente. Foi o ganhador da I e da II Bienal Nestlé de Literatura (1984 e 1985), finalista do Prêmio Casa de las Américas de Cuba (1984), de duas Bienais Brasileiras de Literatura (1992 e 1994) e possui quatro Prêmios Açorianos (1997, 1998, 2001 e 2010). *Os limites do impossível – Contos Gardelianos*, de 2009, e *Dom Frutos*, de 2010, foram consideradas as melhores obras dos anos 2009 e 2010 pelo jornal *Zero Hora* e a ele foi consagrado o Prêmio Fato Literário, em 2010, no Rio Grande do Sul. Além disso, ao lado de obras de Mário Filho e Nelson Rodrigues, a obra *Contos de futebol* é uma das poucas obras que representam o sentimento pelo futebol no Brasil. Schlee faleceu em 15 de novembro de 2018, as 83 anos.

Devido às inúmeras publicações literárias de Schlee, algumas pesquisas foram realizadas objetivando analisar diversos aspectos da obra desse autor. Em “Aldyr Schlee e a linha de fronteira: o homem, terra e Literatura” de Fabiane de Oliveira Resende (2004), pela FURG, observa-se a pesquisa relacionada ao tempo e espaço fronteiriço. Em 2010, a dissertação intitulada como “Aldyr Schlee e o entrelugar: a questão da fronteira em *Uma terra só*”, de Angelise Fagundes Silva, pela UFSM, enfoca os aspectos que unem a fronteira de Jaguarão e Rio Branco como lugar único na obra analisada. Questões envolvendo tradução foram defendidas na dissertação “Autotradução de Aldyr Garcia Schlee em *El dia em que el Papa fue a Melo / O dia em que o Papa foi a Melo*”, em 2010, por Fernanda Lisbôa de

Siqueira, pela UFRGS. A análise referente à sociedade, imagiologia e historiografia foi pesquisada por Alexandre Antonio Ramos Maciel, em 2014, na dissertação pela UFPel, intitulada “Don Frutos e El día en que el Papa fue a Melo: imagotipos do fronteiriço na narrativa de Aldyr Garcia Schlee”. Em 2016, pela PUCRS, Cátia Rosana Dias Goulart defendeu a tese de doutorado “Imaginários do Sul: pensamento crítico de fronteira e os avessos da Modernidade na ficção de Aldyr Garcia Schlee” relativa à construção do pensamento crítico na América Latina e sua implicação na criação de imaginários. A tese de doutorado, defendida em 2019, com o título “A memória como efeito estético nos contos de Aldyr Garcia Schlee”, de Mauro André de Moura Lima, pela FURG, é relativa à memória como interface para a produção de sentido em nove contos schleerianos selecionados. Constatou-se que essas pesquisas foram realizadas em universidades do Estado do Rio Grande do Sul, provavelmente pela proximidade geográfica com o Uruguai e pela obra de Schlee representar, muito bem, esse espaço. Vale destacar entrevistas dadas por Schlee a Giulia Piazzini e Gustavo Cerqueira Guimarães, publicadas em 2018, à revista *FuLia*, periódico quadrimensional da UFMG especializado em produções acadêmicas relacionadas ao futebol.

Diferenciando-se das pesquisas anteriores, a presente dissertação tem como objetivo geral analisar a relação entre a memória do futebol e a identidade platina dos personagens de Jaguarão e Rio Branco nas 11 narrativas de *Contos de futebol*. Os personagens dos contos circulam por esses dois países, possuem memórias, hábitos e interesses em comum. Assim, como objetivos específicos, esta dissertação visa: a) compreender os conceitos de memória e de identidade em autores como Pollak (1992), Nora (1993), Candau (2019) e Halbwachs (2006); b) investigar como ocorre a identificação cultural dos personagens da fronteira Brasil-Uruguai narrados em *Contos de futebol* (2011) a partir de perspectivas não essencialistas sobre identidade; c) perceber o futebol como dramatização da vida social da sociedade fronteiriça, analisando sua formação e relevância do futebol àquele lugar e d) analisar a maneira como a memória sobre o futebol auxilia a construção da identidade platina dos personagens de *Contos de futebol*.

Para atingir os resultados desejados, o trabalho se divide em quatro partes. A primeira é a presente introdução, que esboça os rumos do trabalho. No segundo capítulo, será ampliada a discussão a respeito de memória e identidade, individualmente, e analisando uma como complementar à outra. Após a observação que memória e identidade, conforme Candau (2019), são indissolivelmente ligadas, serão analisadas questões relativas à memória e à identidade da fronteira, relacionadas ao futebol, presentes no corpus da dissertação. Para isso, serão utilizados estudos como *Matéria e Memória*, de Bergson (1999), e *Memória Coletiva*

(2006), de Halbwachs. Essas obras serão os aportes teóricos para os estudos específicos relacionados à memória, buscando observar a importância dos estudos memoriais para a constituição da coesão do grupo.

Com base nos estudos de Pierre Nora (1993), pretende-se notar a relevância dos estudos memoriais a partir do século XX, visto que a partir desse período, com as constantes migrações, miscigenação e globalização, perde-se a noção de identidade exclusivamente a partir de uma nação. E, conforme aumenta a demanda identitária, investe-se na busca memorial, bem como na produção de memória artificial individual. Posteriormente, a questão identitária será discutida na perspectiva objetivista de Cuche (2002) e essencialista de Woodward (2000), as quais servem para ressaltar que se apegar apenas às raízes de um grupo passado não constitui, integralmente, a identidade de determinada sociedade.

A questão identitária será analisada na perspectiva não essencialista, observando as considerações de Hall (2000), que define que a identidade ocorre a partir de relação entre *nós/eles*, analisando identidades na perspectiva nacional. Posteriormente, seguindo as considerações de Silva (2000), em que grupos menores, como feministas, movimento negro, entre outros, também possuem identificação própria e que o discurso favorece a relação diferencial entre um grupo de outro.

Já as inter-relações de memória e identidade serão analisadas com a partir de constatações de Pollak (1992) e Candau (2019), considerando que a identidade pode ser acatada como representação ou estado adquirido e a memória é uma faculdade presente desde o nascimento e a aparição da espécie humana. Essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a incorporar certos aspectos particulares do passado, ao fazerem escolhas memoriais. O estudo relativo à identidade fronteiriça, nas relações entre fronteiriços com outros grupos da região do Rio da Prata, será realizado por meio de pesquisas de Adriana Dorfman (2009), Sandra Jatahy Pesavento (1998) e Maria Helena Martins (2002).

Como o futebol será considerado como fato social e dramatização da vida social, o terceiro capítulo será dedicado ao estudo desse esporte vinculado à literatura, sociedade e fronteira. No primeiro subcapítulo será verificado o estado da arte vinculado ao futebol. Pretende-se analisar o gênero literário em que ficções sobre o futebol são publicadas e lidas, após, será observado que desde o princípio do século XX já havia autores como Oswald de Andrade, Lima Barreto, Monteiro Lobato, entre outros, que escreviam narrativas curtas a respeito do esporte que se popularizava no país. Após observar que narrativas sobre o futebol se destacam em contos e crônicas, alguns autores serão mencionados, como Mário Filho,

Nelson Rodrigues, Carlos Drummond de Andrade, Moacyr Scliar, Luis Fernando Verissimo e Aldyr Schlee, a fim de que se perceba a maneira que a literatura ficcional acompanha a realidade da sociedade brasileira. Também será analisado que, a partir dos anos 1990, as produções ficcionais e acadêmicas sobre o futebol passam a competir em número de publicações.

No segundo subcapítulo, dar-se-á ênfase à obra fundamental de Roberto Da Matta, *Universo do futebol* (1982), bem como as contribuições de Arno Vogel (1982) sobre a relevância do futebol à sociedade brasileira. Levando-se em conta as considerações desses autores, o futebol será analisado como dramatização da vida social, na medida em que para estudar a sociedade, deve-se estudar o futebol, pois um representa o outro. Além disso, pretende-se observar as relações do indivíduo com a torcida, o despertar do sentimento de cidadão quando ele frequenta uma torcida, bem como quando ela é traço e marca identitária para o sujeito contemporâneo. Os apontamentos de Costa (2015) também serão essenciais a esse capítulo para perceber o futebol como fato social, semelhante as afirmações de Fiengo (2003) a respeito do futebol, para o qual na sociedade latino-americana vive-se o futebol, seja jogando ou verbalizando.

Finalmente, no terceiro subcapítulo, com as considerações de Sergio Villena Fiengo (2003), Jorge Iturriza (1986), Thompson Flores e Farinatti (2009), Ieda Gutfreid (2000), questões relativas à classificação e estudos sobre a fronteira representada nos contos. Pretende-se notar como se dá a relação de proximidade entre países representada na obra, e, observando que o tempo diegético oscila entre os anos 1920 e 1990, enfatizam-se os estudos sobre a fronteira Brasil e Uruguai para perceber possíveis relações e como o estudo a respeito dessa fronteira modificou-se com o tempo, acompanhando questões econômicas e sociais da região.

No quarto e último capítulo, os onze contos serão detalhadamente analisados, com o propósito de perceber a maneira como se constitui a memória e a identidade dos personagens e narradores. A partir dos estudos de Pollak (1992), que definem que a memória é constituída a partir de lugares, personagens e “acontecimentos” (entende-se por eventos), serão analisados os estádios, ídolos regionais, região fronteira e a relação da torcida com clubes daquela região representada ficcionalmente. Neste capítulo, dividido em quatro partes, primeiramente, serão observadas as dramatizações da vida social, conforme estudos de Da Matta (1982).

No primeiro subcapítulo, serão analisados com mais ênfase os contos “A verdade e a mentira sobre Hugo del Carril e o grande Heleno de Freitas”, “Maestros del fútbol” e “A falta de Tabaré”. Nesses três contos, personagens e narradores evocam suas memórias em estádios

ou canchas de futebol, assim, sendo consideradas como lugares de memória. Nota-se que estando nesses espaços, favorece que memórias sobre determinados acontecimentos sejam evocadas com maior facilidade, visto que lugares de memória possuem a capacidade de resgatar lembranças.

Os campeonatos representados serão analisados no subcapítulo seguinte, a partir da análise de alguns contos, mas principalmente de “Um brilho nos olhos” e “Aquela tarde impossível”. Será dada maior ênfase a afirmações identitárias dos personagens por meio de memórias relacionadas a momentos decisivos, visto que em determinados jogos mobilizam-se muitas emoções, essas que favorecem a fixação memorial.

Percebendo que a memória individual não garante a permanência de certas personalidades na memória coletiva de um grupo coeso e que vontades individuais não ganham destaque num contexto de futebol, onde deve prevalecer o trabalho coletivo para obter bons resultados, os “O primeiro e o último”, “Empate” e “O pardo Maciel” serão analisados, observando a maneira em que memórias individuais dos protagonistas se manifestam, como o futebol revela a sociedade representada, ao mesmo tempo em que oferece cidadania a jogadores e torcedores.

No último subcapítulo, analisando os contos “Maria Adélia”, “Jim” e “Encantos de futebol”, observar-se-á a maneira com que heranças memoriais são incorporadas aos valores da sociedade no presente. Pretende-se observar o resgate dessas heranças por meio de marcos memoriais e narrativas de memórias coletivas. Como as memórias resgatadas se referem a clubes e Seleções Nacionais, os protagonistas identificam-se com esses times, transformando-se em torcedores.

Nas considerações finais, serão retomados alguns pontos centrais da pesquisa, a fim de reiterar as relações existentes entre memória de futebol e identidade platina entre os personagens de *Contos de futebol* (2011), bem com ampliar as discussões relativas ao tema e à obra de Schlee.

2 RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E IDENTIDADE

No prefácio de *Contos de futebol*² (2011), Aldyr Schlee escreve sua insatisfação com esse esporte na década de 1990. Em tom de crítica, afirma que o dinheiro e a televisão transformaram o futebol em espetáculo. Lamenta que não exista mais amor ao clube, “até porque a camisa se vende para este ou aquele patrocinador” (2011, p. 13) e, além disso, muitos jogadores vestem o uniforme apenas para cumprir uma obrigação laboral. Considera insuportáveis os compactos dos jogos que são comentados por quem pouco conhecem o clube que estão narrando. Salaria que “ futebol é paixão; ou então é o espetáculo de TV, lento e frio, no formato e no horário que sirvam ao patrocinador” (2011, p. 13), mas resolve esse contraste de sentimentos, acalmando os ânimos dos amantes de futebol e literatura quando afirma:

Mas nem tudo está perdido, porque nos campos de futebol, assim como nas páginas dos livros, ainda temos a oportunidade de todos os encontros possíveis e impossíveis com tardes gloriosas, jogos memoráveis, craques inesquecíveis, num clima de emoção e encantamento que só os golos e as palavras são capazes de oferecer (SCHLEE, 2011, p. 14).

A partir dessa constatação do autor, conclui-se que nos campos e nas páginas dos livros pode-se visitar o passado, lembrar-se de jogadores que salvaram o time e imortalizaram-se como heróis para a torcida e relembrar acontecimentos que de alguma forma marcaram uma época da história de um país ou de uma pessoa individualmente. Por mais que muitas pessoas afirmem não gostar de futebol, a narrativa que existe em torno desse esporte permeia a vida dos latino-americanos. Dessa forma, quando alguém recorda um jogo vitorioso ou uma derrota, provavelmente o interlocutor vai rememorar o que e com quem estava naquele dia.

A leitura favorece o acesso a lembranças, pois determinados personagens, lugares e acontecimentos reportam o leitor a situações semelhantes. Quando a narrativa é sobre futebol, lembram-se das experiências individuais, dos testemunhos que parentes e amigos deram sobre determinados jogos do passado e sentimentos de alegria ou tristeza emergem na lembrança do leitor. Observa-se que o “futebol incorpora um rico universo como matéria de representação literária. Em contrapartida, a possibilidade de leitura desse universo pelo viés da ficção possibilita recuperar passagens importantes relativas a aspectos culturais e históricos que envolvem esse esporte” (SANTOS, 1999, p. 145), em que o leitor rememora feitos importantes realizados pelo time de futebol favorito, heróis nacionais ou pessoas consagradas.

² Na presente dissertação, analisa-se e referencia-se a 2ª edição – revista e atualizada da obra *Contos de futebol*, publicada em 2011.

Para Schlee (2011), gols e palavras oferecem às pessoas emoção e encantamento, capazes de ficarem indelévels na memória. Essas memórias são recuperadas quando se tem a sensação de já ter lido ou visto anteriormente o que se está vivendo no presente, pois, conforme Jacques Le Goff (1990, p. 437), aquilo “que está escrito traz as coisas à mente”. A memória serve como “propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423). Ao voltar a sentir certas emoções e ao resgatar lembranças, imortalizam-se essas pessoas que estão vivas na lembrança ou sentimentos outrora sentidos.

A ficção sobre futebol é uma das possibilidades de trazer à tona memórias para os indivíduos, pois memória está vinculada aos sentimentos, às sociedades, à história, à literatura e diversos outros ramos da ciência, que se modifica adequando às necessidades e crenças de cada geração. Em certos momentos históricos a memória é mais valorizada, enquanto em outros é parcialmente ocultada dependendo do padrão do governo em vigência.

A partir da leitura de *História e Memória*, de Le Goff (1990), nota-se que desde a Pré-História existe a preocupação humana em registrar sua existência por meio de traços, assinaturas e inscrições. Depreende-se que além de lutar pela sobrevivência, fazer memórias é um traço notadamente humano. Para Candau (2019, p. 107) a produção de marcas escritas, permitiu-se a socialização e a estocagem de informações mais eficazes que a transmissão oral.

No decorrer dos séculos, com as mudanças sociais e tecnológicas do século XIX, favoreceram a modificação da estocagem, produção, acesso e relevância da memória. Materiais como documentos, mapas e registros, que eram restritos a algumas famílias, à Igreja e ao estado, passaram a fazer parte da realidade de outras instituições. Além disso, os indivíduos que não pertenciam às classes dominantes ou que eram vinculados à Igreja também passaram a produzir e arquivar as memórias que consideravam importantes. Candau (2019, p. 125) menciona que a memória é “imperativa, onipresente, invasora, excessiva, abusiva, é comum evocar que seu império se deve à inquietude dos indivíduos e dos grupos em busca de si mesmos”, dessa forma, passou a ser uma necessidade dos sujeitos bem como das sociedades em que estavam inseridos.

Com as constantes migrações, miscigenação e globalização, a busca pelo tempo perdido foi constante nas sociedades modernas, sendo necessário satisfazer o dever da memória para não colocar a si e seu grupo em risco de desaparecer. Dessa forma, passou a existir a necessidade de recordar “mesmo que apenas para que não nos tornemos seres ‘pobres e vazios’” (CANDAU, 2019, p. 126).

Os estudos relativos à memória no final do século XIX se realizavam a partir da análise da parte física e material dela, no caso o cérebro. Henry Bergson (1999), em seus estudos sobre matéria e memória, constatou que o cérebro não é apenas um arquivo de memória, visto que mesmo se um indivíduo sofrer grave lesão no cérebro, dependendo da região, pode não perder a memória, bem como pode sofrer algum transtorno psíquico e não se lembrar de nada. Para esse autor, a lembrança que estava vinculada ao espírito do indivíduo pode ser percebida como hábito e é adquirida por meio da repetição. Já a lembrança de determinada leitura é uma representação e

diz respeito a uma intuição do espírito que posso, a meu bel prazer, alongar ou abreviar; eu lhe atribuo uma duração arbitrária: nada me impede de abarcá-la de uma vez, como num quadro. Ao contrário da lembrança da lição aprendida, mesmo quando me limito a repetir essa lição interiormente, exige um tempo bem determinado, o mesmo que é necessário para desenvolver um a um, ainda que em imaginação, todos os movimentos de articulação requeridos: portanto não se trata mais de uma representação, trata-se de uma ação (BERGSON, 1999, p. 87).

As lembranças partem do presente a partir das vivências atuais, fazendo a memória emergir, reelaborando o passado, e “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e são dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (BERGSON, 1999, p. 179).

Para Nora (1993, p. 15), a lembrança é “uma memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela”, portanto esse “arquivo” que Nora (1993) menciona pode ser algo exterior ao corpo que faz a lembrança vir à tona. Halbwachs (2006) concorda com essa constatação, afirma que dependendo do espaço que o indivíduo se encontra, certos objetos, acontecimentos ou diálogos poderão ativar (ou não) determinadas lembranças.

Quando dizemos que a recordação de certas lembranças não depende da nossa vontade, é porque a nossa vontade não é forte o suficiente. A lembrança está ali, fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes. Se a reconhecemos quando reaparece inesperadamente, o que reconhecemos são as forças que as fazem reaparecer e com as quais sempre mantivemos contato. A intuição sensível é então recriada [...] (HALBWACHS, 2006, p.59).

Essa intuição sensível mencionada por Halbwachs (2006) pode ser compreendida como a maneira que o sujeito encontra de onde vem essa lembrança. Cada indivíduo pertence a mais de um grupo social e situações semelhantes vivenciadas em um grupo podem se repetir de forma semelhante em outro grupo. A intuição sensível, então, é quando o indivíduo se recorda em qual grupo determinado fato aconteceu. Se a mesma lembrança for ativada no futuro, estará mais cristalina na mente desse indivíduo. Halbwachs (2006, p. 70) utiliza a metáfora sobre a lembrança, que é “como acreditar que um objeto pesado, suspenso no ar por uma porção de fios tênues e entrecruzados, permaneça suspenso no vazio, e ali se sustenta.”

Esse objeto pesado, então, é a lembrança e esses fios tênues são grupos sociais em que as pessoas se encontram, e a cada cruzamento desses as intuições sensíveis ocorrem, pois diversas experiências semelhantes aconteceram nos mais diversos lugares e épocas.

Outra característica da lembrança é que o tempo dela é diferente do tempo vivido (CANDAÚ, 2019). Bergson (1999) define por “duração” o tempo da lembrança que não pode ser comparado ao tempo cronológico, já que certos acontecimentos durante a rememoração serão excluídos e outros lembrados detalhadamente. Portanto, o tempo da lembrança pode ser maior do que o tempo cronológico do fato. “Isso pode explicar os numerosos casos de embelezamento de lembranças desagradáveis que, ao serem relembradas, são aliviadas da angústia e do sentimento de contrariedade provocados pela incerteza da situação vivida durante a qual se teme sempre o pior” (CANDAÚ, 2019, p. 66).

Além disso, as lembranças de um mesmo acontecimento serão diferentes para cada indivíduo que presenciou uma ação e a coletividade pode definir o rumo que ela vai levar, se é a fixação ou esquecimento (CANDAÚ, 2019), pois cada sujeito possui sua especificidade e características. Halbwachs (2006) considera que as lembranças têm lugar no contexto da personalidade ou da vida do indivíduo, por isso um acontecimento que pode ser traumático a um indivíduo, pode ser passado despercebido a outro.

2.1 DEFINIÇÕES E CONCEITOS DE MEMÓRIA

Bergson (1999) conceitua noções sobre matéria e memória, em que a matéria pode ser entendida como a percepção que temos do mundo externo, aquilo que se aprende mecanicamente por meio das repetições, o conjunto das imagens selecionadas na lembrança. A memória, por sua vez, está vinculada ao espírito e “escolhe sucessivamente diversas imagens análogas que lança na direção da percepção nova” (BERGSON, 1999, p. 116). O que une os conceitos de matéria e memória é a lembrança que “representa precisamente o ponto de intersecção entre o espírito e a matéria” (BERGSON, 1999, p. 5).

Esse autor ainda diferenciou os tipos de memória. A memória artificial é acessada por meio de imagens, leitura e elementos externos; a memória natural emerge quando o espírito ou a mente humana reporta a um acontecimento passado a partir de sensações ou elementos que se impõem diante o indivíduo. Tanto a memória artificial quanto a natural são consideradas memória pura, as quais, sendo geradas, podem levar o indivíduo a refletir sobre o tempo passado (BERGSON, 1999).

Com a memória pura o indivíduo tem a noção de que o que está lembrando ocorreu no passado. Já a memória hábito, para Bergson (1999), é definida como memória mecânica corporal, ou seja, memórias adquiridas por meio de gestos aprendidos. Ou seja, conforme eles se repetem e o indivíduo acaba por incorporá-los. Conforme a percepção, o corpo prepara a ação para assim repetir. Por exemplo, quando um indivíduo treina um chute, o corpo vai se preparando para exercer aquele comando. Assim, quando for necessário esse indivíduo chutar, as percepções cerebrais serão ativadas e o chute será exercido conforme treinado e o indivíduo não ficará recordando do dia em que chutara pela primeira vez, por exemplo, pois é algo mecânico e repetitivo. Além disso, a memória hábito se atualiza conforme existe a necessidade de repetir a ação de forma diferente da já treinada.

Bergson (1999) delimitou dois aspectos de memória, como pura e hábito. Candau (2019), por sua vez, diferenciou a memória em três classificações: a protomemória, a memória propriamente dita e a metamemória. O que Bergson (1999) classificava como memória hábito, Candau (2019) definia como protomemória, aquela relacionada aos hábitos adquiridos pelo corpo e que são incorporadas de maneira permanente, vinculada às múltiplas lembranças que são mobilizadas no nosso cotidiano, como caminhar, comer e beber. Não é uma representação, pois quando um indivíduo age, ele não tem noção que essa prática foi aprendida no passado, ou seja, são práticas corporais e gestualidades que são incorporadas e repetidas sem se dar conta. Por isso Candau (2019) a define como memória de baixo nível. A protomemória fica invalidada a nível de grupo e vincula-se à memória individual.

Nenhuma sociedade come, dança ou caminha de uma maneira que lhe é própria, pois apenas os indivíduos, membros de uma sociedade, adotam as maneiras de comer, dançar ou caminhar que, ao se tornarem dominantes, majoritárias ou unânimes, serão consideradas como características da sociedade em questão (CANDAU, 2019, p. 24).

A segunda categoria, para Candau (2019), é a memória propriamente dita, que está relacionada à recordação ou reconhecimento de forma individual. O autor considera que essa memória se manifesta quando ocorre evocação ou invocação deliberada sobre determinado acontecimento ou invocação de lembranças autobiográficas e, além disso, podem beneficiar-se de extensões artificiais (CANDAU, 2019). Para Matheus (2011, p. 303), essa classificação de memória “possui extensões, como os saberes enciclopédicos, as crenças, as sensações e os sentimentos, que se beneficiam da cultura de memória que promove sua expansão em extensões artificiais”. No conto “A falta de Tabaré”, de Aldyr Schlee (2011), o narrador apenas lembrou-se desse jogador, enquanto acompanhava pelo rádio um jogo entre Peñarol e Nacional em 1992. Lembrou-se, voluntariamente, desse jogador, que não perdia nenhum gol,

independentemente da posição onde jogasse, por ter se beneficiado de extensões artificiais de memória, como o rádio. Ou seja, a partir de fatores externos, a memória pode ser evocada, tanto sobre um indivíduo quanto sobre o grupo no qual está inserido.

A memória pura para Bergson (1999) é o que Candau (2019) define como metamemória, que é a representação do que cada indivíduo faz de sua própria memória, ou seja, o conhecimento que se tem da memória, uma memória reivindicada, ostensiva. Cada indivíduo tem uma ideia de sua própria memória e é capaz de discorrer sobre ela para destacar suas particularidades, seus interesses, sua profundidade ou suas lacunas. Candau (2019) salienta que a nível de grupo apenas a metamemória estaria presente, pois “um grupo não recorda de acordo com uma modalidade culturalmente determinada e socialmente organizada, apenas uma proporção maior ou menor de membros desse grupo é capaz disso” (CANDAU, 2019, p. 24). Um grupo pode repetir gestos que forem incorporados (protomemória), porém uma memória em nível de grupo, sendo ela coletiva, será a partir de “um enunciado que membros do grupo vão produzir a respeito de uma memória supostamente comum a todos os membros” (CANDAU, 2019, p. 24).

Depreende-se que a protomemória é uma faculdade, ou seja, uma capacidade de repetir mecanicamente determinada ação, já a metamemória seria uma representação dessa faculdade quando a memória é individual e também uma memória que pode ser compartilhada a nível de grupo.

Além dessas classificações, memória também foi considerada como ramificação da história, pois essa se desenvolveu com o decorrer da rememoração e memorização, os “historiadores davam a fórmula das grandes mitologias coletivas, ia-se da história a memória coletiva” (LE GOFF, 1990, p. 473). Na atualidade, os estudos relativos à história³ sofrem a

³ Autores como Nora (1993), Halbwachs (2006) e Candau (2019) dissociam os estudos sobre memória e história, não as consideram como sinônimos. Afirmando que a história é uma reconstrução de dados fornecidos pelo presente na vida social e projetada sobre o passado reinventado e reconstruído a partir dos vestígios que se tem à mão no presente e, que se ocupa do passado à distância para explicar o período anterior. Reconstitui de forma incompleta e problemática algo que já não existe, sendo ela “uma operação intelectual e laica e que demanda análise e discurso crítico e pertence a todos e a ninguém” (NORA, 1993, p. 9). Está mais voltada ao discurso dominante, que define a partir de vestígios o que deve ser lembrado ou o que deve ser esquecido. Favorece as rememorações individuais ou de um grupo, pois colabora com a exatidão de datas e fatos exteriores à vida, esses que deixam impressões sobre determinados dias e horas, facilitando a evocação memorial. No entanto, a memória é mais acessível, contempla múltiplas vozes e seu objetivo é a verossimilhança e não a exatidão da história. Quem produz a memória é a sociedade, a partir de testemunhas, atores, personagens que viveram ou que souberam de determinados fatos relatados. Tem “como ponto de referência os contextos sociais reais que servem de baliza a essa reconstrução que chamamos de memória” (HALBWACHS, 2006, p. 7). Para Candau (2019, p. 131), a história “busca revelar formas do passado, a memória modela essas formas, um pouco como faz a tradição. História busca ordenar, a memória é atravessada pela desordem da paixão, das emoções, dos afetos. A história legítima, a memória é fundadora. História distancia o passado, a memória quer fundir-se”.

interferência da memória coletiva, que contempla vozes que por séculos foram silenciadas, pois se privilegiava a voz que representava o sistema vigente.

Halbwachs (2006) aprofunda os estudos relativos à memória e a divide entre memória individual e memória coletiva. Considera que cada indivíduo participa desses dois tipos de memória e conforme participa de uma ou de outra memória (estando isolado ou em grupo), adota duas atitudes diferentes e até opostas. Esse autor exemplifica mencionando que cada sujeito pertence a mais de um grupo social, participa do seu grupo doméstico, da escola, do trabalho, do time de futebol. Cada grupo possui um contexto diferente, visto que existem grupos formados em ambiente formais e informais, assim, o indivíduo deve se adequar a cada um.

A memória individual e a memória coletiva ao mesmo tempo em que se relacionam possuem particularidades. “A memória individual não é fechada e isolada” (HALBWACHS, 2006, p. 72), e funciona a partir de instrumentos como as palavras e as ideias tomadas emprestadas do ambiente em que se vive, não sendo, portanto, inventada. Está limitada no espaço e no tempo, pois só é possível lembrar o que se viu, fez, sentiu e pensou relacionando esses atos ao tempo e ao espaço desse acontecimento (HALBWACHS, 2006). Para o autor, conhece-se a memória individual de dentro, a partir das intuições sensíveis e ponto de vista de cada indivíduo.

A memória individual pode ser considerada como um ponto de vista sobre a memória coletiva, pois cada indivíduo possui relações com outras pessoas e toma partido diferente sobre um acontecimento comum. Por mais que o indivíduo se recorde de estar sozinho em um fato passado, ele não está, pois quando se rememora algo, a sociedade se faz presente, seja em um objeto que pertence ou lembra alguém ou por saber que alguma pessoa pode chegar. Dessa forma, para o passado ser evocado individualmente,

em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela está muito estreitamente limitada no espaço e no tempo (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Torna-se relevante a pesquisa das definições sobre memória individual porque os narradores dos contos, que serão analisados no quarto capítulo, quando evocam suas memórias, as fazem a partir de seus pontos de vista, ou seja, suas memórias individuais a respeito de situações que vivenciaram num grupo. Essas memórias se limitam a um espaço ou

a um tempo específicos porque ocorreram em situações determinadas, ou seja, o narrador recorda onde ocorreu determinado jogo, quem estava junto, a época em que aconteceu. Essas memórias poderão ser confirmadas (ou não) por seus acompanhantes, o que modifica é o ponto de vista. Por exemplo, na final da Copa de 1950, o narrador de “Aquela tarde impossível” estava no cinema de Rio Branco junto com espectadores brasileiros e uruguaios. Os que estavam presentes naquele momento e lugar souberam que a Seleção celeste virou o jogo e tornou-se campeã. A diferença é que torcedores da Seleção Brasileira provavelmente lembram-se dessa circunstância com tristeza, já o narrador, que se considerava um *doble-chapa*⁴, lembra-se da festa e de seu choro de emoção. Por isso, a memória individual não se confunde com a memória de outro indivíduo, pois cada um tem seu ponto de vista e emoções divergentes sobre uma ação no passado no grupo, e quando esses pontos de vista são compartilhados, experimentam-se influências e modos diferentes de pensar.

Cada indivíduo de um grupo possui emoções, vivências e pontos de vista distintos. Assim, certos acontecimentos podem ser percebidos de diferentes modos. Utilizando o mesmo exemplo anterior, de *Contos de futebol*, a lembrança do perdedor diverge da do vencedor, e ainda existem aqueles que são indiferentes ao futebol, que provavelmente recordam da data sem emoção, podendo cair no esquecimento. Porém, a memória desse indivíduo indiferente, que não recorda de muitos detalhes sobre esse acontecimento, pode ser reconstituída, visto que as pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever e reconstruir atos vividos por elas e por outra pessoa, mesmo quando esta não lembra com exatidão o que aquelas afirmam ter vivido. Com o auxílio do grupo, juntando fragmentos, após ser lançando o germe da lembrança, o indivíduo pode recordar aquilo que viveu e que foi esquecido por não ter mais evocado essa recordação (HALBWACHS, 2006).

Testemunhos orais e escritos favorecem o acesso à memória, podendo reforçar, enfraquecer ou completar aquilo que se lembra sobre um evento passado pelo qual se tem alguma informação. Se o sujeito viveu algo e não restou nenhum resquício em seu espírito do que foi vivido, nenhum germe de lembrança, então mesmo que ele tente reconstituir esse quadro de memória sem o auxílio de testemunhas não será uma lembrança. Por isso, não basta que um grupo de pessoas compartilhe recordações ou que afirme que a pessoa vivenciou algo,

⁴ *Doble-chapa* é um termo informal utilizado nas fronteiras do Sul do Brasil, em referência ao indivíduo que tem dupla nacionalidade reconhecida pelo local de nascimento ou conquistada pela dinâmica familiar, como é o caso de filhos de mãe brasileira e pai uruguaio ou vice-versa. Os *doble-chapas* têm livre acesso em suas fronteiras de origem. Não raramente, são registrados como cidadãos dos dois países (DUARTE; VARGAS; BUSSOLETTI, 2020).

é necessário um fragmento sobre a época ou lugar para a reconstituição da memória. Mas, para que a memória de um indivíduo se aproveite da memória de outros,

não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos façam recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível somente se tiverem feito parte e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Com ideias semelhantes, é possível reestabelecer memórias de outro tempo, pois existe coesão no grupo e o sentimento de pertencimento. A coesão do grupo é determinante para a fixação da memória. “Esquecer um período da vida é perder o contato com os que então nos rodeavam” (HALBWACHS, 2006, p. 37), assim, certos sentimentos só podem ser despertados se houver algo em comum entre o grupo.

A coesão e tempo de união definem a duração da memória do grupo. Em Halbwachs (2006), a respeito da duração, usa-se o exemplo de um grupo escolar, em que o professor vai ter menos lembranças sobre determinado grupo de estudantes em um ano do que os próprios alunos dessa turma. Isso acontece porque esses estudantes convivem muito tempo e possuem um nível de coesão grupal entre eles maior do que com o professor. Assim, quanto maior a coesão do grupo, mais memórias compartilhadas e coletivas existirão.

As relações afetivas favorecem a coesão do grupo, pois quanto mais atenção se dá a alguém, mesmo a atenção não sendo recíproca, mais lembranças se vai ter (HALBWACHS, 2006). O processo inverso também ocorre, pois quando alguém precisa conviver em um grupo e não pretende se identificar ou manter vínculo de amizade com os outros, com o passar do tempo e o distanciamento esse indivíduo esquecerá dos colegas e de acontecimentos, enquanto os outros, que formam um grupo coeso, provavelmente lembrarão desse outro de forma diferente. Os vínculos afetivos propiciam a coesão do grupo que possui memórias semelhantes.

Para um grupo ser coeso é necessário que as lembranças de quem o compõe sejam semelhantes. Se a memória de um sujeito que integra esse grupo for confirmada pelos demais, ocorre a interpenetração da memória individual com a memória coletiva, visto que a memória individual é capaz de oferecer exatidão à memória coletiva.

A memória coletiva se apoia nas memórias individuais, podendo contradizê-las, e até mesmo enriquecer o quadro da lembrança preenchendo certas lacunas que outros indivíduos não perceberam. Apesar do cruzamento constante dessas memórias, elas não se confundem,

pois não há construção de uma memória coletiva se as memórias individuais não se abrem umas às outras visando objetivos comuns, que é fixar as memórias mais representativas no grupo, do mesmo modo que cada sujeito possui seu ponto de vista em sua memória individual. Deve-se observar que

a memória coletiva segue as leis das memórias individuais que, permanentemente, mais ou menos influenciada pelos marcos de pensamento e experiência da sociedade global, se reúnem e se dividem, se encontram e se perdem, se separam e se confundem, se aproximam e se distanciam, múltiplas combinações que formam, assim, configurações memoriais mais ou menos estáveis, duráveis e homogêneas (CANDAUI, 2019, p. 49).

A memória coletiva “é uma corrente de pensamento contínuo que nada tem de artificial, pois não retém do passado senão o que ainda está vivo ou é capaz de viver na consciência do grupo que a mente” (HALBWACHS, 2006, p. 102), por isso está vinculada à duração do grupo. Conforme as gerações vão sendo superadas, restará na memória da posteridade aquilo que é de mais representativo, podendo ser esquecidas épocas em que não ocorreu nada de significativo a esse grupo (CANDAUI, 2019, p. 48).

Não há periodização na memória coletiva e seus limites são irregulares e muitas vezes incertos, pois a “memória coletiva tem como suporte um grupo limitado no tempo e no espaço” (HALBWACHS, 2006, p. 106). Por isso, a memória coletiva depende da sociedade que a possui. Se um grupo social migrar, desaparecer, renovar-se, irá se modificar porque a memória coletiva vai até onde atinge a memória dos grupos de que ela compõe. Com a transformação da sociedade no decorrer dos anos, uma lembrança coletiva pode manter-se na memória do grupo, desde que se conserve em uma pequena parte da sociedade e que seja possível reencontrá-la (HALBWACHS, 2006).

As sociedades, por serem vivas, transformam-se constantemente e fortalecem suas raízes com o que podem aproveitar da tradição criada no passado pelo grupo. O passado não se opõe ao presente na memória coletiva, pois o presente possui a duração que interessa à coletividade. Portanto, se a duração da vida humana dobrasse, o campo da memória coletiva seria mais extenso. Do mesmo modo, se a duração humana fosse mais curta, a memória coletiva seria mais restrita. Observando os aspectos sociais nos estudos relativos à memória, a pesquisa referente a ela ocorre a partir do contexto do grupo, das memórias que estão cristalizadas da sociedade e de como as memórias individuais e coletivas se alteram conforme a necessidade da lembrança (HALBWACHS, 2006).

Pollak (1992) segue mesma vertente de análise que vincula a memória com a sociedade, sendo ela “um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações,

transformações, mudanças constantes” (POLLAK, 1992), pois as sociedades não são estáticas e a duração delas é por tempo limitado.

Segundo Pollak (1992, p. 201), “na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis”, que geralmente são ocorrências marcantes, repetidas inúmeras vezes pelos testemunhos. Esses marcos memoriais, ou balizas, são necessárias para que as narrativas constituídas sobre certos acontecimentos marcantes em um grupo social se cristalizem e sejam narrados sempre da mesma maneira. Essas memórias solidificadas na coletividade e individualmente passam a fazer parte da realidade da sociedade. Já as memórias que não se solidificaram, por não ter sido tão impactantes ao grupo, podem ser narradas não respeitando a cronologia dos acontecimentos, isso porque vai depender da memória individual (POLLAK, 1992).

Pollak (1992) categorizou os elementos constituintes da memória individual e coletiva como: os acontecimentos, as pessoas (ou os personagens) e os lugares. Os acontecimentos podem ser vividos pessoalmente ou por “tabela”, possuem a característica de ser “acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou, mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não” (POLLAK, 1992, p. 201). A memória por tabela é herdada por meio da socialização política e histórica, ocorrendo a projeção ou identificação com determinado acontecimento que marcou a sociedade.

Essas lembranças vividas por tabela, para Pollak (1992), são as que Halbwachs (2006) classifica como as “tomadas de empréstimo”, que podem ser adquiridas ou enriquecidas por meio de conversas e de leituras. Para Halbwachs (2006), certas personalidades, acontecimentos e fatos históricos que são representativos de uma sociedade podem ser descritos com intimidade mesmo por pessoas que não são contemporâneas a eles, visto que cada pessoa carrega consigo uma bagagem de lembranças históricas, que são conhecidas por meio de jornais (mídia) ou pelo testemunho de outros que presenciaram tal ocorrência.

Essa proximidade com os acontecimentos e pessoas representativas historicamente ocorre porque no pensamento nacional,

esses acontecimentos deixaram um traço profundo, não apenas porque as instituições foram modificadas por eles, mas porque sua tradição subsiste muito viva nessa ou naquela região do grupo, partido político, província, classe profissional ou mesmo nessa ou naquela família, entre certas pessoas que conheceram pessoas que testemunharam (HALBWACHS, 2006, p. 73).

Certos acontecimentos que traumatizam e marcam uma sociedade têm tanto impacto “que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de

identificação” (POLLAK, 1992, p. 201). A rememoração de acontecimentos que representam a tradição de determinado grupo social faz com que a nova geração seja capaz de narrar com riqueza de detalhes fatos que não presenciou. A partir da coesão do grupo, os acontecimentos herdados ou vividos “por tabela” podem ser nítidos para aqueles que não viveram momento, que busca se identificar com algum grupo na contemporaneidade.

Outro elemento que constitui a memória, segundo Pollak (1992), são as pessoas ou personagens que podem ser conhecidos pessoalmente ou não. Conforme a relevância desse personagem na sociedade e a repercussão sua existência com o passar dos anos, tem-se a impressão de conhecê-la, mesmo que não se pertença ao mesmo espaço-tempo dela (POLLAK, 1992). Certas celebridades, políticos que mudaram a realidade de parte da sociedade, jogadores que milagrosamente levaram vitórias ao país ou clube, personagens literários representativos de determinada região, possuem a capacidade de auxiliar na constituição da memória individual e coletiva, pois carregam consigo a positividade necessária para representar uma sociedade.

O lugar de memória é enfatizado em Pollak (1992) por ser o terceiro elemento capaz de constituir a memória. Os lugares de memória podem ser relacionados a uma lembrança individual, sobre o passado, na infância ou juventude, que marcaram a vida da pessoa. Para Nora (1993), os lugares de memória são os restos do passado, que “nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notoriar atas, porque essas operações não são naturais” (NORA, 1993, p. 13). Pollak (1992) enfatiza que os lugares de comemoração são vinculados à memória pública, simbolizam momentos que não devem ser esquecidos para a sociedade e que “podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou um período vivido por tabela” (POLLAK, 1992).

Os lugares de memória tanto podem ser artificiais, produzidos com a finalidade da recordação para gerações futuras, bem como ser aqueles lugares onde naturalmente o indivíduo estava e viveu um momento importante no passado. Assim, ao rememorar um acontecimento, ele lembra automaticamente onde se encontrava, recordando-se do acontecimento importante. Esses lugares de memória servem também de baliza para auxiliar a localizar a memória em um lugar onde se esteve ou que deve ser lembrado, segundo as instituições que construíram ou produziram monumentos ou documentos representativos. Isso porque quanto menos a memória é vivida no interior, seja no grupo, seja individualmente, mais ela necessita “de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só se vive através delas” (NORA, 1993, p. 14).

Os três elementos que constituem a memória (acontecimentos, pessoas/personagens e lugares) podem ser conhecidos direta ou indiretamente, e “pode se tratar também de uma projeção de outros eventos” (POLLAK, 1992, p. 202). Certos acontecimentos são repercutidos constantemente devido a sua gravidade, com isso, novas gerações podem acreditar terem presenciado ou carregar certa admiração por pessoas consideradas relevantes na sociedade. A memória, sendo incapaz de se lembrar de tudo, é seletiva, por isso o que se herda de memória é um fragmento marcante que pertenceu à totalidade de um acontecimento. Além disso, “a memória que é herdada não se refere apenas à vida física da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 204), refere-se também às preocupações do momento na sociedade, conforme a necessidade da lembrança sobre determinado aspecto do presente. Se a sociedade vive em tempos de calma, é provável que as memórias coletivas não sejam evocadas constantemente, mas em dificuldades, as épocas felizes e pessoas responsáveis pelo sucesso ou fracasso do grupo serão evocadas constantemente (HALBWACHS, 2006).

Na contemporaneidade, época em que a importância dada aos lugares de memória chega a ser obsessiva, produzem-se muitos arquivos voluntariamente, não apenas pela possibilidade de reprodução e conservação, “mas pela superstição e respeito ao vestígio” (NORA, 1993, p. 15). Nas sociedades cada vez menos coesas, devido à globalização, a migração e o acesso à mídia, perde-se o sentimento de pertencimento do indivíduo quanto a sua nação. Dessa forma, conforme as memórias do grupo vão ficando mais efêmeras e fragmentadas, torna-se necessária a vigilância comemorativa, para que as memórias do grupo, representadas por esses lugares de memória, bem como pelos monumentos e documentos, não se percam no mundo com cada vez menos fronteiras e demarcações.

A sociedade utiliza-se mais ou menos de suas memórias conforme a necessidade, por isso a memória modela a sociedade e por ela é modelada. Os indivíduos que compõem uma coletividade se unem por se identificarem e por possuírem memórias semelhantes. Pode-se concluir que uma sociedade que não valoriza a memória é uma sociedade com frágil sentimento identitário, que se refugia em símbolos criados pela maioria dominante que julga pretensamente poder representar uma coletividade. Em Candau (2019, p. 16), observa-se que “restituir a memória desaparecida de uma pessoa é restituir a identidade”, e assim a memória e a identidade se conjugam, pois, elas se nutrem e se apoiam para produzir uma trajetória de vida.

2.2 IGUAIS OU DIFERENTES: A RELAÇÃO COM O “OUTRO”

No início do conto “Aquela tarde impossível”, o narrador menciona a lembrança a respeito de uma marchinha que tocava no rádio durante a Copa do Mundo de 1950: “Eu sou brasileiro / tu és brasileiro / muita gente boa / brasileira é!” (SCHLEE, 2011, p. 23). Percebe-se que, conforme a opinião da época, ser brasileiro implicava em ser “gente boa”. Ou seja, a primeira e segunda pessoa são “gente boa” e a terceira, o outro, aqueles não brasileiros, não são “gente boa”. No decorrer do conto percebe-se a canção uruguaia a respeito dessa Copa, então, provavelmente, os países que disputaram o troféu também criaram uma canção para celebrar a equipe que os representariam. Podem-se perceber alguns aspectos vinculados a identidade nos versos da canção: que os brasileiros se representam como gente boa e que a identidade se dá a partir das noções entre *nós* / *eles*.

Os estudos relacionados à identidade iniciaram mais fortemente no século XVIII, quando se vinculava identidade com nacionalidade. Com as mudanças sociais ocorridas a partir do século XIX, as identidades perderam seu caráter monolítico e homogêneo. Com a substituição do Estado-Nação para o Estado-Sociedade a partir da década de 1930 (NORA, 1993), a demanda identitária aumentou, uma vez que a memória e a identidade se esfacelaram diante de mudanças estruturais na sociedade. Dessa forma, o passado coeso do grupo, unido pela memória coletiva, enfraquece, portanto, muitas nações perderam a unidade. Com as migrações, as memórias capazes de fixar identidades a partir da reconstrução do passado perdem o sentido, visto que o espaço compartilhado e os indivíduos não são mais os mesmos.

Nesse contexto, percebe-se a fragmentação do sentimento de identidade nacional. Essa época foi a emergência da última fase da nação moderna, durante “um dos mais duradouros períodos de migração em massa no Ocidente e de expansão colonial no Oriente” (BHABHA, 1998, p. 199). A migração possui a capacidade de produzir tanto identidades plurais quanto identidades contestadas, pois o mesmo grupo social pode ter pessoas de vários grupos étnicos ou pessoas que estão em outros lugares e buscam identificarem-se a culturas a partir de fatores genealógicos (WOODWARD, 2000). Assim, as culturas se hibridizaram, o passado coeso e único de um povo fragiliza-se, afetando sua memória e consecutivamente a identidade do grupo, causando a crise identitária.

Na contemporaneidade, as macro identidades (identidades ligadas à nacionalidade) estão se enfraquecendo e subdividindo-se, conforme os interesses e afiliações que são específicas ou minoritárias de uma sociedade (NORA, 1993). Esse sujeito fragmentado, em forma de mosaico, é marcado pelo desencantamento do mundo, pela perda da densidade

identitária e pelo fim das memórias monopolizadoras, pois as memórias a respeito de um grupo estão em benefício das memórias híbridas (CANDAUI, 2019). Esse período também é marcado por uma crise de identificação de linhagens, desmantelamento de memórias oficiais e diluição da relação com o passado.

As transformações globais motivaram o colapso de velhas estruturas dos estados e comunidades nacionais também devido à globalização (WOODWARD, 2000). “A globalização envolve uma interação entre fatores econômicos e culturais, causando mudanças nos padrões de produção e consumo, as quais, por sua vez, produzem identidades novas e globalizadas” (WOODWARD, 2000, p. 20). A identidade é um conjunto de ideias que caracterizam as sociedades contemporâneas ou da modernidade tardia, que aos poucos se transformaram em identidades homogêneas. Por meio da padronização cultural motivada pelo mercado, promove-se o distanciamento da comunidade local do indivíduo, apagando as peculiaridades de um grupo social e favorecendo o esquecimento do sentimento de pertencimento de um indivíduo por uma localidade. A crise identitária leva grupos a resistirem a fatores externos, fortalecendo e reafirmando a identidade local (WOODWARD, 2000), pois a forma encontrada por muitas sociedades de enfrentar a homogeneização e as novidades é fecharem-se nelas mesmas, buscando antigos valores e exemplos, como se fosse possível utilizá-los frente às mudanças sociais e tecnológicas.

Algumas sociedades encerram-se em si próprias devido à distância dos grandes centros e falta de investimento governamental. As cidades Jaguarão e Rio Branco, representadas na obra analisada, por exemplo, pertencem a países diferentes, mas, devido à proximidade, os personagens compartilham vivências, realizam compras no lado mais vantajoso, culminando na aproximação cultural. Assim, narradores e personagens fronteiriços se assemelham mais com os outros do país vizinho do que com aqueles de suas respectivas capitais, como Montevideu e Rio de Janeiro.

No conto “Um brilho nos olhos” percebe-se a proximidade cultural entre as duas cidades limítrofes quando é narrado que, para jogar do outro lado da fronteira, a equipe viajaria na carroceria de um caminhão. Os donos da equipe deram bergamota e chimarrão aos jogadores arranjados de última hora para disputar uma partida contra um time de uma granja de arroz do Uruguai. Observa-se a similitude cultural da localidade por: gostarem de futebol, tanto quem patrocinou o jogo quanto quem foi contratado para jogar só aquela partida; tomarem chimarrão, hábito da região banhada pela Bacia do Rio da Prata, e por mencionar o arroz, que é muito cultivado na metade sul do Rio Grande de Sul e também em alguma parte do Uruguai, conforme o conto.

O exemplo do conto mencionado esclarece a questão que os personagens daquela localidade representada, por não pertencerem ao mesmo país, não possuem uma identidade nacional, mas a identidade se dá pela cultura semelhante.

Fala-se em identidade cultural quando se quer referir a grupos que não se apoiam em um Estado-Nação, mas que reivindicam a pertença a uma cultura comum. Nesse caso, não se mobiliza a referência geográfica, e a tendência desses movimentos é ser transnacional, baseando-se em categorias tão diversas como raça, etnia, gênero, religião. Todavia, também nesse caso, trata-se de determinar um patrimônio comum e difundi-lo. Isso implica na revisão da história e no questionamento da cultura hegemônica, que não os incluiu, na busca de antepassados, na criação de uma linhagem, na escolha de símbolos e até mesmo, por vezes, no estabelecimento, senão de uma língua, ao menos de uma linguagem (FIGUEIREDO; NORONHA, 2012, p. 199-200).

No posfácio de *Contos de futebol* (2011), observa-se uma crítica à cultura hegemônica, essa que valoriza apenas os grandes times de futebol e esquece o verdadeiro futebol, que para Schlee deve ser jogado pelo amor ao time e não por interesse. Conforme a contribuição de Alfredo Aquino (2011, p. 187) no posfácio da mesma obra, Schlee escreve “em português e no castelhano modulando a voz da fronteira”. Portanto, a obra é capaz de difundir o futebol, pois possui narrativas nostálgicas a respeito desse esporte que mobiliza sentimentos de brasileiros e uruguaios. Também por ser permeada de palavras, expressões e períodos inteiros em castelhano, mostrando a alternância da narrativa entre as duas línguas oficiais de cada país, representando as características dessa fronteira.

Com a leitura de *Contos de futebol*, observa-se que a identidade desses personagens se dá a partir da identificação. Os personagens da fronteira representada em *Contos de futebol* identificam-se com os “do lado de lá” e a identidade deles, nesse caso, ocorre pela questão de alteridade em se reconhecerem no outro. Trata-se de uma região limítrofe, onde convergem dois países com culturas diferentes, que promovem uma identidade não monolítica, visto que, nos estudos contemporâneos, “fala-se, cada vez mais, de identidades plurais, ou, ainda de identificações, que teriam o caráter provisório porque em constante devir” (FIGUEIREDO; NORONHA, 2012, p. 189).

Para Sandra Pesavento (1998), a formação da identidade implica um processo de escolha e identificação, pois respondendo a necessidade de serem reconhecidos, os indivíduos de um grupo optam pela aproximação a um determinado grupo por se acharem semelhantes, conforme o seu padrão de referência. Conforme Pollak (1992), referência é o padrão do que se é, e do que se não é, e a primeira pessoa serve como baliza, ou seja, uma ideia para identificar a si e o outro. Se determinado personagem, por exemplo, viver em um ambiente em que todos os domingos os familiares participam e torcem ao Clube Mauá, esse indivíduo “será” do

Clube Mauá. O padrão de referência é participar de jogos aos domingos e torcer para esse clube, e os que não seguirem esse padrão podem ser classificados como diferentes.

Dessa forma, se um grupo possuir determinadas ideias, atitudes e ideologia, um indivíduo pode identificar-se com esse grupo e admitir por concordar com esse grupo, do contrário, a pessoa vai repelir esse grupo, pois suas balizas, que são marcas que definem os limites da identidade, vão distanciá-lo. Cada grupo identitário institui-se um padrão para que seja possível representar outro grupo diferente. “O padrão de referência identitário fixa estereótipos e constrói estigmas, define papéis e pauta comportamentos” (PESAVENTO, 1998, p. 17).

Personagens do espaço diegético de Jaguarão e Rio Branco convivem com sujeitos de diversas nacionalidades. Além de brasileiros e uruguaios havia ingleses, húngaros, “paulistas e cariocas” nas tramas. Os personagens da obra identificam-se com aqueles que vivem na região fronteira, pois eles tinham o mesmo padrão de referência, ou seja, possuíam hábitos, vivências e memórias semelhantes. Observa-se que a identidade não é inerente, pois esse grupo possui uma identidade cultural, e para adquiri-la tem que compartilhar vivências e assimilar hábitos. O padrão de referência linguística do grupo é a língua portuguesa e castelhana, as pessoas têm o hábito de tomar chimarrão, assistir a partidas de futebol aos domingos e cruzar a fronteira por questões comerciais ou de lazer conforme a necessidade. Essas características são algumas referências do grupo identitário presente na obra, dessa maneira, os personagens representam como diferentes aqueles que não agem e pensam conforme esse padrão referencial.

Na localidade representada em *Contos de futebol* (2011) a referência, ou seja, o normal, era que os personagens torcessem por equipes de futebol daquela região da fronteira, bem como um clube dos países vizinhos. Se alguém não pensasse e agisse assim, era considerada como adversária, pois, torcer por ou “ser do” time Mauá é possuir uma identidade como torcedor desse clube. Quando o indivíduo assume determinada identidade ou não, dá a oportunidade a ele de construir sua a imagem aos outros, quanto a si próprio “para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida pelos outros” (POLLAK, 1992, p. 204). Quando alguém afirma que torce pelo Clube Mauá, depreende-se que ele faz parte de um grupo coeso, de pessoas que não são da mesma origem, mas que se uniram por um ideal comum e têm como referência identitária o clube em questão. A torcida do Mauá passará a ser a baliza de referência, e o que não for do clube, não será o certo, será o rival.

Para esses torcedores pertencerem a um grupo, no caso torcedores do Mauá, eles devem acreditar que aquela equipe é a que melhor represente o sentimento deles, por

conhecerem jogadores e por ser uma equipe próxima. Para Pesavento (1998, p. 23), a “representação do mundo se dá pela credibilidade, aceitação e capacidade mobilizadora”, assim, esses indivíduos aceitaram e são mobilizados a acreditar que aquela é a melhor equipe dentre as possibilidades.

Dessa forma, “a identidade (cultural ou coletiva) é certamente uma representação” (CANDAU, 2019, p. 25), pois os indivíduos, que não são idênticos, imaginam-se e percebem-se como grupo e são capazes de representar, ou recriar, suas origens, história e natureza desse grupo. Considera-se que a noção de representação é uma construção social vinculada a questões políticas e econômicas e interfere no processo de formação identitária, na medida em que está vinculada à forma como “os homens foram capazes de perceber a si próprios e o mundo, construindo um sistema de ideias e imagens de representação coletiva e se atribuindo uma identidade” (PESAVENTO, 1998, p. 20). A representação presentifica um ausente, a partir de uma imagem que se tem sobre o que foi representado, dessa forma a representação enuncia um outro que está distante no espaço e no tempo (PESAVENTO, 1998).

Estudos diferenciam a identidade entre as perspectivas essencialistas e não essencialistas. As representações essencialistas podem ser de ordem racista nos projetos regionalistas e étnicos, bem como também estão presentes nos discursos nacionalistas que visam legitimar uma nação sobre as demais, segundo Candau (2019). Se um grupo mais coeso e ordenado estima determinados valores e símbolos, esses servem como marco de identidade e, ao referenciá-los, atribui-se um valor superior a esse grupo, desvalorizando os demais.

Kathryn Woodward (2000) define representações essencialistas e não essencialistas relativas à identidade. Identidades fixas e imutáveis possuem caráter essencialista que se refere a semelhanças biológicas que um grupo acredita ter, como possuir cor de pele ou características fenotípicas similares. O grupo, por compartilhar a história, a origem e possuir os mesmos mitos fundadores, sugere a existência de um conjunto cristalino e autêntico de características compartilhadas por todas as pessoas que pertencem a esse grupo baseadas em “verdades” biológicas. Dentro dos estudos culturais, sob essa perspectiva, Cuche (2002) classifica essa mesma vertente como objetivista, que, semelhante à perspectiva essencialista, acredita-se que questões biológicas voltadas às origens e às raízes de um grupo são capazes de fundamentar a identidade do indivíduo, sendo possível defini-lo de maneira autêntica a partir da análise fenotípica.

Seguindo essa classificação, a mentalidade de um indivíduo se justifica pelo grupo ao qual ele pertence, e assim a “identidade repousa então em um sentimento de ‘fazer parte’ de certa forma inata. A identidade é vista como uma condição imanente do indivíduo, definindo-

o de maneira estável e definitiva” (CUCHE, 2003, p. 178). Essa teoria desconsidera fatores externos, como a vinculação de um indivíduo a diversos grupos sociais, e passa a justificar certos comportamentos individuais por essa pessoa ser de determinado grupo étnico. As teorias objetivistas relativas à identidade

descrevem a identidade a partir de um certo número de critérios determinantes, considerados como “objetivos”, como origem comum (a hereditariedade, a genealogia), a língua, a cultura, a religião, a psicologia coletiva (a “personalidade básica”), o vínculo com o território, etc. Para os objetivistas, um grupo sem língua própria, sem cultura própria, sem território próprio, e mesmo sem fenótipo próprio, não podem construir um grupo etno-cultural. Não pode reivindicar uma identidade autêntica (CUCHE, 2002, p. 180).

As perspectivas essencialista e objetivista pertencem ao ponto de vista tradicional do estudo de identidade. Essa vertente de estudos identitários recorre à origem e às raízes de certos grupos para afirmar sua identidade, é construída também pelo reconhecimento “de características que são partilhadas com outros grupos de pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal” (HALL, 2000, p. 106). Nessa perspectiva, esses grupos formam bases de solidariedade e de fidelidade, repelindo quem não possui determinadas características internas e externas definidas pelo grupo.

Observa-se, então, que a vertente identitária essencialista fixa suas bases também por meio de ideais, língua, cultura e grupo étnico semelhante. Não basta apenas o indivíduo ter determinada tonalidade de pele e traços fenotípicos conforme um determinado padrão, mas, também, deve ser politicamente engajada seguindo os ideais do grupo, ser continuidade cultural e não questioná-la, além de falar o mesmo idioma. Cuche (2002) salienta que essa perspectiva é perigosa, pois converge à xenofobia, visto que pessoas que pensam dessa maneira acreditam possuir uma identidade inerente e uma superioridade que transcendem a cultura e interferências sociais. Woodward (2000) e Cuche (2002) mencionam as vertentes essencialistas e objetivistas em seus estudos de forma crítica, pois com a globalização e constantes migrações, esse ideal de identidade monolítico é ultrapassado, já que não considera a pluralidade da contemporaneidade.

As perspectivas essencialistas nos padrões de referência mostram-se falhas, pois as pessoas não são idênticas e, para se sentirem pertencentes a determinado grupo, passam a desconsiderarem o passado em comum, produzindo diversas representações quanto à origem, história e natureza dessa coletividade (WOODWARD, 2000).

Contrariando a perspectiva essencialista, formas não essencialistas de análise definem que a identidade não é inerente a uma sociedade, pois os “conceitos de identidade só são pertinentes quando aplicados a grupos” (CANDAUI, 2019, p. 27). Desse modo, precisa-se de

mais de um indivíduo ou grupo para que determinada identidade exista, pois, por mais autêntico que seja um indivíduo, a coletividade sempre deixa alguma referência a se fixar. Essas referências são herdadas em contato com o grupo e a “identidade pode ser negociada e não faz parte da essência de um grupo ou de uma pessoa” (POLLAK, 1992, p. 204). Considera-se, então, que a identidade é admitida em contato com a sociedade, e os múltiplos grupos sociais são capazes de apagar, moldar, recortar traços identitários e memoriais conforme a necessidade e interesse do grupo em se estabelecer e obter coesão.

Com essa conceituação, observa-se uma proximidade com as ideias de Candau (2019), que considera a identidade como uma construção social e que a “identidade está definida mais por coordenadas temporais do que espaciais” (CANDAU, 2019, p.60). Portanto, em determinada época um grupo social pode ver o outro como semelhante ou diferente, variando conforme o contexto. Observa-se que, com o passar do tempo, os habitantes do que na atualidade é a fronteira do Brasil com Uruguai modificaram a maneira de perceber o outro. Esse mesmo espaço foi representado nas obras *Contos Gauchescos* (2006), de Simões Lopes Neto, e *Contos de futebol* (2011), de Aldyr Schlee (2011). Em Lopes Neto, os castelhanos da Banda Oriental eram representados como *bandoleiros*, *castelhanos* e ladrões, e essa imagem negativa foi construída porque no século XIX a Colônia do Brasil e da Banda Oriental, região que hoje compreende o Uruguai, eram inimigos. Após o término das guerras por questões territoriais, mesmo com a demarcação de fronteira, os traços culturais e hábitos como o chimarrão se mantiveram. Na obra de Schlee, publicada um século depois de Lopes Neto, observa-se a proximidade com os vizinhos uruguaios, numa relação harmoniosa de sujeitos amigos, pois brasileiros e uruguaios daquela região compartilhavam a paixão pelo esporte e sentiam o abandono econômico das respectivas capitais federais.

Para que os indivíduos percebam a si próprios como sociedade, são necessárias ideias e imagens identitárias que são construídas coletivamente de forma discursiva. Em *Contos Gauchescos* (2006), por exemplo, Blau Nunes utilizava termos negativos ao mencionar indivíduos da Banda Oriental, já Schlee (2011) os caracteriza como *hermanos*. Ou seja, na literatura que representa a fronteira, o discurso de rio-grandenses para definir o outro se modificou conforme o tempo e a necessidade. Entre as décadas de 1920 a 1990, em Jaguarão e Rio Branco, conforme a narrativa schleeriana, encontra-se mais semelhança cultural e econômica entre essas duas cidades do que com as capitais de seus respectivos países.

A identificação cultural também se dá de forma discursiva, por meio de textos e discursos disseminados em grupos que se fixam em locais (não lugares) que não são onde nasceram. Dessa forma, há um compartilhamento de lembranças, crenças e rituais, e as

identidades, então, disseminam-se, pois já não é mais monolítica, mas sim plural (BHABHA, 1998). Quando esse discurso é reiterado ou disseminado, as pessoas podem se perceber semelhantes e acreditar que pertencem ou não a um grupo por se sentir incluídas, fazendo parte da continuidade de uma coletividade. Os discursos identitários devem estar permeados na formação desse sujeito quanto indivíduo que se reconhece como igual em um grupo.

Para um sujeito reconhecer-se como diferente ou igual, o discurso a respeito de seu grupo e do outro deve ser reiterado, marcando a distinção entre “eu/nós” e “ele/eles”. Para que essa diferenciação seja eficaz a ponto de distinguir um grupo de outro é necessário que haja coesão de grupo. Para que determinada sociedade adquira certo nível de coesão, garantindo o poder de definir o outro como diferente, necessita o que Norbert Elias (2000) considera como um paradigma empírico de se autorrepresentar. O poder de se autorrepresentar está vinculado a quem tem o poder de caracterizar o outro como inferior, com baixo valor humano. A autorrepresentação é bem aceita entre os grupos identitários, pois carrega de positividade o próprio grupo e estigmatiza o grupo “diferente”. Além disso, os padrões de referência a serem seguidos e que podem mobilizar determinado grupo são carregados de credibilidade e aceitação.

O grupo que se sente representado por algum discurso busca credibilidade (PESAVENTO, 1998). Se o discurso disseminado satisfaz as necessidades do grupo, grande parcela da população o toma para si e se sente identificado e, ao mesmo tempo, diferente do outro. Ao perceber alguma ameaça do outro grupo identitário, esse grupo ameaçado promove discursos que representem esses outros como inferiores, muitas vezes fazendo referência a questões sexuais, morais e higiênicas (ELIAS, 2000). Em “Maestros del fútbol”, percebe-se a forma como o narrador identifica o outro como inglês, estigmatizando-o:

Mr. Randolph Galloway sentava à mesa de jantar separado dos demais. Punha um guardanapo no colo, acomodava-se na cadeira; e comia com a elegância de que tinha nas mãos e no uso do garfo e da faca a agilidade e a leveza que pretendia para nós nos pés e no trato da bola (SCHLEE, 2011, p. 58).

Quando o narrador salienta que o inglês janta separado, nota-se que o normal é os integrantes do grupo fazerem as refeições juntos. Pelas minúcias dos gestos observados, depreende-se que os jogadores e equipes não tinham esses hábitos à mesa. O estrangeiro era representado dessa maneira porque representava um risco real aos jogadores, que os ensinassem a jogar de forma hábil e delicada, ou seja, o contrário da realidade representada nos contos.

Estigmatizar, definir, pautar e estereotipar tanto o seu grupo quanto outro é uma maneira de atribuir identidade a partir de noções criadas pela diferença e por características complicadas de delimitar. Por isso, os “estereótipos serão as muletas de um pensamento classificatório frustrado ou posto em questão por uma massa de informações muito complexas ou desordenadas” (CANDAUI, 2019, p. 84). Assim, se um grupo identitário coeso não se sentir identificado com outro, ele se autorrepresentará com estigmas e estereótipos positivos e negativos quando for classificar o outro, da mesma forma que o narrador estigmatizou o inglês de ágil e delicado. Muitas vezes, estigmatiza-se um grupo por desconhecer sua ordem e por possuir ideias e sistemas de valores distintos daqueles que servem de baliza. Ou seja, ao estigmatizar um grupo é como sentir-se diferente e superior, marcando a diferença entre “nós” e os “outros”.

As identidades, que são construídas dentro do discurso, são “produzidas em locais históricos institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas” (HALL, 2000, p. 109). O grupo produz sua identidade conforme a época, lugar e situação política e econômica em que a sociedade se encontra, por isso ela não é fixa e imutável, pois se molda conforme a necessidade. Conforme os estudos de Hall (2000), identidade se molda de acordo com o outro, sendo necessária a aproximação com esse “outro” para se assumir como igual ou diferente. Para Candau (2019) as identidades

não se constroem a partir de um conjunto estável objetivamente definível de “traços culturais” – vinculações primordiais -, mas são produzidas e se modificam - no quadro das relações, reações e interações sociossituacionais – situações, contexto, circunstâncias-, de onde emergem os sentimentos de pertencimento, de “visões de mundo” identitárias ou étnicas. Essa emergência é a consequência de processos dinâmicos de inclusão e exclusão de diferentes atores que colocam em ação estratégias de designação e de atribuição de características identitárias reais ou fictícias, recursos simbólicos mobilizados em detrimento de outros provisórios ou definitivamente descartados (CANDAUI, 2019, p. 27).

Ao se incluir em um grupo, ou permitir que alguém participe da mesma coletividade, depreende-se que exista o sentimento de pertencimento e que essas “visões de mundo” sejam semelhantes. Utiliza-se como exemplo os gaúchos uruguaios, argentinos e sul-rio-grandenses, que, desde que passaram a ser representados pela literatura, possuíam alguns traços culturais, étnicos e econômicos semelhantes. Por mais que guerras tenham acontecido, certos hábitos típicos mantiveram-se intactos durante o tempo, como tomar chimarrão e não se identificarem com “os da cidade”, “os de Montevideú”, “do Rio de Janeiro”, conforme *Contos de futebol* (2011).

Quando um indivíduo se autorreferencia como “brasileiro” ou “uruguaio”, nas perspectivas de Hall (2000), Woodward (2000) e Silva (2000), depreende-se que esse locutor não seja nem brasileiro, nem uruguaio. Essa forma de associar as identidades é a forma oposicional e dialógica, ou seja, afirmar-se como brasileiro significa dizer que não é uruguaio, boliviano, colombiano, etc. Ao afirmar que outro sujeito não é uruguaio, esse pode ser de qualquer outra nacionalidade, menos a uruguaia. Para que essas oposições sejam definidas, necessita-se da interação com demais coletividades para que as diferenças sejam marcadas.

Esse processo de diferenciação ocorre a partir de balizas que são capazes de marcar os limites, ou seja, por meio de características que um grupo possui e outro não.

Identidade e diferença estão relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir de um ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. (SILVA, 2000, p. 82).

Quando os personagens naturais de Jaguarão definiam Mr. Galloway como “inglês” é porque havia uma hierarquia de grupo, em que o “normal” era pertencer àquele lugar de fronteira, comunicar-se mesclando português e castelhano e não ser inglês. Dessa forma, “a identidade assim concebida parece ser uma positividade (‘aquilo que sou’), uma característica independente, um ‘fato’ autônomo. Nessa perspectiva, a identidade só tem como referência a si própria: ela é autocontida e autossuficiente” (SILVA, 2000, p. 74). Quando alguém se autorreferencia e diz “sou brasileiro”, a referência é essa primeira pessoa que afirma essa identidade e ao mesmo tempo nega todas as outras, pois é mais simples admitir uma identidade do que negar todas as demais (SILVA, 2000). Deve-se considerar que quando um indivíduo necessita afirmar-se é por não se sentir semelhante a outro indivíduo ou grupo (ARAÚJO; SUZUKI, 2019).

Noções de identidade e diferença mantêm relações estreitas, visto que afirmar-se como diferente também é marca identitária. Quando se afirma: “ela é uruguaia” ou “ele é brasileiro”, ou seja, ao afirmar que o outro é alguma coisa, marca-se a diferença entre a primeira e a terceira pessoa. Um brasileiro não chamará dessa forma outro brasileiro, pois ao referir-se a seu semelhante dirá: “nós somos brasileiros” ou “ele também é brasileiro”. Ao referenciar alguém, marca-se principalmente a diferença e esse adjetivo (brasileiro, uruguaio, latino-americano) está carregado de representações que podem tanto aproximar quanto distanciar. Ao afirmar “ele é latino-americano” depreende-se que ele (o outro) é diferente dessa primeira pessoa que não possui a identidade latino-americana (SILVA, 2000). Assim

Para haver a necessidade de afirmação é imprescindível a dualidade da identidade e da diferença como posicionamentos antagônicos. Trata-se, aqui, da identidade como

norma, que tende a reger a vida social e por isso deter a hegemonia em detrimento das minorias, e da diferença, que tende a se contrapor ao modelo hegemônico e por isso mesmo desviar das normas sociais predominantes. (ARAÚJO; SUZUKI, 2019, p. 119).

Essa cadeia de afirmações ou negações faz sentido, pois não se vive num mundo homogêneo, em que todas as pessoas possuem a mesma identidade (SILVA, 2000). Com as mudanças globais se misturaram e fragmentaram as identidades. Logo, referenciar-se e diferenciar o outro são formas simples e eficazes de marcar a identidade e mostram a dependência que identidade e diferença têm uma da outra. Essas classificações não seriam necessárias caso existisse apenas um grupo identitário e homogêneo.

A identidade e a diferença também são interdependentes por serem resultantes de uma criação linguística. Silva (2000) menciona que devido à identidade não fazer parte da essência do ser humano ela é produzida por meio da linguagem. Nessa perspectiva saussureana, afirmar-se como brasileiro pouco significa, logo, para ter sentido, precisa-se estar em uma cadeia de diferenciação linguística, em que “brasileiro” não possui um valor absoluto isoladamente. Para marcar-se como “brasileiro”, “uruguaio”, “colorado” e fazer sentido quanto a sua representação, precisa-se estar em uma situação linguística ou dialógica em que seja necessário afirmar ou negar uma identidade para ser semelhante ou diferente de outro indivíduo, pois não faz parte da essência do ser humano ser brasileiro ou uruguaio.

Dividir o mundo social entre “nós” e “eles”, então, é uma maneira de classificar. Esse processo é central na vida social, pois separa e distingue, afirma e reafirma uma relação de poder. O processo de “incluir/excluir (estes pertencem, aqueles não); demarcar fronteiras (‘nós’ e ‘eles’); classificar (‘bons e maus’; ‘puros e impuros’; ‘desenvolvidos e primitivos’; ‘racionais e irracionais’); normalizar (‘nós somos normais’, ‘eles são anormais’)” (SILVA, 2000, p. 80) garantem privilégios diante de outro grupo.

Constata-se que a partir da análise dialógica a respeito da identidade convergiu em diferentes possibilidades. Percebe-se em Silva (2000) o aprimoramento dessa análise, em que além das identidades nacionais, existem grupos sociais que lutam constantemente por construir sua própria identidade, marcando a diferença daqueles que os oprimem, como é o caso dos movimentos feministas, movimentos lgbtqi+ e movimento negro. Dessa forma, depreende-se que afirmar ser feminista não significa apenas ser uma mulher, mas, sim, assumir determinada performatividade e maneira de lutar contra o machismo (SILVA, 2000). Entende-se, conforme Pesavento (1998), que construir uma identidade é atribuir um sentido, pois após o século XIX apenas afirmar a nacionalidade não basta, é necessário afirmar a qual

grupo pertence, qual profissão exerce para adquirir um sentido identitário que mais se aproxime à realidade da pessoa ou grupo.

Candau (2019) considera que a nível de grupo, a complexidade de definir “identidade” aumenta, pois ela não é recorrente, visto que na contemporaneidade as pessoas de um mesmo grupo não são iguais, são no máximo semelhantes, e se assim for, isso pode satisfazer seu espírito e aproximá-las. Na atualidade, ser “vegano”, “ciclista” ou “torcedor de determinado clube” também passa a ser uma modalidade identitária (ARAÚJO; SUZUKI, 2019). Nessa mesma perspectiva, ao afirmar-se como “colorada” implica em ser mulher e não ser “gremista”, essas perspectivas binárias em marcar a diferença entre *eu/ele* é a forma ideal de classificar e categorizar a identidades, pois todo grupo

é dotado de uma identidade que corresponde à sua definição que permite situá-lo no conjunto social. A identidade social é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob o mesmo ponto de vista) (CUCHE, 1998, p. 177).

Verifica-se, então, que analisar os personagens, bem como os narradores na perspectiva não essencialista, dialógica, de forma oposicional, é a mais adequada, visto que possuem naturalidades plurais, traços fenotípicos diferentes. No conto “Maestros del fútbol”, por exemplo, um amigo era afrodescendente, outro tinha olhos claros e outro possuía orelhas grandes, ou seja, eram diferentes. O que os unia era a linguagem mesclada entre os idiomas oficiais dos países, a paixão pelo futebol, as moradias próximas, as compras realizadas nos mesmos locais e a forma de enxergar os de Montevidéu, Rio de Janeiro e de outras nacionalidades como diferentes daqueles que habitavam o espaço diegético entre Jaguarão e Rio Branco.

2.3 INDIVÍDUO E COESÃO DE GRUPO NA FRONTEIRA PLATINA

Por meio da memória o indivíduo reconstrói seu passado, recorda momentos em que acredita ser a totalidade de tudo o que viveu, para então recompor uma narrativa, sempre de forma original sobre o seu passado. Em cada lembrança algo é excluído ou enfatizado, pois dependendo do interlocutor, certos assuntos serão evocados ou ocultados. Assim, “a imagem que desejamos dar de nós mesmos a partir de elementos do passado é sempre pré-construída pelo que somos no momento de evocação” (CANDAU, 2019, p. 77). O narrador, ao evocar suas recordações, ilumina ou omite partes de sua vida, deixando coerentes essas passagens para que sejam compreendidas.

As lembranças evocadas ecoam em outras do grupo, formando os quadros de memória conceituados por Halbwachs (2006). Dessa forma, as lembranças que constituem a memória coletiva vão alimentar o sentimento de identidade, uma vez que “esse ato de memória, que é a totalização existencial, dispõe balizas sólidas, aparecem às memórias organizadoras, poderosas, fortes, por vezes monolíticas, que vão reforçar a crença de uma origem ou história comum ao grupo” (CANDAU, 2019, p. 77).

Essas balizas são alguns contextos sociais reais que servem como pontos de referência à memória, que facilitam a localização e a recordação. Uma memória ao ser evocada é realizada de forma não cronológica, e muitas vezes repete-se o mesmo acontecimento, esquece-se de outro, mas os marcos memoriais são pontos invariantes (POLLAK, 1992). Quando evocados, esses marcos não sofrem mudanças ou confusões, como acréscimos de detalhes, confusão cronológica ou apagamentos, mas, sim, são lembrados pelo grupo integralmente, e, além disso, “tornam-se realidade, passam a fazer parte da própria essência da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 201).

Depreende-se que memória faz parte da essência do indivíduo e de grupos, e, ao ser transmitida, deve ser capaz de mobilizar as lembranças, fazendo com que ocorra a socialização e educação (CANDAU, 2019). Por isso, os comportamentos, as identidades étnica e cultural podem ser apreendidas a partir das experiências e discursos memorialistas rememoradas em grupo. Para Candau (2019, p. 105), “o homem é um ser social”, ou seja, é a partir do indivíduo em sociedade que sua memória vai se constituir e formar sua identidade.

Analisadas pelo viés das Ciências Humanas, memória e identidade são conceitos indissociáveis, pois “não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente” (CANDAU, 2019, p. 19). Apesar de memória e identidade estarem intimamente ligadas, possuem particularidades que as distinguem, dado que a memória coletiva pode ser considerada como um conceito, já a identidade se realiza a partir da relação com o outro. Mesmo assim, as duas são construídas a partir do contato com o grupo, visto que a memória coletiva enriquece com detalhes mais nítidos a memória individual (HALBWACHS, 2006) e a identidade se dá a partir do “outro”, numa relação diferencial e dialógica (HALL, 2000).

A relação entre memória e identidade pode ser notada no conto “Maestros del fútbol” (2011), em que a afirmação identitária do narrador se dá quando ele está no cinema, assistindo a um filme argentino, mas se recorda das ilustrações que fez em seu álbum da Copa de 1950, do convite que recebera para assistir à final no Maracanã e das marchinhas e cânticos brasileiros e uruguaiois. O que faz o narrador brasileiro sentir-se uruguaio é quando ele se

percebe no meio das comemorações em que a seleção celeste vence a Copa de 1950 e não se sente culpado por estar feliz, mesmo a seleção de seu país ter perdido.

A memória pode ser entendida como a identidade em ação (CANDAU, 2019), capaz de fundá-la a partir de jogos de lembranças e esquecimentos, pois a “memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado” (POLLAK, 1992, p. 203). Por isso se realiza um trabalho de organização para definir o que deve ser lembrado e excluído para que assim a memória seja construída. Devido à impossibilidade em arquivar todas as memórias de um grupo, selecionam-se os fragmentos mais representativos para que se fixem na memória coletiva uma narrativa coesa sobre os acontecimentos, que convença e satisfaça as necessidades do grupo em cada momento da história. Assim, ao serem compartilhadas, selecionadas, herdadas e transmitidas novamente para outras gerações, fazem com que as pessoas incorporem aspectos do passado. A partir dessa construção, a memória passa a ser herdada por meio das relações sociais dos indivíduos (POLLAK, 1992).

A memória coletiva é incorporada às memórias individuais também por herança, e esse sujeito que recebeu essas memórias às incorpora em sua memória individual, contribuindo para a coesão do grupo. Essas memórias incorporadas pelo grupo passam a fazer parte da essência dessa coletividade e auxiliam a formação da identidade do grupo social. Não se deve considerar que a identidade do grupo seja adquirida apenas por meio da memorização ou pelo domínio de técnicas que podem representar um grupo. Não basta somente afirmar o pertencimento a determinado grupo identitário, mas, sim, deve-se vivenciar cotidianamente os costumes e rituais de grupo.

Para fazer parte de um grupo, e assim assumir uma identidade, as vivências, gestos e expressões comuns devem ser compartilhados e assimilados por meio de retóricas holistas. Compreende-se a retórica holista como “o emprego de termos, expressões e figuras para denominar conjuntos considerados como homogêneos e estáveis” (LIMA, 2016, p. 2). Somente com a assimilação e incorporação dessas características um indivíduo passa a fazer parte de um grupo coeso, não destoando dele por hábitos, opiniões ou questionamentos divergentes.

Segundo Candau (2019), quanto menos indivíduos compuserem um grupo, maior será o grau de pertinência e coesão dele, ocorrendo o contágio de ideias mais facilmente. Essas sociedades que possuem um forte conhecimento entre seus membros são mais propícias à constituição de uma memória coletiva de forma organizadora e forte. Para a memória coletiva ser considerada forte, ela deve ser massiva, coerente, compacta, profunda, com alto grau de pertinência das retóricas holistas (CANDAU, 2019). A respeito da memória forte,

é uma memória organizadora no sentido de que é uma dimensão importante da estruturação de um grupo e, por exemplo, da representação que ele vai ter de sua própria identidade. Quando a memória é própria de um grupo extenso, falarei de uma grande memória organizadora (CANDAUI, 2019, p. 44).

Pode-se atentar que em regiões mais afastadas das metrópoles ou capitais o nível de coesão do grupo é maior, pois as memórias individuais visam objetivos comuns e possuem o mesmo horizonte de ação. Dessa forma organizada, a memória coletiva é construída por meio de triagens, acréscimos e eliminações feitas sobre as heranças memoriais (CANDAUI, 2019) dos indivíduos que compõem o grupo.

No conto “Maria Adélia” (2011), percebe-se a coesão daquele grupo social que pertencia à longínqua Airosa Galvão, localidade que existia no entorno da estação de trem com o mesmo nome e que era um ramal da linha de Jaguarão. Quando os trens pararam de trafegar naquela estação, o vilarejo tornou-se ainda menor e os poucos habitantes que viviam ali ainda tinham a lembrança cristalizada na memória sobre falecida Maria Adélia. Os netos dos antigos moradores que conviveram com a mulher que dá título ao conto herdaram as memórias dos seus avós, por isso sabiam que as ruínas diante à estação eram da antiga casa da família da falecida, que ela era costureira, que torcia pelo América F.C. e que possuía uma boneca da *Shirley Temple*. Nota-se que a triagem memorial dos mais velhos a respeito de Maria Adélia é a respeito de suas qualidades, mas o suicídio é mencionado raríssimas vezes por eles. Os mais jovens supõem que ela tenha se suicidado quando juntam fragmentos memoriais como: todos os familiares de Maria Adélia terem morrido de forma trágica antes dela e o América F. C. ter perdido na final do campeonato em 1946. Assim, a moça não tinha mais razão de viver, pois, conforme o hino desse clube, se deve torcer até morrer.

Memórias a respeito de Maria Adélia são evocadas pelo grupo quando assuntos vinculados ao futebol são mencionados, pois apenas ela era torcedora de algum clube de futebol na região. O que torna esse grupo de Airosa Galvão coeso é o compartilhamento daquele lugar de abandono e subdesenvolvimentos e as memórias organizadoras que são delimitadas em um tempo e possuem elementos simbólicos, como a menção de campeonatos e nome de personagens da época perpassam o tempo.

A memória coletiva tanto alimenta quanto fortalece as identidades individuais e coletivas (CANDAUI, 2019). No conto “Maria Adélia” os mais jovens herdaram a memória coletiva dos mais velhos, assim, conhecer a história da localidade, que foi se extinguindo conforme o fim da viação férrea se aproximava e pessoas morriam, aumentando o grau de pertinência do grupo, pois possuíam memórias coletivas semelhantes em relação àquela localidade. Pollak (1992) relaciona a memória com a identidade, pois as memórias individuais

e coletivas se constroem a partir da imagem que o indivíduo constrói sobre si e sobre o outro. Explica essa teoria firmando que há três elementos na construção da identidade:

A unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteira de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente há o sentido de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam o indivíduo são efetivamente unificados (POLLAK, 1992, p. 204).

Esses três elementos que constroem a identidade estão intimamente ligados ao pertencimento no grupo, no tempo e na coesão dessa coletividade, critérios importantes também à memória. A fronteira física é estabelecida quando um indivíduo ou grupo não possui semelhanças físicas, psicológicas ou morais com outros. Dessa forma, esse indivíduo não compartilha as mesmas memórias e também pode enxergá-lo como “outro”, diferente dessa primeira pessoa. A temporalidade está imbricada na relação entre memória e identidade, pois a memória coletiva resiste ao tempo de acordo com a duração de um grupo, e conforme as memórias acabam (pela morte dos indivíduos ou anexação de outras memórias) esse grupo perece junto. Um grupo identitário deve ter também coesão memorial, ou seja, que a memória individual de cada integrante da sociedade seja semelhante. Assim, as memórias fortes favorecerão o sentimento de identidade do grupo.

Para Candau (2019), a memória é anterior e combustível da identidade em que primeiro o sujeito se lembra para então se sentir identificado. Outra semelhança é que memória e identidade existem de forma diferencial, ou seja, no conto “Maria Adélia” os personagens se autorrepresentam como naturais de Airosa Galvão porque não se consideram de Pelotas, o narrador de “Encantos de futebol” afirma-se ser torcedor do Mauá porque não é do Peñarol⁵ ou Nacional, estabelecendo uma fronteira com o outro, conforme a relação dialógica identitária estabelecida por Hall (2000). A memória coletiva se constitui quando a memória individual de cada sujeito componente do grupo possui o mesmo horizonte. Se um indivíduo não consegue evocar as lembranças dos demais é porque ele não estava no momento em que determinado acontecimento significativo ocorreu ou não herdou essa lembrança. Por não ter as mesmas lembranças semelhantes, ele passa a não fazer parte do grupo de forma coesa.

Para Candau (2019), a memória fornece as bases para a construção da identidade. Para que um indivíduo ou grupo social saiba quem é e o que representa, é necessário, primeiramente, fixar-se na memória, pois “a memória é um elemento constituinte de

⁵ Opta-se por escrever Peñarol, de acordo com a grafia dos *Contos de futebol*, respeitando o nome original da equipe em espanhol.

identidade, tanto individual quanto coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204).

A memória coletiva fornece lembranças concretas, e não hipóteses, sobre o passado do grupo a um indivíduo, que pode, ou não, se sentir pertencente e ser capaz de dar continuidade a esse grupo. A memória é uma faculdade capaz de constituir a identidade, pois “sem lembranças o sujeito é aniquilado, [e] a memória auxilia a fundar as identidades coletivas.” (CANDAU, 2019, p. 17). Candau (2019) utiliza como exemplo o de camponeses que se rebelam contra o poder vigente. O senhor das terras questiona os antigos súditos se eles se esqueceram de quem eram, subentendendo que camponês não tem o direito de reivindicar. Esses camponeses deixaram de ser explorados e passaram a se identificar como donos da própria mão de obra. Mesmo com as modificações sociais, esse grupo de pessoas ainda se considerava como camponês, pois compartilhava as mesmas memórias e possuía coesão de grupo.

Entende-se, então, que a identidade não é instituída, não é alguém afirmando que um indivíduo não é camponês para esse deixar de ser, visto que existem memórias que auxiliam a formar a coesão do grupo, e, consecutivamente, a sua identidade. O mesmo acontece nas guerras por território ou quando um grupo identitário é anexado a outro país. Em seus estudos, Woodward (2000) afirma que após a dissolução da Iugoslávia os cidadãos passaram a não se reconhecerem como grupo coeso e um dos elementos diferenciadores entre sérvios e croatas era a marca de cigarros. Por se sentirem diferentes já que não compartilhavam as mesmas memórias e símbolos, as fronteiras geográficas estabelecidas não satisfaziam os anseios identitários dos sérvios, fazendo com que os croatas fossem diferentes. Assim, percebe-se a importância de o narrador de “Aquela tarde impossível” participar das comemorações do campeonato mundial uruguaio, pois estar naquela celebração, comemorar junto aos uruguaios, cantando o hino, agitando bandeiras e usar a camisa celeste, símbolos nacionais naquela ocasião, tornava esse protagonista natural do Brasil se sentir uruguaio, pois estava compartilhando os símbolos e se sentindo representado.

Ao sul da América Latina, observa-se que as delimitações políticas tardias na região platina, região banhada pelo Rio da Prata, na fronteira entre o estado do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina, favoreceu com que indivíduos que habitavam essa região há séculos formassem um grupo coeso, que compartilha memórias e se identifica. As fronteiras que separam esses três países foram demarcadas pelos colonizadores europeus e as diferenças culturais não foram consideradas nessa delimitação. Assim, mesmo apartados politicamente,

os personagens dessa fronteira diegética em *Contos de futebol* (2011) percebem-se como semelhantes.

As personagens de Aldyr Schlee caracterizam o típico sujeito fronteiriço. Invadem o limite como quem abre a porta da própria casa. São sujeitos de lá e do cá, com todas as características que envolvem o cá e o lá no entrecruzar do rio Jaguarão, ponto geográfico de suas origens biográficas que o autor elege como espaço preferencial de seus contos (SILVA, 2010, p. 30).

Na literatura de Schlee, observa-se a proximidade geográfica entre Brasil e Uruguai, representando o intercâmbio cultural entre a população fronteiriça, destacando que as tentativas estatais (e midiáticas) de separar pela diferença econômica e linguística os países platinos não funcionam. Os vínculos culturais são tão fortes que apesar de os países falarem línguas diferentes, a comunicação ocorre, pois eles se entendem e alternam os idiomas conforme a necessidade,⁶ além de se perceberem como semelhantes. Segundo Dorfman (2009, p. 2), se

os processos de construção do estado e de nacionalização de seu território fossem completamente bem sucedidos observaríamos, nos limites do estado, uma mudança abrupta de um a outro povo, de uma a outra língua, de uma a outra cultura, acompanhando os limites da soberania estatal.

Os personagens schleerianos cruzam a fronteira cotidianamente, seja para jogar partidas de futebol amador, como “Em aquele brilho nos olhos”, ou profissional, em “Encantos del fútbol” e até mesmo para ir ao café, conversar domingo à noite, como em “O primeiro e o último”. As compras, o lazer e o jogo eram do lado (ou país) que fosse mais conveniente aos personagens que compõem *Contos de futebol*. Desde o início da primeira narrativa que compõe a obra analisada, percebe-se a proximidade territorial e cultural entre Jaguarão e Rio Branco. Os gurus atravessaram a ponte em 16 de julho de 1950 para o lado de Rio Branco a fim de assistirem à *matinée* e não ouviriam no rádio a final da Copa. Para o narrador, no presente diegético, aquele dia “faz um friozinho regular, mas há sol – e só o vento, sobre a ponte do rio Jaguarão, entre o Brasil e o Uruguai, denuncia um inverno sem fronteiras, de campos gelados, ruas desertas e pessoas encolhidas” (SCHLEE, 2011, p. 19). A partir desse trecho, percebe-se que naquela fronteira, assim como o vento, as pessoas circulavam livremente de um lado a outro, pois o inverno, os campos e as ruas vazias formam o cenário diegético que caracteriza aquela região.

⁶ A obra *Contos de futebol* (2011) é escrita em Língua Portuguesa, mas, por representar o cotidiano de personagens num espaço de fronteira, personagens e narradores alternam os códigos linguísticos conforme a necessidade. “Quando uma nova circunstância de fala ocorre e o falante prefere usar o outro código linguístico e muda rapidamente a língua que falava antes, essa mudança de código ou alternância pode ser chamada de *code switching*” (SIGUAN, 2011).

Essas semelhanças entre o clima e hábitos favorecem que os vínculos culturais existentes na região banhada pela Bacia do Rio da Prata promovam uma identificação cultural dos habitantes desse espaço. Essa identificação se justifica

pelo reconhecimento de que, entre o Uruguai (e parte da Argentina) e parte do Rio Grande do Sul estabeleceu-se uma cultura comum do homem do pampa, a chamada cultura gaúcha, com sua respectiva literatura, por cima das fronteiras nacionais e das barreiras linguísticas. É a *comarca pampeana* (SCHLEE, 2002, p. 63).

Para Schlee (2002), o Estado do Rio Grande do Sul possui uma cultura que não respeita os limites geográficos. Grande parte do estado meridional brasileiro compartilha o Pampa com o Uruguai e por isso a pecuária era fonte de riqueza desta região platina. O que também uniu os laços históricos dos países vizinhos foi a naturalidade com que o gado era contrabandeado, da mesma forma que disputas por terra e gado propiciavam momentos ora de guerra ora de paz. Questões econômicas e demarcação tardia de fronteira são fatores que favorecem que parte da população do Estado do Rio Grande do Sul se identifique culturalmente com os *hermanos* platinos (PESAVENTO, 1998). Por isso, é comum o fato de os personagens de *Contos de futebol* (2011) torcerem por times uruguaios nesse contexto social, visto que assistir presencialmente a uma partida do Nacional é muito mais acessível do que assistir a uma partida de equipe do sudeste do Brasil, por exemplo.

A escolha de um time uruguaio se justifica por os personagens da obra de Schlee também se sentirem culturalmente pertencentes ao outro lado da fronteira. Esse sentimento de pertencimento ocorre por partilharem a cultura semelhante e por personagens se sentirem identificados com a sociedade que estavam inseridos e pelo clube esportivo local, ressaltando aquilo que Pesavento (1998) menciona sobre o estado mais meridional do Brasil, o qual se diferencia dos demais porque seus habitantes se consideram “parcialmente” latino-americanos.

[...] o Rio Grande do Sul é a única zona do Brasil que apresenta um sentimento de pertencimento a uma realidade latino-americana, porém platina. Dela o Rio Grande se sente mais próximo do que o distante nordeste, estranho em hábitos, história e linguagem. Quanto ao Prata, a semelhança de formação histórica, que possibilitou a construção de discursos assemelhados, forjou identidades muito próximas, baseadas na civilização pastoril e guerreira, apoiada nas virtudes militares, no machismo e nos padrões autoritários de mando (PESAVENTO, 1998, p. 38).

Considera-se que essa identidade platina foi forjada a partir da origem miscigenada dos povos originários, africana, castelhana e portuguesa, de forma que não há identificação com sociedades de origem não ibérica. Além disso, essas virtudes militares, machismo e autoritarismo são características, pois foram militares os primeiros sesmeiros que fixaram

residência naquela região a fim de expulsar castelhanos que invadiam terras brasileiras em tempos de guerra (MARTINS, 2002).

O sentimento de pertencimento e percepção de uma terra só ocorreu no século XX, quando a industrialização, a troca gradual da pecuária pela agricultura e a “estagnação da pecuária e a baixa rentabilidade dos latifúndios, associados à introdução [...] da mecanização das lavouras, diminuíram as oportunidades de trabalho para o homem do campo” (BITTENCOURT, 1999, p. 48). A situação sociossituacional do século XX permitiu que esse grupo social se enxergasse como semelhante pela questão social e econômica, e a obra de Schlee (2011) representou esse sentimento de pertencimento e semelhança entre a região que divide Brasil e Uruguai.

Conforme Karla Maria Müller (2002), o que favorece a identificação cultural dessa região é o hábito de beber chimarrão e de comer churrasco, o que é cultivado principalmente pela população da fronteira do Rio Grande do Sul. Nessa região é onde se conserva “uma aura de culturalmente ‘emblemática do estado’, é hoje chamada, pelos meios produtivos, de ‘Metade Sul’, um eufemismo para designar a parte atrasada do Rio Grande, desprovida de empreendimentos, com economia decadente” (MARTINS, 2002, p. 241).

Existem diversas possibilidades de nomenclatura para essa região de Jaguarão, como Fronteira, Comarca Pampeana e Metade Sul, cada uma representando uma concepção desse lugar, seja ela geográfica, cultural ou econômica. Independentemente da classificação, o que se observa tanto em *Contos de futebol* (2011) quanto na literatura a respeito dessa região é que ela está distante, e por isso esquecida das capitais ou metrópoles de seus países. Dessa forma, “as preocupações em resolver os problemas locais levaram o homem da região a criar mecanismos para resolver suas dificuldades, estimulando integrações entre povos de ambos os lados da fronteira” (MÜLLER, 2002, p. 223). No conto “Encantos de futebol” (2011), o narrador afirma se sentir influenciado pelo “lado de lá”, de Rio Branco, pois o sinal do rádio era melhor, os periódicos chegavam mais rápido, havia médico e melhores opções de compras e passeio. Para Dorfman (2009, p. 3), o local de fronteira “[...] chama a si certos tipos de práticas legais e ilegais (comércio, transportes), atrai pessoas que desejam beneficiar-se das vantagens presentes no local, na forma de um custo de vida menor [...], acesso a serviços como saúde, energia e telefonia.”.

Devido às localidades estarem esquecidas pelo poder federal de cada país, as necessidades impulsionavam o intercâmbio das pessoas, e os fatores culturais comuns do Prata reforçaram o sentimento de pertencimento e identidade daquela região. Conforme Pesavento (1998, p. 60), no cone sul “a regularidade dos processos coletivos vivenciados

historicamente plasmou representações similares. Para o Rio Grande do Sul, tem sentido em falar um “nós” identitário que abrange a vizinhança platina, à frente do qual “estranhos” poderiam ser os brasileiros do norte”.

No conto “Empate”, observa-se que Richar, o protagonista, é de nacionalidade uruguaia, pois nasceu em Rio Branco, mas foi jogar no Brasil de Pelotas e se interessou por Maria de Lourdes, brasileira, residente dessa cidade. Em nenhum momento do conto o narrador menciona a nacionalidade desses personagens, mas sabe-se dessas informações porque durante a trama isso se esclarece. É interessante observar que o narrador ao se referir ao colega de quarto de Richar chama-o de Joãozinho Paulista. “Joãozinho Paulista era legal. Ele parecia que tinha jogado em todos os times do mundo. Sabia tudo” (SCHLEE, 2011, p. 73). Nota-se que a diferença foi marcada por ele não ser daquela região, e dessa forma a identidade platina foi marcada pelo contato com “o outro” da região Sudoeste do Brasil. As diferenças entre Richar e o paulista são ressaltadas, pois quando o narrador garante que este último sabia de tudo, era sinal que nunca lhe faltava assunto e muitas vezes podia querer sobressair-se sobre os demais. Esse temperamento contrasta com as características de timidez, tristeza e solidão, constantes nos personagens da obra de Schlee (2011).

Mesmo Maria de Lourdes sendo de Pelotas (RS), de outra nacionalidade e uma mulher negra, Richar sentia-se mais semelhante a ela do que ao alegre Joãozinho Paulista. Dalcastagnè (2003, p. 33) salienta que na literatura brasileira contemporânea nunca “antes os homens possuíram tamanha mobilidade geográfica, o que faz com que sentimentos comunitários percam a centralidade.” Torna-se mais fácil perceber o vizinho de outro país como igual e um paulista como estrangeiro, pois na região da fronteira diegética dos contos os personagens possuem coesão de grupo.

Hábitos comuns como tomar chimarrão, cruzar a fronteira para fazer compras e mesclar os idiomas para a comunicação tornaram-se características que definem esse grupo e isso ocorreu por terem coesão de grupo. Essa coesão fornece bases sólidas para que a identidade platina se fixe nos personagens de *Contos de futebol* (2011) por eles se considerarem iguais a partir da relação diferencial, ou seja, eles possuem uma identidade platina por não serem personagens naturais de São Paulo ou Montevidéu, por exemplo.

Outra característica que reforça a identidade platina é o sentimento em relação ao futebol. Conforme Ourique e Maciel (2016, p. 58), o futebol é um fato social, ou seja, está presente na sociedade latino-americana mobilizando torcedores a assistirem às partidas. Além disso, acontecimentos pré e pós-jogo, bem como a vida pessoal ou algum escândalo de jogadores e técnicos, são debatidos em programas televisivos, canais digitais e mídia impressa

numa tentativa de aproximar torcedores a seus clubes e ídolos. Dessa maneira, o futebol além de ser esporte é um assunto, seja de quem gosta ou não desse esporte emblemático no Brasil e Uruguai.

Percebe-se o futebol como fato social em toda a obra *Contos de futebol* (2011), pois assuntos relativos ao futebol além de se mesclarem com situações cotidianas dos personagens também servem como balizas memoriais. Em “Encantos de futebol” esse esporte é um fato social para a família do narrador que vivia em função do esporte, pois a casa dele foi a primeira sede do clube Mauá. Além disso, anos após a equipe não existir mais, ele resgatou as memórias desse time a partir de antigos recortes arquivados no armário antigo. Dessa forma, despertou no narrador um sentimento pelo futebol “maior do que qualquer brasileiro ou qualquer uruguaio” (SCHLEE, 2011).

Para que os leitores compreendam o verdadeiro significado do que vai ser dito adiante, é preciso que eu confesse antes minha paixão pelo futebol. Não uma paixão comum, de qualquer um, de todo brasileiro ou de todo uruguaio. Mas uma paixão excepcional, obsessiva e doentia, abrangente, permanente, que com certeza foi despertada por velhos álbuns de recorte onde, antes mesmo de conhecer jogadores de carne e osso e antes mesmo de poder tocar numa bola de verdade, pude conviver com imagens fabulosas e as glórias inesquecíveis dos campeões mundiais de 30, saber seus nomes inteiros e decorar suas biografias (p. 173).

Quando o narrador declara que sua paixão é maior do que a de qualquer brasileiro ou uruguaio, depreende-se que a baliza sobre como ser um torcedor fanático ideal é a de torcedores brasileiros e uruguaio habitantes daquela fronteira diegética, os quais servem de modelos a serem seguidos. Assim, como torcedor, o narrador ultrapassa esse marco. Ao ser mais torcedor do que brasileiros e uruguaio, coloca-se num nível superior. Essa paixão excepcional foi adquirida a partir de memórias constituídas por meio de revistas, lembranças individuais e das narrativas dos familiares a respeito dessa antiga equipe.

As memórias relacionadas ao futebol reforçaram a sua identidade platina, pois ele se sentia tanto brasileiro quanto uruguaio, pois torcia por clubes regionais dos dois países como a maioria dos personagens dos contos. Conforme Ourique e Maciel (2016, p. 66), “De um lado, temos brasileiros, de outro, uruguaio, mas ambos têm sentimentos que os aproximam, convivem no mesmo espaço físico e psicológico, partilhando uma memória coletiva semelhante”. São as memórias coletivas que aproximam os personagens desses contos e os marcos memoriais que fazem as lembranças emergirem é o futebol.

A partir das memórias sobre o futebol, quando o narrador menciona brasileiros e uruguaio na terceira pessoa, ocorre uma marcação da diferença, como se fossem outros, pois seu grupo da fronteira diegética inclui os dois ao mesmo tempo, com o diferencial de serem mais fanáticos por futebol. Segundo Hall (2000), a identidade se dá a partir de aspectos

diferenciais em relação às nacionalidades, Candau (2019) desenvolve essa noção de identidade em que ela pode ser aplicada em grupos menores, utilizando como exemplo a torcida do Olympique de Marselha. Um torcedor dessa equipe passará a se afirmar como sendo do Olympique porque não é do Paris Saint-Germain.

Adaptando à situação dos contos, quando o personagem assume torcer por um time e não por outro, essa escolha é feita pela identificação por um clube e pela exclusão do outro. Assim, assume-se a identidade daquele clube, em que o personagem pode se afirmar como torcedor do Nacional ou “ser” do Peñarol. A obra *Contos de futebol* (2011)

confirma a importância do esporte para os grupos sociais a que representa, pois pertencer a uma torcida implica em não pertencer a outra, buscando traços de identidade e distanciamento com os demais, da mesma forma que pertencer a determinada região sugere não pertencer a outra, numa sociedade em que um sujeito não pertencer a um grupo significa praticamente inexistir socialmente (OURIQUE; MACIEL, 2016, p. 60).

Ao optar por torcer pelo Peñarol, o narrador de “Aquela tarde impossível” marca a identificação com o time uruguaio, passando “a existir”, pois conforme a obra, todos devem torcer por um time daquela região. Torcer por esses times caracteriza os personagens platinos, visto que não basta eleger um time do Brasil, pois se assim fosse o narrador-personagem estaria fora das discussões sobre futebol no Uruguai, nem participaria de brincadeiras em que pessoas do time vencedor fazem para os derrotados. Ao torcer por um time de cada país, o torcedor fronteiriço comporta-se diferente dos que vivem em grandes centros urbanos, que geralmente têm apenas uma equipe para torcer. Ourique e Maciel (2016) consideram que o espaço fronteiriço é culturalmente autônomo, possuindo raízes identitárias que o particularizam, pois possuem características distintas dos Estados-Nação que estão inseridos, assim, torcer por clubes da Argentina e Uruguai era comum para os personagens que conviviam com outros desses países.

Entende-se que a identidade platina dos personagens de *Contos de futebol* (2011) é reforçada quando o assunto futebol surge a partir de memórias naturais, ou seja, aquelas que são invocadas automaticamente, quando algum personagem se depara com outro personagem, acontecimento e lugar, que podem ser considerados balizas ou marcos memoriais capazes de invocar memórias. Ao mesmo tempo, quando algum personagem recorre a revistas, recortes, álbuns ou catálogos de registros o que se realiza é uma busca memorial de forma artificial. Essas memórias passam a ser assimiladas e, a cada vez em que são evocadas, são confirmadas pelo grupo. Conforme a coesão de grupo aumenta, ou seja, por compartilhar memórias, ser de uma origem semelhante, possuir o mesmo horizonte de ação e as vivências serem constantes, a identidade desse grupo será reforçada, pois de tão coeso torna-se diferente dos demais

grupos. A identidade platina, presente na obra *Contos de futebol* (2011), é constituída da mesma forma, pois o grupo social de Jaguarão e Rio Branco possui memórias relacionadas ao futebol semelhantes, partilham vivências, mesclam a linguagem, possuem origem miscigenada de povos originários, de afrodescendentes e de europeus ibéricos, e enxergam-se como diferentes dos que não possuem essas características.

3 LITERATURA, FUTEBOL E SOCIEDADE

Utilizando as palavras de Costa (2015, p. 12), não há maneira de algum indivíduo passar imune ao futebol, mesmo que seja para amá-lo ou odiá-lo. A falta de imunidade da sociedade platina com o futebol é representada na literatura ficcional por artistas que amam ou desprezam esse esporte. Os temas dessas narrativas de futebol representam uma sociedade, bem como os seus fenômenos culturais, pois o futebol é um desses fenômenos capazes de unir nações (RAMALHO, 2015). A literatura ficcional sobre futebol não se restringe apenas aos noventa minutos de jogo, pois se assim fosse, poderia se assemelhar à reportagem jornalística e perderia parte de sua emoção. Os assuntos extracampo, que envolvem o contexto do futebol, enriquecem a produção dessas narrativas e ganham sentido artístico quando, conforme Álvaro Guedes Castilho Junior (2015, p. 56), “se abre em seus bastidores, no que está acontecendo fora das quatro linhas (ou até o que acontece dentro de campo, enquanto reflexo dos dramas e das tramas que lhe são acrescentadas)”.

Entende-se como contexto do futebol os jogos, os treinos, os torcedores esperando, ouvindo ou assistindo a uma partida, a equipe que prepara os uniformes e transporta o time, bem como a espera para certos jogos, em que torcedores imaginam a escalação, possíveis jogadas e o final do jogo. Não é preciso estar em um estádio, falar a respeito de futebol é uma forma de vivê-lo, conforme as considerações de Fiengo (2003, p. 259), segundo as quais “la forma de vivir en el fútbol es hablándolo, verbalizándolo, lo que hace del espectador también un importante actor - como el coro griego em este espectáculo”. O futebol tem a capacidade de unir torcedores de clubes rivais quando há outro inimigo comum e, além disso, certas vitórias e derrotas de jogos importantes repercutem por dias ou, de tão marcantes, tornam-se inesquecíveis.

Levando em consideração a quantidade de admiradores do futebol, poderia haver um maior número de obras ficcionais de representação do esporte. Essa observação foi feita na revista *FuLia*, especializada em futebol da Universidade Federal de Minas Gerais, por Castilho Junior (2015). Esse pesquisador considera que escrever sobre o futebol sob o viés da ficção é um desafio a ser enfrentado pela comunidade de escritores brasileiros, visto que após um século de futebol no País ainda não existe uma obra fundamental no gênero romance que represente esse esporte.

De acordo com esse pesquisador, a produção literária sobre o futebol no Brasil é, principalmente de contos, crônicas e poemas. Por isso, deve-se analisar a produção

bibliográfica ficcional sobre futebol no Brasil a partir de narrativas curtas, visto que existem em maior número e são as que mais têm despertado o interesse dos pesquisadores.

Por mais que exista um número significativo de obras de narrativas curtas sobre o tema e as existentes darem conta de representar esse esporte na literatura, o número de produções literárias sobre futebol poderia ser maior, visto a dimensão do esporte diante a sociedade. Conforme Julio Cortázar (1993), é na produção de contos que a literatura latino-americana se destaca, sendo o romance o gênero do colonizador. Então, faz-se a analogia que tanto o futebol-arte quanto os contos elevam em qualidade esse esporte e a produção artística brasileira e latino-americana, pois se diferenciam da literatura e futebol europeu. Além disso, contos e crônicas assemelham-se com uma partida de futebol pela brevidade, linguagem que se aproxima à realidade do torcedor e pela vitória por *knock-out*, já que se espera até os últimos instantes para um jogo ser definido ou para atingir o clímax do conto. Mesmo sendo breves, os noventa minutos, ou as páginas de uma narrativa curta, rendem assuntos para torcedores e leitores por muito tempo, pois os incidentes de certos jogos e as histórias dos contos são inesquecíveis.

3.1 ESTUDOS E REPRESENTAÇÕES DO ESPORTE NO BRASIL

Com a incipiência do esporte bretão no Brasil no início do século XX, alguns autores desse período divergiam com opiniões favoráveis ou contrárias a respeito dele, considerando-o como moda passageira ou ópio. Com o passar dos anos e o aumento da popularidade, as seções sobre o futebol passaram a ocupar um espaço cada vez maior na imprensa. Observando o aumento da importância do futebol na sociedade, diversos autores, consagrados ou não, passaram a escrever contos e crônicas sobre o esporte. Tem-se acesso a muitas dessas bibliografias a partir de compilações em que se selecionam os contos pela temática, porém, assim como Schlee, outros autores dedicaram-se a escrever obras exclusivas sobre o tema futebolístico.

Para Ramalho (2015), nem todos os autores conseguem representar a magia e a irracionalidade do futebol nas páginas de uma obra literária. Aqueles que conseguem, transmitem ao leitor a emoção existente na torcida, capaz de resgatar memórias e fazer renascer momentos de extrema tristeza numa derrota ou de felicidade numa vitória, tal como acontece na conquista de um campeonato.

Um dos primeiros artistas que se dedica a representar o futebol literariamente é Oswald de Andrade, que, conforme Rafael Castro de Souza (2015), escreve um poema

isolado sobre futebol na icônica obra *Pau-Brasil*. “Na época em que o poema foi escrito, nos anos 1920, o futebol já era palco da tensão amadorismo x profissionalização, advinda da popularidade que o esporte já experimentava” (SOUZA, 2015, p. 87). Esse poema era sobre o fato de a Europa ter se curvado ao futebol do Brasil, reconhecendo seus méritos. Após vinte anos da publicação do poema, o modernista mudou de opinião, passando a criticar o esporte, classificando o futebol como “condão da catarse circense”.

Em 1921, Monteiro Lobato publica o conto “Os 22 da Marajó” na seção “Curiosidade Literária”, no jornal *A novela semanal*. Lobato menciona Friedenreich, um dos primeiros ídolos do futebol brasileiro, que naquele momento representa a miscigenação brasileira, sendo um jogador de futebol negro e com olhos verdes. O início da narrativa pode ser confundido com o de uma crônica, pois o narrador faz diversos comentários sobre a capacidade do futebol em despertar delírios coletivos, sendo um espetáculo revelador da alma humana. Segundo esse conto, mesmo nos embates comuns, o que era para ser apenas mais um jogo transformava-se em uma guerra entre dois povos, duas nações inimigas. A narrativa salienta os silêncios absolutos, as deflagrações violentas de entusiasmo e que pessoas pacíficas, incapazes de sentimentos exaltados, transformam-se, cometendo os mais horrorosos destinos. Com o advento do esporte no Brasil, popularizam-se manifestações de ânimos de todas as classes sociais, visto que antes do futebol as classes médias e letradas se exaltavam apenas em torno das disputas políticas. Conforme a narrativa do autor de *Urupês* (1921), a luta entre as vinte e duas feras despertou o povo brasileiro do marasmo de nervos em que vivia.

Ainda no conto de Lobato, menciona-se que o futebol representa uma revolução de costumes no início daquele século, visto que em São Paulo, na cidade ou no interior, existiam clareiras em que os retângulos formam campos para jogarem. Também, que só o futebol conseguiu aclimar-se ao Brasil e fazer sucesso, assim como o café. A partir desse conto, tem-se a noção de que em 1921 o futebol já havia se alastrado em diversos pontos do País, segundo as impressões de Lobato, transformou-se em uma praga, pois só ele conseguiu interessar de forma exaltada a todo o povo brasileiro. Em tom de crítica aos escritores, reforça que a literatura nacional deixa de lados belíssimos temas como o futebol e a capoeira e apega-se a outros que não são tão representativos do País, pois é vítima da eterna fascinação francesa.

Seguindo a narrativa, Lobato menciona a história que Filinto Lopes, o “Mark Twain brasileiro”, o contou sobre o cidadão do Rio de Janeiro chamado Petrônio, mais conhecido como o 22 da Marajó. Esse protagonista é um marinheiro imperial, mestre em praticar desordens, caracterizado como jovem, bonito, branco e capoeira, com suas proezas discutidas

pelos populares. Para se livrarem dos problemas, Petrônio foi transferido para o norte, e lá se casou com uma viúva alemã.

Esse personagem vive alguns anos na Europa com sua esposa e anos depois volta com ela à Capital Federal como um *gentleman*, tanto que a sociedade carioca não o reconheceu, tamanha a mudança, pois adquiriu hábitos finos, abandonando antigos costumes de malandro. Então, um grupo de rapazes que invejava os bons modos do desconhecido pagou a um capoeira para enfrentá-lo, porém, o agressor virou agredido, visto que o capoeira contratado apanhou do protagonista. Petrônio, que venceu a luta, afirma no fim do conto que não havia mais capoeiras como antigamente e que, mesmo sendo o vencedor, não queria se misturar com esse tipo de gente, visto que capoeiras sofriam preconceito social no início do século XX.

A narrativa de Lobato refere-se à realidade do futebol e da sociedade no eixo Rio-São Paulo, que se estabeleciam como cidades modernas e cosmopolitas em 1921. Nesse mesmo ano, Graciliano Ramos publicou uma crônica no jornal alagoano *O Índio* com o seu ponto de vista contrário ao esporte. Afirma de forma enfática a impossibilidade de o futebol se tornar popular no Brasil, já que a estatura padrão dos jogadores da época era a dos europeus e os jogadores brasileiros iriam perder, visto que a estatura era menor. Segundo Túlio Velho Barreto (2013), para o autor de *Vidas Secas* o futebol seria um interesse efêmero, assim como as novidades estrangeiras que chegavam ao país, que muitas vezes se restringiam às regiões litorâneas, não atingindo as profundezas do país.

Lima Barreto compartilha a ideia de Graciliano Ramos, criticando severamente o esporte, classificando-o como “ópio do povo”. Esse autor também foi o promotor da “Liga Brasileira Contra o Futebol” (COSTA, 2015). Cabe considerar que Lima Barreto escreveu sua obra no início do século XX e tinha como modelo o futebol carioca, que era jogado pela elite e muitos clubes não permitiam que negros jogassem⁷. Para Costa (2015, p. 12), se Lima Barreto vivesse nos dias atuais “escreveria sobre o modo como o futebol praticado no Brasil subverteu o pragmatismo em torno da nossa sociedade miscigenada, desencantada no início do século XX, fazendo coro junto com Nelson Rodrigues [...]”.

⁷ Nos últimos anos o Fluminense Football Club publicou diversas reportagens negando seu passado racista, afirmando que o jogador Carlos Alberto passava pó-de-arroz não para parecer branco, mas para fins cosméticos. Segundo essas reportagens, esse jogador recebeu a alcunha em 1914, num jogo contra o América, seu antigo clube. Torcedores americanos insatisfeitos com a traição desse jogador o chamavam de pó-de-arroz para provocá-lo. Nota-se que muitos clubes de futebol mudam a narrativa a respeito de sua própria história, visto que na atualidade o futebol tenta mostrar que é um esporte democrático, apesar da elitização do público nos estádios e do formato de venda dos jogos na televisão. Disponível em: <https://www.fluminense.com.br/noticia/no-dia-da-consciencia-negra-fluminense-relembra-surgimento-da-alcunha-de-po-de-arroz>. Acesso em: set. 2021

Com o passar dos anos aumentou o prestígio do futebol entre a população porque diversas nações participavam de campeonatos internacionais de grande repercussão, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas. O antropólogo e escritor Gilberto Freyre, em 17 de julho de 1938, escreve para o *Diário de Pernambuco* um famoso artigo intitulado “*Foot-ball* mulato”, em que sintetiza o estilo brasileiro de jogar. Afirma que contrasta com o estilo dos europeus, pois apresentava qualidades como a surpresa, a “manha”, a leveza e ao mesmo tempo espontaneidade individual. A maneira de jogar aproximava-se da dança e da capoeira, num estilo capaz de arredondar e adoçar o esporte inglês. O autor de *Casa Grande & Senzala* salienta que o sucesso da Seleção Brasileira na Copa de 1938 se deu ao fato de que pela primeira vez na história fora escalado um time afro-brasileiro. Dessa forma, classificou como dionisíaco o futebol brasileiro e apolíneo o estilo inglês de jogar (BARRETO, 2013).

Barreto (2013) considera que a derrota para a Itália na Copa de 1938 comoveu a população brasileira, a ponto de ser percebida pelo então presidente Getúlio Vargas. Notando que o futebol despertava o sentimento de unidade nacional, autores como Gilberto Freyre, José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues contribuíram para a invenção da nacionalidade por meio do futebol, pois, independentemente da origem étnica ou classe social, todos almejavam o mesmo: a vitória da Seleção Brasileira.

Além de José Lins do Rego, que escreveu mais de mil crônicas esportivas em jornais cariocas, conforme levantamento de Barreto (2013), um dos maiores entusiastas a representar literariamente o esporte e elevou em importância a narrativa que exalta o futebol nacional é o dramaturgo Nelson Rodrigues. Conforme as crônicas rodrigueanas, o futebol seria capaz de superar o complexo de vira-latas, termo cunhado pelo escritor, que significava a falta de autoestima da população brasileira quando estava diante de indivíduos de outras nacionalidades.

Em seu texto de estreia para o *Jornal dos Sports*, uma crônica intitulada “A descoberta do Brasil”, Nelson Rodrigues já traçava o percurso que seguiria em sua carreira de cronista esportivo: a tentativa de resgatar o orgulho de ser brasileiro de uma forma inteligente, e bem humorada, que rapidamente caiu no gosto popular (RAMALHO, 2015, p. 74).

As crônicas de Nelson Rodrigues dão uma dimensão épica sobre a derrota na final da Copa do Mundo em 1950 para o Uruguai, conhecida como Maracanaço, que, conforme as palavras de Arno Vogel (1982), representou ao País o mesmo que a bomba lançada sobre a cidade japonesa de Hiroshima cinco anos antes. Ao lado de Nelson Rodrigues, figurava seu irmão, o também jornalista Mário Filho, autor de uma obra extensa que inclui a história do Flamengo e das conquistas da Copa Rio Branco. Mário Filho, personalidade que deu nome ao

estádio do Maracanã, é autor de *Negro no futebol brasileiro*, obra que teve grande repercussão, publicada primeiramente em 1956 e que é considerada fundamental para a história do futebol brasileiro. A versão definitiva dessa obra, publicada em 1964, procura superar a mentalidade preconceituosa sobre os negros no futebol, construída a partir de 1950 devido à derrota diante do Uruguai. Jogadores como Pelé trouxeram a Taça Jules Rimet ao Brasil nas Copas de 1958 e 1962, sendo esses campeonatos duas epopeias para os jogadores negros, conforme salienta Barreto (2013), superando barreiras raciais, celebrando a miscigenação, num possível fim da estigmatização fundada com o Maracanaço. *Negro no futebol brasileiro* foi prefaciado por Gilberto Freyre e foi influenciada pela visão culturalista desse antropólogo. Nela, Mário Filho salienta as características peculiares do estilo de futebol brasileiro, que era resultado da miscigenação cultural (BARRETO, 2013).

Em 1982, Inácio Loyola Brandão lança o conto *É gol*, em que o narrador é um locutor e passa ao leitor a sensação de estar dentro do estádio, vendo os jogadores e todas as possibilidades de jogo. No mesmo ano, os antropólogos Roberto Da Matta, Luiz Felipe Baêta Neves, Simoni Lahud Guedes e Arno Vogel lançam a obra não ficcional *Universo do futebol*⁸, que fundamenta inúmeras pesquisas de futebol no Brasil.

Outro autor reconhecido nacionalmente e atento ao futebol, o poeta Carlos Drummond de Andrade publicou crônicas e poemas no *Correio da Manhã* e *Jornal do Brasil* sobre esse esporte. Em suas narrativas, tanto nos poemas quanto nas crônicas⁹ sobre o futebol o poeta analisa o esporte como manifestação popular e metáfora que auxilia a entender a realidade brasileira. O autor mineiro escreve sobre o futebol a partir de sua análise sobre campeonatos regionais, nacionais, rivalidades entre clubes, lances de craques e sobre nove Copas do Mundo, de 1954 a 1986. Assim, os netos Luis Mauricio e Pedro Augusto Graña Drummond, compilaram as narrativas sobre futebol do avô e lançaram, em 2014, a obra *Quando é dia de futebol*. Dentre as quase duzentas crônicas, tem-se uma extensa análise sobre o futebol, que para o autor mineiro é uma das grandes paixões humanas.

Nota-se que as celebrações de futebol se tornam propícias às produções ficcionais a respeito desse esporte. O autor Mário Prata lança, em 2005, *Paris 98!*, uma novela em que o

⁸ *Universo do futebol* será analisado mais profundamente a partir do subcapítulo 3.3.

⁹ A tradição da crônica esportiva nos jornais impressos se fortaleceu com a migração do jornal impresso para o digital. Conforme Nogueira (2010), no decorrer do século XXI a crônica esportiva transformou-se em colunismo, dessa forma, perde-se em ficção e pessoalidade, para ter análises mais frias e objetivas em relação a determinados jogos. Atualmente, nomes com David Coimbra (*Zero Hora*), ex-jogador Tostão (*Folha de São Paulo*), Milton Neves (*UOL*) e o ex-jogador Tinga (*UOL*), entre outros, escrevem para jornais digitais suas impressões sobre jogos. Encontram-se críticas pessoais e apaixonadas em *blogs* e canais independentes do *YouTube* identificados com clubes específicos, como Vozes do Gigante, Collar Repórter, entre outros.

protagonista ganha em uma promoção a oportunidade ir à França para assistir à Copa. O autor, por ter vivenciado essa experiência, representa a saga de um brasileiro de classe média na Europa, que foge de sua esposa para assistir à derrota da Seleção Brasileira para a França.

Moacyr Scliar, às vésperas da Copa de 1998, lança *A colina dos suspiros*, obra destinada ao público juvenil e totalmente ambientada no universo do futebol em uma pequena cidade fictícia. No ano seguinte, Luis Fernando Verissimo publica *A eterna privação do zagueiro absoluto*, coletânea de crônicas sobre o futebol, literatura e cinema em que se destacam contos como “O fim de um mito” e “O técnico”. Em 2010, o mesmo autor lança um compilado de contos e crônicas exclusivo sobre futebol, intitulado *Time dos sonhos: poesia, paixão e futebol*. Nele, tem-se a dimensão do esporte na vida dos aficionados pelo esporte e a impressão de que o futebol é uma mistura de xadrez com boxe, cheio de paradoxos que vai do épico ao mundano na duração de um passe.

Em 2006, também ano de campeonato mundial, Clara Arreguy publicou a obra *Segunda Divisão*, relativa aos jogos e equipes que participam dessa divisão do futebol nacional (BARRETO, 2013). No final de 2013, para celebrar a vitória da Seleção Brasileira na Copa das Confederações, e aproveitando que o Brasil seria sede da Copa do Mundo em 2014, a Superintendência de Bibliotecas Públicas de Minas Gerais produziu a coletânea *A literatura nas quatro linhas: o futebol em verso & prosa*¹⁰. Com a curadoria de Thiago Carlos Costa, a obra oferece acesso a poemas, contos e crônicas de autores como: Anna Amélia C. de Mendonça, Vinícius de Moraes, Moacyr Scliar, Ediberto Coutinho, Nelson Rodrigues, Raquel de Queiroz, Fernando Sabino, Armando Nogueira, Ferreira Gullar, Lima Barreto, Eduardo Galeano, Luis Fernando Verissimo, Clarice Lispector, entre outros. Essa coletânea é relevante, pois além de estar disponível na internet, disponibiliza obras que estavam restritas a livros impressos, como *Gol de letra*, de Milton Pedrosa, publicado em 1967, que estava praticamente inacessível devido à falta de novas edições.

3.2 OS CONTOS DE FUTEBOL DE ALDYR SCHLEE

A obra *Contos de futebol* figura nesse universo ficcional brasileiro sobre futebol e foi publicada numa década em que, segundo Fiengo (2003), o futebol era a prática cultural dominante e que propiciava a escrita acadêmica e literária sobre o esporte. Nos contos de Schlee, percebe-se a relação do futebol com a sociedade, em que os personagens habitantes da

¹⁰ ¹⁰ Disponível em: <http://bibliotecapublica.mg.gov.br/files/Exposi%C3%A7%C3%B5es%20sistema/O%20futebol%20em%20verso%20e%20prosa.pdf> - Acesso em: mar. 2021.

fronteira Brasil/Uruguai estavam constantemente envolvidos em assistir, torcer ou participar de algum jogo, seja da seleção nacional de algum país ou clube regional. *Contos de futebol* foi lançado originalmente em 1995 em Língua Espanhola para o público uruguaio e, em 1997, foi publicada e traduzida pelo próprio autor no Brasil. Esta obra, além de representar a fronteira Brasil/Uruguai com seus contos memorialistas, figura em listas especializadas que relacionam obras ficcionais sobre futebol, estando ao lado de Nelson Rodrigues, Mário Filho, Lima Barreto e dos gaúchos Moacyr Scliar e Luis Fernando Verissimo.

O tempo da diegese da obra analisada é no século XX, período em que o futebol sofreu diversas modificações em relação a sua importância na sociedade latino-americana, visto que nessa porção do continente

existe una tendencia a considerar al fútbol como un ritual comunitario, como un drama social y/o como una arena pública, como un espacio comunicativo denso en el cual se entrecruzan múltiples discursos verbales, gestuales e instrumentales (gráficos, sonoros, etc.), a través de los cuales los diversos actores participantes en el drama, como son los jugadores, entrenadores, dirigentes, periodistas, hinchas y detractores, expresan apasionadamente sus conceptos y valores no sólo sobre el juego, sino también sobre su vida, anhelos, frustraciones y esperanzas (FIENGO, 2003, p. 28).

O esporte, que chegou de navio junto com os trabalhadores ingleses, popularizou-se na região portuária brasileira devido ao baixo custo àqueles que praticavam e por possibilitar que cada jogador manifestasse sua habilidade conforme sua criatividade, dessa forma, destacando-se dos demais (GALEANO, 2018).

Em *Contos de futebol*, as narrativas analisadas compreendem o período de 1920 e 1990 e tem-se a noção do aumento gradativo da importância desse esporte na sociedade da fronteira diegética entre Brasil e Uruguai durante o último século. Observa-se que durante essas décadas representadas o interesse dos veículos de comunicação favoreceu a popularização do futebol, visto que o esporte a cada ano passou a contar com maior espaço nas revistas, jornais, programas de rádio e televisão.

Esses setenta anos representados são narrados a partir da memória coletiva partilhada sobre o esporte no início do século XX, bem como as impressões a respeito do futebol, torcedores, jogos e jogadores pelos narradores dos contos.

Ademais, nota-se que no decorrer das décadas do século passado muitas equipes de futebol encerraram suas atividades e outras foram criadas, profissionalizando-se para dar continuidade às atividades. As regras desportivas mudaram, atendendo a demanda de clubes mais poderosos, e a mídia auxiliou na divulgação desse esporte, tornando-o cada vez mais popular e profissional.

Com a crescente audiência, a população torcedora viu (vê) nascer ídolos, heróis e vilões, jogadores que lutam para defender a bandeira que representa uma parcela significativa da sociedade diante um rival. Nos *Contos de futebol*, percebe-se que no início do século passado a sociedade ainda vivia pouco o futebol e que esse esporte estava mais restrito às cidades mais populosas, geralmente as capitais, dos que as do interior.

Observa-se a incipiência do futebol na região da fronteira em “Jim”, conto em que o protagonista, possivelmente neto de um dos inventores do futebol na Inglaterra, apareceu em Jaguarão, antes da mudança da regra do impedimento de 1925. Esse inglês tentou implantar fleuma e *fair play* naqueles campos marcados por brigas e desentendimentos. Os jogadores dos clubes amadores representados nos contos iam às partidas para se divertirem e entreter a torcida, por isso Jim, querendo profissionalizar a equipe, não conseguiu se estabelecer na cidade, pois seus hábitos ingleses eram diferentes dos da fronteira.

Em contos como “Maestros del fútbol” e “Encantos de futebol”, percebe-se que os personagens muitas vezes não se sentem nem brasileiros e nem uruguaios, mas se identificam com o clube de futebol do qual participam ou com a seleção de futebol que está ganhando. É possível notar que clubes adquirem novos torcedores quando estão bem classificados, em virtude de os jovens quererem se sentir participantes de um grupo vitorioso, unirem-se àqueles que estão comemorando, tal como o protagonista de “Aquela tarde impossível”, que aos treze anos optou ser torcedor do Uruguai, mesmo sendo brasileiro, porque a seleção celeste virou o jogo, vencendo a Copa, em pleno Maracanã.

Em “Encantos de futebol”, tem-se a narrativa sobre a memória da infância do narrador, que recorda a partir de recortes e álbuns o bicampeonato da seleção celeste na Olimpíada de 1928, primeira campeã de uma Copa do Mundo Fifa. Esse feito fez com que o Uruguai deixasse de ser mais um dos países sul-americanos desconhecidos para ser consagrado como uma das potências do futebol mundial. Os personagens habitantes da fronteira Brasil/Uruguai no conto optavam tanto por torcer pela seleção uruguaia quanto para realizar compras no país vizinho, visto que era mais vantajoso economicamente e, geralmente, os novos torcedores preferem aos times vencedores.

Nos contos schleerianos observa-se ainda que na década de 1940 se difundiu amplamente o esporte nas cidades maiores por essas terem mais acesso aos meios de comunicação. Essas cidades possuíam equipes de futebol amadoras e profissionais locais, fazendo com que, além dos noventa minutos de partida, as ações realizadas nos jogos da cidade, bem como os comentários realizados pelos jornalistas esportivos sobre as demais equipes brasileiras, uruguaias e argentinas, possibilitassem horas de assunto. Além do jogo,

discutia-se qual seria a melhor escalação, os possíveis erros de arbitragem, bem como a vida pessoal dos jogadores.

O espaço diegético do conto “A verdade e a mentira sobre Hugo del Carril e o grande Heleno de Freitas” é a cidade de Jaguarão, mas o narrador menciona as viagens do protagonista a Pelotas, onde o futebol faz parte da realidade dos personagens. Por ser uma das cidades mais desenvolvidas economicamente do Estado do Rio Grande do Sul na década de 1940, possibilitava maior circulação de pessoas de outros lugares e maior acesso à informação. Pelotas continua sediando o Esporte Clube Pelotas, que tem o estádio mais antigo do país. Nesse conto, percebe-se a democratização do espaço do estádio de futebol, em que ricos e pobres frequentam o mesmo lugar, mesmo estando em arquibancadas diferentes, para assistir ao jogo em que o grande astro da época, Heleno de Freitas, estava escalado. Já o espaço em que o cantor Hugo del Carril se apresentava era mais exclusivo, visto que ocorria em teatros, restringindo seu auditório apenas à elite dos países da fronteira do Prata.

Essa realidade cosmopolita não se apresenta no conto “Maria Adélia”, pois a localidade da diegese da narrativa é Airosa Galvão, um vilarejo formado no entorno da estação de trem de carga com esse nome, como um ramal da linha férrea da cidade de Jaguarão. Devido à distância de cidades maiores e ao acesso a informações serem precários, os personagens não tinham o hábito de jogar nem falar sobre futebol, exceto a protagonista, a única que tinha rádio em casa e acompanhava o campeonato Carioca de 1942, o que possibilitava que ela torcesse para o América Futebol Clube. Maria Adélia bordava faixas alusivas ao clube, assinava revistas esportivas e não saía de casa aos finais de semana para acompanhar as partidas de futebol.

No conto “Maestros del fútbol”, o tempo diegético ocorre entre os anos de 1947 e 1948, e o ponto de vista do narrador salienta negativamente a profissionalização dos clubes de futebol do Uruguai. O protagonista, natural de Jaguarão, ao mesmo tempo em que conhece o novo estádio Centenário tenta uma vaga como jogador no Peñarol, na categoria de base, junto com seus amigos. Apesar de não ser selecionado, durante a narrativa percebe-se a organização do clube que tinha o time profissional e também as categorias de base. Dessa forma, permitia que meninos sonhassem em iniciar a carreira do futebol já no fim da infância. Nota-se na narrativa a constante interferência dos dirigentes do clube para a escalação de jogos e as opiniões decisivas do técnico. O narrador enfatiza as mudanças desse clube após a greve dos jogadores uruguaios, em 1948, o que levou à substituição do técnico da equipe principal e ajudou os jogadores locais a terem mais oportunidades de sair da reserva ou da categoria de base.

Com as vitórias do Brasil e do Uruguai em Copas na década de 1950 e com os avanços tecnológicos no sistema de comunicação, como rádio, televisão e periódicos relacionados ao futebol, o esporte se consolidou como favorito dos habitantes desses países sul-americanos, onde além de prática desportiva é entretenimento. Em “Um brilho nos olhos”, o período da diegese ocorre em 1960, quando se percebe a mercantilização do esporte, em que o dono de uma empresa brasileira improvisa um time de futebol pagando jogadores avulsos para disputarem uma partida com funcionários de uma granja de arroz uruguaia. O jogo seria atração dominical para famílias fronteiriças presentes no local, juntamente com provas campeiras.

Os castelhanos estavam esperando para uma grande festa, com jogo de futebol, assado e demonstrações campeiras. Coisa de varar a tarde, de modo que a partida mesmo fora amarrada para a parte da manhã, antes do churrasco. E de tarde era para provas de manejo de montarias, adestramento, corridas e essas coisas todas que reúnem a gauchada no capricho e no entusiasmo (SCHLEE, 2011, p. 107).

Percebe-se que o futebol é um fenômeno cultural tão (ou mais) importante quanto outras atividades consideradas típicas do gaúcho, como manejo de montaria, corridas e adestramento de cavalos, pois o tempo reservado ao futebol era o mesmo das demais atividades. Devido a uma briga antes de chegarem ao campo, a equipe brasileira teve de voltar sem jogar, pois o protagonista ofendeu a filha do dono da equipe adversária.

Conforme aumentam os clubes e o tempo do futebol na mídia, com jogos e programas relacionados, aos poucos se perdem os ideais de amor ao clube. O futebol profissional jogado exclusivamente para fins financeiros é notado em “Empate”, em que o protagonista natural de Rio Branco, Richar, tenta fazer parte do plantel do Brasil de Pelotas e se envolve amorosamente com a pelotense Maria de Lourdes. O conto representa temporalmente o ano de 1986, um ano após o Brasil de Pelotas ser o terceiro colocado no Campeonato Brasileiro e ano em que as mulheres puderam ingressar na Brigada Militar. A trama do conto é relativa ao interesse do protagonista pela mulher parecida com a atriz Sônia Braga, que interpretou Gabriela na adaptação do romance *Gabriela, cravo e canela*, de Jorge Amado, bem como a tentativa dela de ter uma profissão até então exclusiva dos homens. Nessa narrativa, o leitor percebe que muitos dos jogadores da equipe pelotense não são daquela cidade e que estão ali para exercer um trabalho, não ostentar a paixão pelo clube, ficando exclusivo aos torcedores demonstrar sentimentos à equipe.

Em “A falta de Tabaré”, tem-se um narrador totalmente memorioso, ouvindo em 1992 a partida em que Nacional e Peñarol disputavam uma vaga Campeonato Libertadores da América no ano seguinte. Menciona Pelé, Maradona e outros ídolos que competem em

importância até os dias atuais para os torcedores latinos. O narrador recorda Tabaré, um jogador uruguaio esquecido pelos demais, que jogava bem em todas as posições no campo e, principalmente, não errava pênaltis, algo que os jogadores das equipes mencionadas não estavam fazendo.

As narrativas de *Contos de futebol* oferecem ao leitor a possibilidade de notar as mudanças nas regras e na popularidade do futebol para a população fronteiriça naquela região diegética. Percebe-se na obra que no início do século XX os clubes profissionais de futebol eram restritos às cidades maiores, como Pelotas, nos contos “Empate” e “A verdade e a mentira sobre Hugo del Carril e o grande Heleno de Freitas”, Montevidéu, em “Mastros del fútbol”, e Rio de Janeiro, em “Aquela tarde impossível”. Em Jaguarão e Rio Branco a torcida participava ativamente de jogos de clubes amadores como o Clube Mauá, em “Encantos de futebol”, e como o selecionado de Jaguarão, em “Jim”. Observa-se que determinados personagens eram encarregados de lavar e passar uniformes dos clubes, como dona Zefa, em “Empate”, e a mãe do narrador, em “Encantos de futebol”. No conto “Jim”, a tia do narrador era madrinha da equipe de Jaguarão, mostrando que havia familiaridade com os clubes. O narrador de “Encantos de futebol” afirma que sentia uma paixão inexplicável pelo time Mauá.

Os contos representam a importância que o futebol adquire no cotidiano desses personagens, pois eles viviam de acordo com o calendário de jogos. No conto “O primeiro e o último” os personagens encontravam-se para tomar café após partidas, cruzavam a fronteira para participar da torcida ou do time que disputaria um jogo do outro lado.

Para Antezana J. (2003), o futebol está presente no cotidiano dos indivíduos da sociedade, seja jogado ou observando esse esporte diretamente. Assim, ao verbalizá-lo, esses sujeitos vivem o futebol. Esse esporte, mais que o tema dos *Contos de futebol*, é responsável por promover e fixar memórias nos personagens, pois no contexto do futebol eles dramatizam suas angústias, alegrias, infelicidades e saudades.

3.3 DENTRO DAS QUATRO LINHAS: DRAMATIZAÇÕES DA VIDA SOCIAL

Cronologicamente, a última narrativa de *Contos de futebol* é “A falta de Tabaré”, a respeito das memórias do narrador durante uma partida nos anos de 1990. Essa década foi decisiva para as pesquisas sobre o esporte, pois a partir dessa época as produções não acadêmicas passaram a rivalizar em número de publicações com as produções acadêmicas sobre futebol. Alguns acontecimentos favoreceram o crescente estudo bibliográfico sobre o futebol, como, por exemplo, a vitória da Seleção Brasileira na Copa de 1994, a abordagem de

assuntos polêmicos como *doping*, corrupção da CBF com a *Nike*, as constantes brigas entre torcidas organizadas e a massificação do esporte (BARRETO, 2013).

Consoante a esses estudos, para Sergio Villena Fiengo (2003), durante as décadas de 1980 e 1990 aumentaram consideravelmente os estudos culturais na América Latina referentes a esportes, principalmente ao futebol, vinculados à identidade, imaginário e representações. Observou-se que com a globalização ocorreu uma forma de perda no sentimento de identidade e comunidade, por isso a importância dessas pesquisas sobre esses temas. Nesse período, aumentou o processo global de comercialização, transnacionalização e hipermediatização, e, dessa maneira, os cientistas sociais notaram as mudanças que esses processos provocaram nos parâmetros sociológicos, políticos, econômicos, culturais e na prática esportiva (FIENGO, 2003). O futebol acompanhou essas mudanças na sociedade, tornando-se mais profissional - com o preço dos jogadores e a interferência de agentes e cartolas cada vez maiores, ampla cobertura da mídia e as torcidas adquirindo a importância de nação para os torcedores - o que culminou com a falência de clubes pouco expressivos.

No Brasil, a obra *Universo do futebol*, de Roberto Da Matta (1982), favoreceu a produção acadêmica a respeito do esporte. Para Barreto (2015, p. 7), essa coletânea “tratava-se de iniciativa inédita entre pesquisadores e professores para superar preconceitos, ainda não de todo suplantados, é fato, contra o tema no meio acadêmico”. A partir dela, foi possível analisar o estreito vínculo entre futebol e a sociedade brasileira, já que esse esporte é capaz de cumprir funções sociais, por ser reconhecido por seu caráter lúdico de entretenimento, possuir a predileção de grande parte da população, além de ser catártico para as multidões sobrecarregadas pelo ritmo de vida contemporânea (BARRETO, 2013). *Universo do futebol* (1982) possibilitou a realização de estudos sobre o esporte na área da literatura, linguística, filosofia, educação, além da própria sociologia, pois, nessa obra, o futebol pode ser percebido como “uma imensa tela onde a experiência humana pode ser vivida e, o que é melhor, recordada e mesmo revivida” (DA MATTA, 1982, p. 14).

Acredita-se que durante os noventa minutos os problemas dos torcedores são esquecidos, como se a desigualdade social, racismo, problemas de ordem econômica ou sentimental pudessem ser deixados fora do campo, mas, conforme Da Matta (1982), esse pensamento é equivocado. O futebol pode enfatizar dilemas da sociedade e expressar diversos problemas nacionais, pois é considerado um drama da vida social e não uma realidade à parte.

Trata-se de um jogo onde sistematicamente estão em relação regras absolutas e homens em ação; inteligência e vontade, verdade e mistificação; técnica e necessidade de ação coletiva. O futebol brasileiro, deste modo, pode ser estudado como sendo capaz de provocar uma série de dramatizações do mundo social. Um dos traços essenciais do drama é a sua capacidade de chamar atenção, revelar,

representar e descobrir relações, valores e ideologias que podem estar em estado de latência ou de virtualidade num dado sistema social (DA MATTA, 1982, p. 29).

Para Da Matta (1982), o futebol permite que a sociedade se deixe descobrir, na medida em que problemas reais de ordem social que a massa acredita não existir são apresentadas no contexto de jogos e estão presentes nas torcidas. Vogel (1982) concorda que o futebol e a sociedade estão intrincados e menciona a Copa de 1950, a mesma narrada no conto “Aquela tarde impossível”, em que a seleção celesite tinha como capitão *El Negro Jefe*, Obdúlio Varela. Nota-se a diferença entre as seleções, pois o critério para definir o comando da seleção eram questões voltadas ao futebol, ficando as questões raciais em segundo plano. Durante a partida que definiu o campeonato mundial, quando o Uruguai empata o jogo, o líder beija o brasão do Uruguai enquanto ofende jogadores brasileiros, mostrando “raça” ou orgulho de seu país, como mencionado anteriormente (VOGEL, 1982).

A seleção uruguaia vence a brasileira em pleno Maracanã recém-inaugurado na Copa de 1950, e a sociedade brasileira encarrega-se de achar culpados. Essa derrota foi atribuída aos jogadores Barbosa, Juvenal e Bigode, ambos negros e responsáveis pela defesa do time. Da Matta (1982) menciona as palavras de Mário Filho acerca do “Maracanaço” (termo pejorativo que nomeia o jogo em que a Seleção Uruguaia venceu a Copa), em que esses jogadores foram escolhidos a dedo pela imprensa e por parte da população como os bodes expiatórios dessa derrota. Já os jogadores brancos não foram acusados de nada, representando o triste destino de um país doente, triste e inferior (DA MATTA, 1982). Conforme o *Anuário Esportivo Brasileiro*, mencionado por Vogel (1982), a vitória da Seleção Uruguaia foi atribuída à fibra, garra e sangue dos jogadores, que eles jogaram com os corações e souberam honrar suas tradições, venceram porque tinham “pinta” de campeões mundiais e não se achavam inferiores (VOGEL, 1982, p. 95). Já à Seleção Brasileira faltou “raça”, termo que remete à miscigenação, dessa forma, acreditou-se que não seria possível contar com indivíduos pretos e mestiços, pois na hora agá se acovardaram. “A partir de então, medidas foram tomadas para o embranquecimento da seleção e vigoraram até o terceiro jogo da Copa de 1958. Por tudo isso, a tragédia brasileira de 50 e seu palco não poderiam deixar de seduzir jornalistas, escritores e estudiosos” (BARRETO, 2013, p. 7). Além disso, foi promovido um concurso para a nova camisa da Seleção, pois acreditava-se que trocando as cores da camisa, a sorte surgiria. Esse concurso foi vencido por Aldyr Schlee, que foi o responsável pela criação da primeira camisa canarinho da Seleção Brasileira.

Conforme Vogel (1982), apenas em 1970, com o Tricampeonato Mundial a Seleção foi capaz de resgatar sua autoestima, visto que ídolos negros como Pelé, Carlos Alberto

Torres, Dadá Maravilha, Everaldo, Paulo César Lima e Jairzinho consagraram-se como heróis. A partir dessa análise, percebe-se que os problemas nacionais não são esquecidos com o futebol, pois se assim fosse, os jogadores negros não seriam bodes expiatórios da derrota na Copa de 1950. Esse é um exemplo, portanto, em que a sociedade revela-se no contexto do futebol.

O sujeito que participa do jogo, sendo torcida ou jogador, transforma-se em pessoa vitoriosa. São nesses raros instantes em que, conforme Eduardo Galeano (2018), o humilhado se torna humilhante, o medroso mete medo, pois a “onipotência do domingo exorciza a vida obediente do resto da semana, a cama sem desejo, o emprego sem vocação ou emprego nenhum: liberado por um dia, o fanático tem muito de se vingar” (GALEANO, 2018, p. 16). Nesse sentido, o futebol é um instrumento das massas capaz de despertar sentimentos de revanche em relação às desigualdades, pois oferece às camadas inferiores a sensação de equivalência nas normas, em que o destaque na habilidade individual de um jogador de um clube menos poderoso pode levar à vitória contra uma equipe favorita.

Sentimentos de igualdade, de cidadania e pertencimento que o futebol oferece àqueles que são deslocados da sociedade podem ser percebidas no conto “Pardo Maciel”. O protagonista possui problemas cognitivos e dificuldade em exercer determinados ofícios. Cortou as patas e bicos dos pintos que tinha de alimentar, ficava com o troco dos clientes para comprar *calientitos* e comê-los escondido quando deram a oportunidade de ser “mandalete”. Só conseguiu ser vendedor de picolé por possuir força física para carregar o carrinho até o estádio e poder assistir aos jogos. Como a maioria da clientela o procurava no intervalo, durante as partidas ele se imaginava jogando, como se estivesse fazendo as jogadas que presenciava, sentia-se um ídolo, participante daquela equipe. Maciel muda sua conduta quando está inserido em um contexto desportivo porque naqueles momentos, em que se permitia sonhar, ele não era dependente da família, mas, sim, era protagonista de sua vida, como um sujeito autônomo, conhecido e prestigiado pela sociedade.

As transformações que o futebol promove nas pessoas podem ser observadas também a partir da análise de que não são espectadores que assistem ao futebol, mas torcedores. A tia do narrador do conto “Jim” torcia e agitava lenços na beira do campo, reforçando a ideia que a expressão “torcedores” se fixou exclusivamente por causa das mulheres espectadoras. Para Da Matta (1982), torcer implica revolver-se em torno de si, aceitar sofrer e desesperar-se para merecer alguma vitória. Ao contrário do mero espectador, que assiste de forma passiva e sem emoção, o torcedor exaspera-se, grita, xinga e chora, pois nesse espaço restrito de torcida é permitido que os cidadãos expressem seus sentimentos. Pode-se vincular o sentimento de

agonia com o mistério envolvido no esporte, em que, além de treinos, depende-se da sorte para vencer.

A torcida que sofre e vibra com os jogadores, além de acompanhar por meio da mídia o modelo de escalação, os treinos, saber os jogadores lesionados e conhecer os pontos fortes e não admitir as fraquezas de sua equipe, também conta com a sorte para vencer jogos considerados impossíveis. Se equipes de futebol menos favorecidas financeiramente e menos prestigiadas vencem, virando o jogo com um gol de falta ou pênalti, os torcedores acreditam que esses acontecimentos são milagres. Assim, essa “mística” que envolve o futebol é um dos fatores que diferencia o esporte entre um país e outro.

Segundo Da Matta (1982), países do Norte Global consideram o esporte, a arte e a religião como atividades secundárias e o trabalho como atividade primária. Como não é apenas por meio do trabalho que se pode modificar o destino dos habitantes do Hemisfério Sul, o futebol adquire outros significados, pois além de oferecer cidadania pode fazer com que o torcedor se sinta vitorioso em alguns momentos da vida. Muitas vezes ele presencia milagres dentro do campo, o que o leva a crer que o mesmo pode acontecer em sua vida.

Segundo Da Matta (1982), técnica, controle, coletividade e força são características do futebol das equipes do Norte Global, enquanto no Brasil depende-se da sorte, do improvisado e de expressões individuais de jogadores que se destacam. No conto “Jim” e “Maestros del fútbol”, observa-se a forma como os personagens ingleses de ambas as tramas encaram o futebol. No primeiro, o protagonista tenta organizar o time, implantar desportividade nos campos que eram “palco de constantes brigas e entreveros” (SCHLEE, 2011, p. 92), e, no segundo, Mr. Galloway é o técnico do Peñarol. O narrador de “Maestros del fútbol”, natural de Jaguarão, não concorda com a forma como o inglês organizava o time, pois a escalação não ocorria conforme as amizades entre jogadores, mas, sim, conforme a habilidade para jogar em determinadas posições no campo. Os narradores dos dois contos julgam os ingleses como indiferentes aos habitantes da região diegética, que se sentiam superiores por possuir hábitos europeus, tinham capacidades e habilidades técnicas a respeito do futebol, mas não tinham amor pelas equipes.

Da Matta (1982) salienta que cada sociedade possui o futebol que merece. Percebe-se que o futebol representado nos contos de Schlee não se assemelha ao modelo inglês, organizado e coletivo, mas ao modelo latino-americano, extremamente sentimental (VOGEL, 1982). Observam-se essas manifestações sentimentais em diversas narrativas em *Contos de futebol* (2011), como em “Aquela tarde impossível”, em que o narrador ouve pelo autofalante sobre a vitória do Uruguai e sai às ruas chorando de emoção. O narrador de “Maestros del

futebol” envergonha-se de se apresentar a antigos companheiros de futebol na adolescência por eles terem se tornado ídolos do Peñarol e ele ter seguido sua vida sem atingir êxitos no esporte. Em “Jim”, um marido traído expulsa o jogador inglês a tiros da cidade, pois sua maneira de ser e de jogar ofendia os estabelecidos. O narrador de “Encantos de futebol” ficava admirando a bola de couro que ficava fora do alcance de suas mãos e não conseguia dormir às vésperas de jogos e considera como inexplicável o amor que sente pelo esporte.

O excesso de sentimento despendido pelos torcedores dos contos se justifica porque, estando em um contexto de futebol (participando de um jogo como jogador ou torcedor presencial ou virtual), o indivíduo se sente participante de uma sociedade cujas regras conhece e por vezes quer quebrá-las. Da Matta (1982) relaciona o futebol com a política, pois ao contrário das regras para governos e Constituições, as do futebol pouco mudam, e, caso mudem, são constantemente mencionadas na mídia, fazendo com que a população se sinta protagonista, já que entende das leis que regem essa sociedade (DA MATTA, 1982). Esse autor também compara a atuação de jogadores e políticos que se utilizam do jogo de cintura. Ao invés de enfrentar o oponente, joga-se o corpo para o lado, enganando-o, agindo com malandragem. Para ser um

bom jogador de futebol e o político sagaz sabem que a regra de ouro do universo social brasileiro consiste precisamente em saber sair-se bem. Em poder safar-se nas situações difíceis, fazendo isso com alta dose de dissimulação e elegância, de modo que os outros venham a pensar que para o jogador tudo estava muito fácil (DA MATTA, 1982, p. 28-29).

Além da forma de enganar o oponente, outra analogia existente entre o futebol com a política é a existência do confronto de vontades individuais e destino, biografias e coletividades governadas por leis impessoais (DA MATTA, 1982). É importante analisar o embate que ocorre no futebol entre a coletividade e a individualidade; buscando sair do ciclo da derrota e da pobreza, o jogador pode pensar de maneira individual e prejudicar toda a equipe, tal como fez *Pichón*, protagonista de “Aquele brilho nos olhos”. Esse personagem foi pago para jogar contra a equipe de uma granja de arroz no Uruguai, e estava ainda de ressaca quando o caminhão partiu na madrugada de um sábado para domingo em direção ao local da partida. Durante o percurso, dividindo bergamotas e chimarrão, encontram um carro parado e *Pichón* fica nu ao perceber que havia uma jovem no carro. Nesse momento o caminhão rapidamente seguiu viagem. Ao chegarem ao local do jogo, *Pichón* passa mal e percebe que aquele automóvel com a jovem está se aproximando do local em que aconteceria o jogo, seguido de provas campeiras e churrasco. O motorista que se ofendeu com a atitude do jogador no caminho expulsa do local todo o time, ficando a equipe brasileira sem almoço,

premiação e oportunidade de jogar. As ações individuais no futebol muitas vezes se sobrepõem às táticas de jogo que priorizam a coletividade, como nos países do Hemisfério Norte.

Em alguns países é um esporte pouco expressivo, mas já na América Latina continental o futebol pode ser uma questão de vida ou morte, destacando-se pela passionalidade quando se assiste ou joga uma partida (VOGEL, 1982). Numa primeira leitura, pode parecer que Maria Adélia, protagonista do conto homônimo, tirou sua vida por causa da derrota do América Futebol Clube. Porém, o leitor é envolvido tanto nas linhas do trem de Airosa Galvão quanto na dos bordados da protagonista, e percebe que ela sozinha não suporta a morte de sua mãe, supostamente por depressão por ter perdido o marido, e por sua irmã ter morrido na hora do parto, junto com a criança. O que motivou a protagonista a deixar de viver não foi a derrota do América em 1942, mas com a sequência de perdas de familiares a única esperança de alegria, que era a vitória do clube, se encerrou.

É possível observar que a derrota apenas motivou Maria Adélia a tomar essa decisão. O mesmo possivelmente ocorreu com Tabaré, que se suicidou no campo de futebol, e com João, que se emocionou diante do ídolo no estádio. O contexto do futebol motiva a realizar ações que os indivíduos já tinham vontade de fazer, como xingar, abraçar, chorar e lutar sem ser questionado, novamente salientando as afirmações de Da Matta (1982), para o qual os indivíduos não se esquecem de seus problemas com o futebol, pelo contrário, nesse contexto eles os demonstram.

Observa-se, então, a impossibilidade de estudar a sociedade sem estudar o futebol, bem como estudar o futebol sem a sociedade, pois ela se revela por meio do esporte (DA MATTA, 1982). No Brasil, o futebol é uma atividade social e os indivíduos não ficam imunes a ele, pois mesmo quem não gosta do esporte tem contato com ele por meio da mídia e do convívio com torcedores. Dessa forma, o excesso de sentimento destinado ao futebol faz dele uma instituição.

Não é apenas no Brasil que o futebol adquire características institucionais, mas também no Uruguai e na Argentina. Na Argentina, é comum em períodos de convulsão social que a população use o uniforme da seleção em protestos¹¹, além disso, o futebol possui força política, pois o que culminou com o fim da Era Kirschner, em 2015, foi a eleição do ex-

¹¹ No Brasil, a camiseta da Seleção Brasileira foi utilizada em manifestações pró-impeachment da presidenta eleita democraticamente em 2016, bem como na campanha eleitoral do presidente eleito em 2018. Em 2020 e 2021, manifestantes contra o Poder Executivo vigente clamam por vacinas imunizantes contra o Covid, renda mínima em forma de auxílio emergencial, alimentação, emprego e que se devolva a camisa da Seleção aos brasileiros. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/06/16/deportes/1529108134_704637.html. Acesso em: 10 jun. 2021.

presidente do Boca Juniors, equipe com mais de dezesseis milhões de torcedores¹². Sem esquecer que com a morte de Diego Maradona, em 25 de novembro de 2020, o presidente Alberto Fernández declarou luto oficial por três dias no país. Durante o velório do ídolo, na Casa Rosada, a polícia teve de conter os fãs que se aglomeraram, mesmo durante a pandemia, para tentar prestar a última homenagem ao jogador.

O diretor do Estádio Centenário de Montevideú, sede da primeira Copa do Mundo, Mario Romano, em entrevista ao Jornal *El País* em 2014, afirma que “há uma simbiose entre o país e seu futebol” (MARTINEZ, 2014), ou seja, as afirmações De Matta (1982) sobre inter-relações entre futebol e sociedade não são exclusivas ao Brasil. No Uruguai, a época de ouro da economia e do futebol foi no início do século XX, quando sua capital passou a contar com o prédio mais alto da América Latina e com o estádio Centenário, construído para sediar a primeira Copa do Mundo em 1930. No esporte, a seleção de futebol se tornou bicampeã Olímpica (1924 e 1928) e bicampeã em Copas do Mundo (1930 e 1950). O senso de coletividade imperava nos jogadores, tanto que em 1948 o futuro capitão da seleção celeste em 1950 organizou a primeira greve de jogadores que durou seis meses, para garantir direitos trabalhistas aos jogadores. O amor à camisa ostentado por Obdulio Varela em 1950 foi percebido novamente em 2010, quando o jogador Luis Alberto Suarez defendeu com as mãos o que seria o gol de Gana, equipe adversária. Essa infração resultou na expulsão, suspensão do jogador e um pênalti a favor da equipe africana, que marcou o gol. Já em 2014, o mesmo atleta mordeu um jogador adversário, ficando nove partidas suspensas. O que poderia ser considerado como falta de desportividade ou violência, para alguns torcedores, transformou-se em uma atitude nobre.

No Brasil, a seleção brasileira também exerceu alguns papéis importantes na sociedade, pois, na Copa de 1970, marchinhas convenceram o mundo de que havia união e alegria no país, em que o verde e amarelo das bandeiras camuflaram os anos de chumbo. Após vinte e quatro anos, a Seleção Canarinho em 1994 venceu o luto da morte de Ayrton Senna, presenteando a população com o troféu, graças ao pênalti perdido de Roberto Baggio. A alegria durou apenas quatro anos, quando o Brasil perde para a França na final, em 1998, atribuindo a derrota a uma possível convulsão do jogador Ronaldo momentos antes da partida. Pouco tempo depois dessa Copa, esse mesmo jogador sofreu uma séria lesão, fazendo que acreditassem que jamais voltaria a jogar. A redenção dele e da Seleção Brasileira aconteceu em 2002, quando poucos acreditavam, e a Seleção venceu a Copa do Mundo, consagrando-se

¹² Disponível em: <https://www.esportelandia.com.br/futebol/maiores-torcidas-da-argentina/>. Acesso em: 07 abr. 2021.

como Penta Campeã. O feito de Ronaldo tornou-se um exemplo de superação no esporte, que deveria ser estendido à população em geral.

3.4 A FRONTEIRA ABSTRATA: ESPAÇO DE INTERAÇÃO

A bibliografia de Aldyr Schlee se caracteriza por representar a fronteira Brasil/Uruguai como espaço único, dialogando com os estudos vinculados à fronteira na contemporaneidade, em que os do outro lado não são identificados como “os outros”, mas como sujeitos que possuem semelhanças culturais e econômicas. Um dos pontos de intersecção entre a população brasileira e uruguaia representados em *Contos de futebol* é a importância que o futebol adquire nessa sociedade fronteiriça.

A proximidade com o país vizinho faz com que a fronteira diegética de Schlee seja um espaço de passagem, em que os sujeitos representados percorrem a ponte, indo de um país a outro naturalmente, e, sem entraves aduaneiros, conseguem se comunicar e exercer suas tarefas, mesmo sendo em idiomas diferentes. Heber Raviolo (2011) salienta o caráter “fronteiriço” da obra de Aldyr Schlee, em que esse espaço é narrado tanto como um lugar neutro de passagem, como local de delimitação, em que o lado de lá ficam os “outros”, mas esses outros têm também um pouco de “nós”, visto que existe a partilha de hábitos e costumes entre personagens brasileiros e uruguaios.

Para Aldyr Schlee (2011), “a magia da fronteira se faz na dialética do reconhecimento do outro”, assim, necessita-se da troca e do diálogo para reconhecer esse outro, para notar as semelhanças e as diferenças. A interação entre os personagens brasileiros e uruguaios da obra analisada acontece, principalmente, em jogos de futebol e demais práticas cotidianas de compras e lazer. Dessa forma, acredita-se que a “magia” da fronteira, defendida por Schlee, esteja na possibilidade de poder percorrer dois países e se sentir pertencente a esses dois espaços como se fosse único.

O espaço das narrativas sobre futebol de Schlee representa a fronteira e, ao se mencionar o termo “fronteira”, tem-se a ideia de divisão. *Contos de futebol* representa a unidade territorial desse espaço entre-países que possuem diferenças idiomáticas, econômicas, ao mesmo tempo possui semelhanças.

A unidade cultural da fronteira Brasil-Uruguai se justifica porque outrora foi passagem de gado, de exércitos e contrabandistas. Em *Contos de futebol* é representada como uma região pacífica, sendo um hábito corriqueiro dos habitantes irem de um país a outro sem entraves aduaneiros. Nos seus estudos sobre a fronteira sul-rio-grandenses, Ieda Gutfreid

(2000, p. 1) menciona que “mais de 50% do território gaúcho é constituído de fronteiras abertas com a Argentina e o Uruguai”, portanto, as relações dessa região fronteiriça com os vizinhos do Prata são intensas, visto a proximidade, facilidade em acessar outro país com o fim de guerras e constante comercialização de bens forma legal ou ilegal.

Conforme os estudos de Gilmar Marcarenhas de Jesus (2000), durante quatro séculos de colonização europeia, a região que contempla atualmente o sudoeste gaúcho e norte uruguaio primeiramente foi pouco explorada, visto que não despertavam muito interesse das colônias ibéricas porque as praias eram inóspitas, não tinham riquezas de recursos naturais que poderiam despertar interesse e a posição geográfica era distante dos núcleos urbanos. Culminando, assim, a aproximação cultural da população que ali vivia durante esse período devido à proximidade geográfica e demarcação tardia das fronteiras.

Para compreender esse processo de aproximação cultural, que fixa as bases identitárias dos personagens representados, recorre-se a estudos relativos a demarcações de fronteiras desse espaço representado na obra. Em sua dissertação, Angelise Silva (2010) traça o percurso historiográfico dessa fronteira representada em determinadas obras de Schlee. Menciona que as terras em que atualmente se encontram a fronteira entre Argentina, Brasil e Uruguai não estavam totalmente demarcadas pelos colonizadores no século XVI. Esse local originalmente era ocupado pelos indígenas Charruas, Minuanos, Pampas, Guaranis, Mapuches, Araucanas e etc. demarcavam limites e fronteiras oralmente, garantindo a propriedade e o respeito por cada tribo (SILVA, 2010). Assim, não se relaciona a demarcação das fronteiras atuais ou passadas com as delimitações das tribos dos povos originários mencionados.

Para identificarem os limites firmados no Tratado de Tordesilhas (1494), que limitava as terras consideradas portuguesas até Laguna (SC) e as ao sul como espanholas, colonizadores ibéricos desbravaram o norte do rio da Prata na década de 1530. Com o espírito expansionista, Portugal conseguiu em 1676 que o Papa Inocêncio II expedisse uma Bula concedendo aos domínios de Portugal a extensão de terra até o Rio da Prata, região que na atualidade contempla Uruguai e o estado sul-rio-grandense. Em 1680, “fundaram um pedaço de Portugal em frente a Buenos Aires, Colônia do Sacramento. Respondendo a audácia lusitana, os espanhóis apoiaram os jesuítas da Companhia de Jesus a fundar do lado esquerdo do rio Uruguai os Sete Povos” (SILVA, 2010, p.15).

No princípio do século XVIII as fronteiras que demarcava o sul da colônia portuguesa ainda não eram precisas e eram consideradas terra de ninguém, o espaço que se encontra o Estado do Rio Grande do Sul não era uma unidade administrativa e sim um apêndice da capitania de Santana. Esse século foi marcado por constantes destruições, reconstruções de

Colônia do Sacramento, em que tratados eram assinados na Europa transferindo sua ocupação ora a um, ora a outro país ibérico. Com a construção do presidio Jesus-Maria-José em 1737, em Rio Grande e os fortes Santa Teresa e São Miguel, os espanhóis perceberam as constantes investidas lusitanas e resolveram firmar o Tratado de Madri, causando mais guerras e um lamentável genocídio nos campos missionários com a Guerra Guaranítica (SILVA, 2010, p.18).

Conforme uma série de tratados, aquele que definiu as fronteiras sul dos impérios ibéricos, que mais se aproxima das atuais fronteiras, foi o Tratado de Santo Ildefonso. Conforme Albert von Brunn (2002) nesse documento consta que a fronteira platina passou a ser considerada como “Campos Neutrais” no ano de 1777. A região caracterizava-se como ‘neutra’ porque não tinha delimitação territorial fixa, propiciando o intenso trânsito de contrabando de gado. Nesse tratado, ficou estabelecido o local dos Campos Neutrais, atual Taim até Santa Vitória do Palmar, e que esse território deveria ser neutro, sem a ocupação militar portuguesa ou espanhola. Os demais acertos quanto à linha divisória no decorrer do século XIX vieram como ressalvas desse documento.

Com a independência do vice-reinado do Prata, em 1816, portenhos *criollos*, espanhóis e portugueses interessaram-se pelo controle político e pela exploração da já independente Banda Oriental. Esse país se localizava na entrada do estuário do rio, propício para o comércio e em sua Campanha de continha grande riqueza bovina, sendo um espaço disputado por proprietários de terras, pecuaristas, indígenas e gaúchos. Em 1821, por interesses econômicos, forças portuguesas, ocuparam esse território que passou a ser chamado de Província Cisplatina. (SILVA, 2010, p.23).

Como alguns companheiros de Artigas possuíam ideias que essa província deveria regressar ao domínio da Confederação das Províncias Unidas do Rio da Prata, em 1825, os *Treinta y três orientales* declararam independência da Antiga Banda Oriental (GUTFREIND, 1995). Em resposta, o Brasil já independente declara guerra à Argentina e, após três anos de conflitos, com o intermédio da Inglaterra, interessada no comércio da região, a Província Cisplatina torna-se independente passando a ser chamada por República Oriental do Uruguai (SILVA, 2010).

Após constantes guerras e batalhas, a região platina no século XVIII era um espaço em construção, com ocupação humana instável e rarefeita, com atividades pastoris exercidas de forma rudimentar, distante de espaços urbanos organizados, com estâncias imensas, tornou-se um espaço disputado pelas metrópoles, já que a região do estuário já estava delimitada.

A partir do século XIX ocorreu o apogeu econômico nas charqueadas existentes na Campanha Gaúcha, com demarcação definitiva das fronteiras em 1828 e o intenso comércio de carne bovina. “E assim, as cidades de Rio Grande e Pelotas juntas começavam a sobrepujar a capital estadual Porto Alegre em população e dinamismo econômico. O fariam mais tarde também a partir do futebol” (MASCARENHAS, 2000, p.2).

A prosperidade econômica da fronteira platina advinda do comércio do gado favoreceu o aumento das relações sociais entre os habitantes dessa região. Essas fronteiras demarcadas tardiamente, com pouca fiscalização, geograficamente plana, com raras barreiras naturais, propiciou a prática de contrabando. Com a facilidade na mobilidade interna das mercadorias “a prática de contrabando tornou-se uma regra” (MASCARENHAS, 2000, p. 2),

Deve-se mencionar o contrabando na presente pesquisa, por mais que não seja tema dela, essa prática também justifica o intenso contato entre os habitantes da região da fronteira entre Brasil e Uruguai. Com o contrabando, demarcações de fronteiras e fim das lutas e guerras por territórios

acabaram por desenhar um mapa que dividiu esses povos territorialmente e culturalmente. Em fronteiras do Rio Grande Sul, como Chuí (Brasil)/Chuy (Uruguai) e Santana do Livramento (Brasil)/Rivera (Uruguai), a divisão pode se dar por ruas (denominadas fronteiras secas) e, na fronteira em estudo, Jaguarão (Brasil)/Rio Branco (Uruguai), há o rio Jaguarão que liga as duas cidades e a ponte internacional Mauá, inaugurada no final de 1930, que as divide (MARTINS, 2012).

A Ponte Mauá, constantemente mencionada nos *Contos de futebol* representa o elo que facilita as relações dos personagens de Jaguarão e Rio Branco. Essas relações existentes entre o Estado do Rio Grande do Sul com Uruguai devem ser compreendidas pelo motivo de estarem unidos entre 1820 e 1828. “Quando foi criado o estado-nação uruguaio, em 1928, impôs-se uma fronteira dividindo um espaço que até então fora uniformizado cultural e economicamente: o Pampa sul-rio-grandense” (Mascarenhas, 2000, p. 2). Deve-se considerar essa fronteira internacional como aberta, que pretensamente foi criada no intuito de separar uma região homogênea, caracterizada pela “atividade pastoril extensiva, baixa densidade demográfica, latifúndios, os hábitos culturais, os trajes e mesmo o linguajar em comum de seus habitantes” (Mascarenhas, 2000, p. 2).

Marcarenhas (2000), a respeito da via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul, salienta que as relações comerciais nas fronteiras entre Brasil, Uruguai e Argentina no final do século XIX e início do século XX favoreceram ainda mais a proximidade cultural entre esses países. Segundo esse autor, a Argentina era o maior exportador de carne, lã e couro para a Inglaterra e para escoar a produção de gado do interior do país até o rio Prata

esse país investiu na construção da malha ferroviária da Argentina que se expandiu posteriormente pelo interior da Uruguai e Campanha gaúcha. Naquele início de século, por causa das exportações, cidades como Buenos Aires e Montevideu cresceram exponencialmente e ainda receberam imigrantes de diversos países da Europa, somando a marca de novecentos e cinquenta mil habitantes na cidade portenha em 1904, assimilando a cultura local.

Nos estudos contemporâneos, desvinculam-se as ideias de fronteira das noções de Estado-nação, que consideram que grupos humanos que habitam margens opostas não mantêm contato e não possuem semelhanças entre si. Karla Maria Müller (2002), a respeito das práticas comunicacionais de fronteira entre Uruguaiana (BR) e Paso de los Libres (AR), menciona que um rio divide essas duas cidades, mas, enxergar a outra margem promove a ideia de proximidade, em que o rio não é um limitador. Pode-se fazer uma analogia a respeito das cidades de Jaguarão e Rio Branco representadas em *Contos de futebol*, em que mesmo o rio Jaguarão dividindo esses territórios, a possibilidade de ver a outra margem torna o outro lado atingível e próximo, o que favorece com que personagens cruzem a Ponte Mauá, a pé ou de trem, e convivam com os do outro lado sem “sentir” a passagem entre países.

Por muito tempo, a fronteira de Uruguaiana e de Jaguarão foi considerada “Fronteiras-barreira”, pois existe um rio que separa duas cidades e dois países ao mesmo tempo. Müller (2002) menciona a configuração das “fronteiras-barreira”, essas que possuem uma barreira natural que impede a passagem. Porém, com os avanços tecnológicos, suplantaram-se esses entraves, fazendo com que o rio não seja mais impeditivo de atingir a outra margem. Regiões fronteiriças em que os sujeitos das duas margens opostas convivem não podem ser consideradas como fronteira-barreira, “já que existe ação e interação dos agentes fronteiriços que estimulam dinâmicas específicas e informais” (MÜLLER, 2002, p. 221).

Cidades ou povoados de margens opostas podem ser considerados como pontos de contato, pois são nesses espaços que a população fronteiriça realiza compras (legais ou não) ou mantém relações familiares. A barreira continua onde está, porém, a noção sobre essa fronteira se modifica, já que facilmente pode ser superada por pontes ou navegação. A dificuldade em classificar o espaço fronteiriço foi observada por Alessandra Ávila Martins (2012, p. 21), visto que a fronteira “tanto no seu sentido geográfico quanto no seu sentido simbólico, se configura como um espaço pleno de tensões, envolvidas pela resistência e pela integração”. Menciona a mobilidade dos estudos sobre fronteira, pois é um espaço instável e em constante ressignificação. Dessa forma, classificar fronteiras analisando os seus aspectos

naturais pode ser problemático, visto que os indivíduos passam por essas barreiras naturais e outros fatores definem o que pertencem a um lado ou a outro.

A partir das diversas classificações de fronteira, Gutfreind (2000) questiona o conhecimento oficial produzido sobre a história do Rio Grande do Sul a respeito de sua fronteira com o Prata, que por muitos anos afirmava que não havia contato entre a antiga colônia portuguesa e a espanhola. A partir dos discursos orais de historiadores fronteiriços, derruba-se a ideia de fronteira *muralha*, de que não há influência hispânica na antiga colônia lusitana, tão defendida por Moysés Vellinho (1975). Essa autora salienta que

a perspectiva assumida pela historiografia dita oficial gaúcha, em estudo, é a da existência de uma fronteira sempre ameaçada. Ideologicamente, ela construiu o *discurso da muralha*, separando o que, pela própria natureza, é a continuidade a vastíssima área do *pampa* (GUTFREIND, 2000, p. 1).

Na pesquisa com fontes orais de Gutfreind (2000), percebe-se que os intercâmbios permanentes, como atividades de contrabando, contatos econômicos, as trocas, os laços de parentesco que se criaram entre as duas bandas favorecem que esse ideal de fronteira-linha seja superado e compreendido como fronteira-zona. Para essa pesquisadora, a fronteira entre Brasil e Uruguai, a mesma representada por Schlee, pode ser considerada como fronteira-zona devido ao fluxo populacional, às trocas comerciais e de ideias, além de influências diversas.

A partir dos anos 1980, os estudos vinculados à fronteira se transformam, passando a observar que a cultura de determinadas regiões fronteiriças transcende essa linha imaginária. A fronteira representada em *Contos de futebol* pode ser compreendida como “espaço” entre o Brasil e o Uruguai, sendo lugar de transição, com características dos dois países aos quais pertencem.

Mariana Flores da Cunha Thompson Flores (2012) ainda salienta que, a partir da década de 1990, a fronteira passou a ser compreendida como espaço platino,

que não impunha limites físicos, haja vista que se cruzava facilmente pelos rios, e, pelo contrário, era uma região de paisagem constante que quase não se diferenciava entre um lado e outro, que profundas ligações sociais, econômicas, militares, culturais e políticas foram forjadas entre as sociedades que habitaram esse espaço desde os tempos coloniais (THOMPSON FLORES, 2012, p. 55).

Segundo Thompson Flores (2012), a historiografia produzida na década de 1990 aproximou significativamente seus estudos com a historiografia argentina e uruguaia, utilizando-as como referência e percebendo o atraso desses estudos vinculados à fronteira frente aos vizinhos do Prata, visto as semelhanças que os contextos econômicos e sociais carregavam entre si.

Nos novos estudos culturais, a fronteira não é compreendida como uma faixa fixa, pois com a passagem do tempo ela se movimenta conforme ocorre um jogo de forças no seu entorno, sendo historicamente construída (MARTINS, 2012). Ainda, para Thompson Flores (2012), a fronteira não é um espaço rígido, pois se atualiza constantemente através de diversas práticas, legais ou ilegais. A mesma autora salienta “que até fins do século XIX, na tríplice fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina, não existiam fronteiras especificamente nacionais, havia, isso sim, fronteiras ‘provinciais’” (THOMPSON FLORES, 2012, p. 56). Dessa maneira, percebe-se que a relação de perceber o vizinho como outro era no período em que Uruguai, Argentina e Brasil ainda não eram Estados independentes e essa proximidade se deu a partir do esquecimento dos centros econômicos nacionais sobre essa região de fronteira.

Percebendo a complexidade da fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina, diversas pesquisas foram realizadas abordando aspectos sociais, econômicos e literários da região. A partir disso, foram elaboradas classificações de fronteira contemplando suas peculiaridades, observando que muitas delas são espaços de conflitos, outras dividem grupos étnicos e tem as que possuem barreiras físicas que impedem a passagem.

Müller (2002) menciona alguns aportes que funcionam como guias para compreender o avanço do conceito de fronteira. Classifica como “fronteiras-faixa” as que se apresentam como muralhas e muros praticamente intransponíveis, e as “fronteiras-linhas”, que são demarcações que dividem organizações de grupos humanos de qualquer escala. Numa leitura mais atenta, observa-se a fragilidade dessas classificações a respeito de fronteiras, já que a ação humana, bem como o processo histórico pode derrubar certas barreiras reais ou imaginárias (MÜLLER, 2002).

O conceito de “fronteiras-zonas” serve às fronteiras caracterizadas por extensas áreas inabitadas, como florestas e montanhas, enquanto as de “zonas de fronteira” podem ser compreendidas, conforme os apontamentos de Müller (2002), como um dos mais representativos das fronteiras Brasil/Uruguai, visto que constituem “franjas territoriais” de ambas as linhas de demarcação geográfica e política. Nesse espaço, atingido pelas “franjas”, as populações dos países convivem mantendo suas particularidades próprias, diferenciando-se de outras partes do território de seu país correspondente.

Segundo Müller (2002), conforme as relações internacionais vão tomando outras dimensões, a noção sobre determinado espaço fronteiriço vai se modificando. Dessa forma, a autora corrobora os estudos de Benedict Zientara (1989, p. 307), considerando que a fronteira não pode ser compreendida como demarcação rígida que delimita países, pois “fronteira é, portanto, uma abstração que não tem existência real fora do mapa geográfico. Mesmo o

confim entre a terra e o mar não é uma linha, mas sim uma orla ou margem traçada pelo mar”. Portanto, fronteira pode ser compreendida como espaço de interação e contato entre os grupos.

Nos apontamentos de Jacques Leenhardt (2002), também se nota o adjetivo “abstrato” quando se refere a fronteiras. Além disso, esse espaço não é analisado como algo concreto, fixo e imutável. Salienta que nos dicionários fronteira é

a extremidade de um reino, de uma província que os inimigos se deparam quando querem entrar”. O aspecto enfático de *front* não impede, bem entendido, que por um movimento que venha do interior do território a fronteira se transforme em um *front* móvel. O objeto da geopolítica consiste precisamente nesse aspecto que, face às definições estáticas dadas pela geografia, ela tenha por objeto o movimento permanente que agita essas linhas reputadas móveis [...] (LEENHARDT, 2002, p. 27).

A fronteira, então, pode ser percebida como espaço de mobilidade, sendo um lugar de passagem de trânsito e indivíduos. Maria Helena Martins (2002) também reconhece as fronteiras, especificamente entre Brasil, Argentina e Uruguai, como espaço de possibilidades e não como limitação. Salienta essa região fronteiriça como periférica, que necessita (e sempre necessitou) se aproximar do vizinho por questões comerciais, tornando a convivência ampla, o que no decorrer dos anos fez com que aumentassem os laços familiares realizados entre pessoas desses países, ao passo que os centros políticos e econômicos não investem economicamente nessa região (MARTINS, 2002).

Essas relações comerciais e familiares favorecem a porosidade da fronteira (MARTINS, 2012), ou seja, por mais diferente que os lados desses *fronts* sejam, resquícios culturais são absorvidos de ambos os lados conforme a necessidade de câmbios comerciais e aproximação familiar. Pode-se perceber, então, que a fronteira “é um limite sem limites” (PESAVENTO, 2002, p. 36).

Pesavento (2002) considera que fronteiras são simbólicas. Antes de serem marcos físicos ou naturais, são marcos de referência mental, capazes de guiar a percepção daquilo que é real. Essa autora também chama a atenção para o aspecto das “fronteiras culturais”, visto que “são construções de sentido, fazendo parte do jogo social das representações que estabelece classificações, hierarquias e limites, guiando o olhar e a apreciação sobre o mundo” (PESAVENTO, 2002, p. 35). Assim, quando um personagem de *Contos de futebol* perpassa a Ponte Mauá, ele vai a outro país porque alguém antes delimitou esse espaço por meio de guerras ou tratados, mas, na realidade representada, ele simplesmente está exercendo alguma tarefa ou em busca de lazer como faz cotidianamente, sem perceber grandes mudanças, pois está habituado.

Outra possibilidade de análise a respeito de uma cultura produzida “entre-estados” é que ela é ambivalente e ambígua. “Ambivalente porque a fronteira é trânsito que comporta dois estados de ser, e ambíguo porque traz consigo uma promessa de superação no tempo, na possibilidade de ser um outro, um terceiro” (PESAVENTO, 2002, p. 37). Regiões fronteiriças, então, possuem semelhanças com os dois países ou regiões que dividem, sendo um espaço híbrido. Segundo Pesavento (2002, p. 37), a condição de fronteira “é ser excêntrico, ou seja, é dada pela situação de ser borda, margem ou franja. Não estar no centro é, pois, tanto estar distante quanto ser diferente”. Assim, quando personagens de *Contos de futebol* torcem também para equipes uruguaias e argentinas, isso indica que são diferentes dos demais brasileiros, por estarem próximos de outro país e distante da realidade social e econômica dos centros brasileiros. O mesmo ocorre com personagens uruguaios que mantêm relações no lado brasileiro da fronteira.

A respeito da fronteira sul-rio-grandense, Ieda Gutfreid (2000, p. 1) menciona que “mais de 50% do território gaúcho é constituído de fronteiras abertas com a Argentina e o Uruguai”, o que facilita a passagem e comunicação entre esses países. Martins (2012) cita que o Estado brasileiro do Rio Grande do Sul tem as seguintes fronteiras entre Brasil e Uruguai: “Jaguarão/Rio Branco; Santana do Livramento/Rivera; Chuí/Chuy; Quaraí/Artigas. A fronteira mais antiga é a primeira mencionada. O município de Jaguarão, na fronteira sul do Rio Grande do Sul, foi fundado em 1802” (MARTINS, 2012, p. 20). Para essa autora, a divisão existente entre Jaguarão e Rio Branco pode ser compreendida como simbólica, visto que há “um elemento concreto que une/divide essas cidades, que é a Ponte Internacional Mauá, inaugurada em 1930” (2012, p. 20). Portanto, pensá-la como fronteira-barreira pode ser uma classificação ultrapassada, visto que analisa apenas entraves naturais, sem observar a realidade, em que o contato entre a população ocorre.

Acompanhando a bibliografia schleeriana, a população fronteiriça de Jaguarão e Rio Branco representada não se sentia impedida de ir a outra margem, seja por barcos (como pode ser analisada a partir da obra *Uma terra só* (2011)), ou por meio da Ponte Mauá. Müller (2002, p. 230) sinaliza que quando as relações entre povos fronteiriços são dinâmicas, “as interações são constantes, muito embora pareça não pareça existir uma integração completa, mas sim várias formas de cooperação e entrelaçamento entre os campos sociais presentes” e as linhas que demarcam essa linha divisória podem ser classificadas como “fronteira-viva”.

As fronteiras-vivas não impedem que seus habitantes se sintam impedidos de trocarem relações mesmo estando em nações distintas, além disso, interagem e constroem espaços comuns peculiares. Nas “fronteiras-vivas”, invadem-se terras internacionais, trocam-se

informações, produtos, relações e configura-se um novo espaço, assim, criam-se normas para atender as necessidades da região, geralmente esquecida pelos centros políticos dos países. Conforme Müller (2002, p. 224), “chegando em muitos casos a transgredir determinações provenientes de instâncias de poder situadas em círculos distantes, em áreas externas a eles”. Jorge Iturriza (1986) também considera as fronteiras estudadas como “fronteiras-vivas”, pois as duas margens aproximam-se pela necessidade, já que essas regiões geralmente são pobres e têm caráter de periferia dentro do espaço regional.

Las áreas de frontera han sido caracterizadas como zonas aisladas y alejadas de los centros dinámicos; con escaso y desigual desarrollo económico-social en relación con otras zonas de los propios países; sin instituciones idóneas ni poder para adoptar o promover decisiones que den impulso a las actividades locales; con recursos naturales insuficientemente explotados e, incluso, poco conocidos; en ocasiones con deficientes vías de comunicaciones; vecinas a otras áreas de países linderos de similar conformación humana y geográfica, en ocasiones con raíces sociales o étnicas comunes, sujetas a los efectos de políticas definidas desde los gobiernos centrales, cuyos cambios en el transcurso del tiempo obstaculizan a la continuidad de las relaciones que se hubieran podido establecer con comunidades vecinas, y emplazadas en puntos geográficos que las tornan objeto de eventuales fricciones e, inclusive, de conflictos con el país colidante (ITURRIZA, 1986, p. 146).

Essas relações, mencionadas por Iturriza (1986), permitem observar que a problemática existente na fronteira revela dificuldades das zonas fronteiriças integra-se no seu contexto nacional bem como o país vizinho. Dessa forma, a região fronteiriça passa a se isolar dos países a que pertencem, aumentando o subdesenvolvimento.

Algumas pesquisas apontam que as regiões de fronteira, por compartilharem o subdesenvolvimento, integram-se pela necessidade econômica e proximidade geográfica. Mas, Thompson Flores e Farinatti (2009) consideram problemático classificar exclusivamente a fronteira como espaço de integração, visto que existem elementos que demarcam de forma dinâmica a alteridade dessas comunidades. Ainda salientam que se deve evitar tratar as fronteiras como região homogênea e monolítica, mas ao contrário disso, deve-se considerar a fronteira por meio de suas inúmeras relações que são possíveis de se estabelecerem (THOMPSON FLORES; FARINATTI, 2009).

Martins (2012) salienta que o espaço fronteiriço é marcado pela ressignificação. Jaguarão, por exemplo, nasceu num período de fortes disputas territoriais entre as coroas espanholas e portuguesas. Na época de sua criação, os do outro lado eram da colônia inimiga e no decorrer do tempo, com as mudanças políticas e econômicas nas colônias e nas repúblicas incipientes, mudou a maneira de perceber o país vizinho. Thompson Flores e Farinatti (2009) estabelecem que as fronteiras não são espaços rígidos e estão constantemente em atualização.

Não se deve restringir essas relações possíveis apenas às das duas “nacionalidades” em contato ou às relações que esses grupos fronteiriços estabelecem com seus Estados centrais. Os atuais estudos sobre fronteiras aqueles que já superaram as perspectivas mais tradicionais e percebem a fronteira como um espaço de integração em geral não expressam a heterogeneidade social e cultural das sociedades que analisam e tomam a fronteira como um espaço que compreende estritamente relações duais (entre as comunidades nacionais de fronteiras ou entre essas comunidades e os Estados) (THOMPSON FLORES; FARINATTI, 2009, p. 158-159).

A fronteira, então, pode ser percebida ao mesmo tempo como espaço de integração, demarcação, alteridade, perigo, oportunidade e liberdade (THOMPSON FLORES; FARINATTI, 2009). Observando todas essas nuances que a classificação sobre fronteira adquire, chega-se à concepção que Thompson Flores (2012) denominou como “fronteira manejada”. Em sua tese de doutorado, a pesquisadora analisou crimes de fronteira, colocando luz nos benefícios e riscos (principalmente aos escravizados no século XIX) de viverem na região fronteiriça. A autora conclui que “fronteira manejada”

corresponde à necessidade de reduzir a escala de análise às ações individuais, sem perder a dimensão da ação do Estado e dos contextos históricos amplos; considerar que a fronteira proporciona, ao mesmo tempo, separação e contato; que o limite estabelecido é reconhecido pelo fronteiriço, cumprindo função concreta nas suas vidas; que as relações estabelecidas de um lado ao outro serão “transfronteiriças” porque perpassam a fronteira, mas não desconsideram a fronteiras em si; que a fronteira não é um dado fixo, mas sujeita à constante alteração de organização e significados, o que implica as relações estabelecidas; que os sujeitos fronteiriços também não são homogêneos, mas correspondem às mais variadas posições sociais, e é a partir de seus posicionamentos que recursos específicos estarão disponíveis para serem manejados; que a fronteira funciona para eles como um espaço de estratégia que deve ser levado em consideração nas suas decisões cotidianas (THOMPSON FLORES, 2012, p. 307).

Dessa forma, não se devem analisar as questões fronteiriças presentes em *Contos de futebol* como local culturalmente homogêneo, mas devem-se observar suas especificidades, perceber os atores sociais que formaram essa sociedade, e tentar perceber a forma com que os personagens “manejam” a fronteira, podendo dificultar ou favorecer suas relações familiares e econômicas. Entende-se esse manejo da fronteira entre os personagens, como Richar, em “Empate”, atribui seu infortúnio à sua nacionalidade, justificando que só não jogou devido a seus documentos uruguaios não estarem corretos, não mencionando que não jogava tão bem assim e não teve jogo de cintura para continuar treinando ou jogando.

Também, a tia do narrador em “Jim” maneja a fronteira quando opta por torcer a um time uruaio na tentativa de superar a paixão pelo jogador inglês que jogava no time brasileiro de Jaguarão. Em “Encantos de futebol”, percebe-se o manejo da equipe em treinar de um lado da fronteira, jogar em outro, ter sua sede no lado brasileiro e ter diversos jogadores habitantes do lado uruaio.

4 MEMÓRIAS DO FUTEBOL

No filme vencedor do Oscar de melhor filme estrangeiro de 2010, *O segredo de seus olhos*¹³, pode-se observar um ponto de vista sobre a importância do futebol na sociedade platina. Na trama, os policiais Benjamin e o tabelião Pablo Sandoval buscam identificar o assassino Isidoro Gomes, mas as únicas pistas que possuem são suas cartas trocadas com sua mãe. Sandoval percebe que o assassino menciona em várias cartas o nome de jogadores do Racing, e logo o identificam como um torcedor desse clube. Um dos diálogos do filme que chama a atenção, e que se aproxima a esta pesquisa, é o que ocorre entre o policial Pablo Sandoval e um bêbado em um bar.

- *Tabelião, o que o Racing é para você?*
- *É uma paixão, meu amigo.*
- *Mesmo que faça 9 anos que não vençam o Campeonato?*
- *Uma paixão é uma paixão.*
- *Entendeu, Benjamín? As pessoas podem trocar de tudo, de cara, carro, família, namorada, religião, Deus. Mas tem uma coisa que não se pode mudar, Benjamín. Não se pode trocar de paixão.*

Nesse momento do filme, os policiais perceberam que o mais acertado a fazer é procurar pelo assassino no estádio e lá o encontraram, pois, nas palavras do tabelião, o Racing é uma paixão, muda-se tudo na vida, menos o time pelo qual se torce. Essa afirmação pode ser percebida em todas as onze narrativas de *Contos de futebol*. Mesmo que nem todos os contos sejam dentro de estádios, os personagens ou narradores vivem em um contexto de futebol, pois ou estão jogando ou falando sobre. A justificativa para esses personagens torcerem por clubes pequenos e derrotados, que são representados ficcionalmente em alguns contos, é a paixão pelo clube, capaz de renovar as suas esperanças.

Entende-se que a memória está intimamente ligada à afetividade, dessa forma entende-se o motivo dos personagens rememorarem jogos, antigos clubes e jogadores, pois eles se sentem pertencentes a um grupo coeso e também recordam de momentos marcantes da sociedade que viviam. Para Halbwachs (2006), quanto maiores os laços afetivos de um indivíduo com um grupo, maiores serão as memórias a respeito dessa coletividade. Corroborando essa ideia, Candau (2019, p. 74) salienta que os sujeitos tendem a

memorizar menos os acontecimentos neutros do que aqueles carregados afetivamente e, de outro, entre esses últimos, esquecer aqueles que são desagradáveis mais rapidamente do que os outros. Com o tempo, vai-se atenuando o lado desagradável de algumas lembranças, o que se obtém através de algumas estratégias como as omissões.

¹³ EL SECRETO DE SUS OJO. Direção de Juan José Campanella. Produção: Tornasol Films. Argentina: Europa Filmes, 2009. Amazon Prime (129 min.)

Quanto mais emoções são mobilizadas, maior será a possibilidade dessa lembrança se cristalizar na memória. Ao serem fixadas, passam a ser compartilhadas, assim, são confirmadas ou negadas a partir da memória do outro, pois muitas vezes a memória individual é falha. Segundo Pollak (1992), essas memórias coletivas podem ser formadas a partir de acontecimentos, personagens e lugares, elementos que possuem a capacidade de ativar memórias. Assim, indivíduos de um grupo podem se aproximar pela semelhança de memória ou se separar, visto que não possuem as mesmas referências e lembranças do passado. As memórias coletivas constituem a identidade e aumentam sua coesão de grupo, visto que personalidades representativas desse grupo são as mesmas. Na contemporaneidade, vinculam-se os estudos memoriais com os identitários, pois

memória e identidade se entrecruzam indissociáveis, se reforçam mutuamente desde o momento de sua emergência até sua inevitável dissolução. Não há busca identitária sem memória e, inversamente, a busca memorial é sempre acompanhada de um sentimento de identidade, pelo menos individualmente (CANDAUI, 2019, p. 19).

Nos *Contos de futebol*, observa-se que as memórias relativas ao futebol fortalecem os vínculos desse indivíduo memorioso com seus clubes e sociedade fronteiriça representada ficcionalmente. No conto “Maestros del fútbol”, o narrador nem conhecia as pessoas que estavam a seu lado na arquibancada, mas em um diálogo percebeu que tinham diversos pontos em comum: estavam no mesmo setor de uma arquibancada, indicando que pertenciam a mesma classe econômica, torciam por o mesmo clube e, principalmente, compartilhavam das mesmas memórias relativas a antigos jogadores que marcaram época no Peñarol. Assim, as memórias comuns forneceram elos de identificação àquele pequeno grupo de torcedores.

Nos estudos de Candau (2019, p. 43), observa-se que “o ‘contágio de ideias’ ocorre, sem dúvida mais facilmente, em um grupo de menor número de indivíduos do que em outro de maior tamanho”. Então, quanto menor a sociedade, maior é sua coesão de grupo, pois são menos indivíduos a questionar as narrativas sobre o passado e maior é a chance de reproduzir as narrativas memoriais pertinentes.

A sociedade ficcional de *Contos de futebol* é um espaço de fronteira entre as cidades de Jaguarão e Rio Branco. Mesmo mesclando os idiomas, as relações sociais ocorrem a partir do comércio, em que personagens cruzavam a fronteira para fazer compras, ir ao cinema, ao café e, principalmente, jogar, participar, ouvir ou assistir presencialmente a partidas de futebol. Tendo duas opções, escolhiam o lado da fronteira que oferecia mais opções de lazer, que tivesse alguma partida de futebol ou que fosse mais vantajoso economicamente, assim, manejavam a fronteira conforme o interesse.

O espaço representado por Schlee possui unidade territorial e percebe-se que as narrativas representam essa fronteira a partir da menção de espaços fronteiriços brasileiros e uruguaios por meio dos narradores e personagens. Ao cruzar a fronteira, de ponte ou barco, não há uma mudança ou algum entrave, mas a passagem é natural e corriqueira. Por circularem pelos mesmos espaços, os personagens adquirirão os mesmos produtos e vivem momentos semelhantes, aproximam-se culturalmente favorecendo a coesão desse grupo fronteiriço representado.

A partir dos estudos de Pollak (1992) e Nora (1993), nota-se que existem critérios que favorecem a fixação, cristalização e evocação de memórias, como “acontecimentos, personagens e lugares, conhecidos direta ou indiretamente, podem obviamente dizer respeito a acontecimentos, personagens e lugares reais, empiricamente fundados em dados concretos” (POLLAK, 1992, p. 202). A partir dessa constatação, percebe-se que jogos ou campeonatos, estádios ou canchas e determinados jogadores e torcedores favorecem a evocação memorial dos narradores porque estão relacionados a acontecimentos, lugares e personagens.

As memórias dos narradores e personagens são confirmadas na diegese a partir de jornais, programas de rádio e conversas entre personagens. Por compartilharem memórias semelhantes relativas ao futebol, esses personagens fronteiriços se identificam, acham-se diferentes daqueles que habitam capitais ou outras regiões do Brasil ou Uruguai, mas um dos fatores que aumenta o grau de pertinência do grupo é que torcem por equipes da região da fronteira, um de cada país, ao mesmo tempo.

Neste sentido, esse capítulo visa a analisar a representação do futebol em sua relação com os estádios, campeonatos, jogadores e clubes. Acredita-se que esses elementos presentes nos contos favorecem a evocação memorial, visto que podem ser considerados como lugares, acontecimentos e pessoas/personagens. Além disso, representam a maneira como o futebol se apresenta como drama da vida social, em que a sociedade se revela também a partir de jogos e situações que envolvam o futebol, como treinos, conversas, leitura de periódicos esportivos e memórias sobre o esporte.

As memórias semelhantes relativas ao futebol promovem a identificação dos personagens fronteiriços porque circulam livremente entre os países, torcem pelos mesmos times e compartilham o mesmo sentimento pelo futebol.

4.1 ESTÁDIOS E CANCHAS: LUGARES DE MEMÓRIA

Conforme os estudos de Nora (1992), lugares de memória são essenciais para que ocorra a evocação memorial. Quando um indivíduo circula em um ambiente e depara-se com certo imóvel ou móvel que remete a algo que já tenha visto no passado, esse lugar ou objeto pode facilitar que memórias puras sejam evocadas automaticamente, sem que se encontre dificuldade em encontrar essa memória. Na maioria das onze narrativas de *Contos de futebol*, o narrador lembra acontecimentos que ocorreram quando personagens, ou ele mesmo, estavam em um estádio. Ao mencionar o campo, a arquibancada, o vestiário, as canchas em que partidas amadoras eram realizadas, novas lembranças são evocadas, formando uma narrativa coerente, visto que esse indivíduo consegue recordar de um episódio continuamente, sem lapsos ou falhas memoriais. A partir dessas memórias narradas, tem-se a noção de como era a região fronteiriça no passado representado ficcionalmente.

No conto “A verdade e a mentira de Hugo del Carril e o grande Heleno de Freitas”, percebe-se a importância que certos lugares adquirem na memória dos personagens por serem mais ou menos restritos. João não pôde nem ir à calçada do teatro Guarany nem chegar à entrada do hotel em que o cantor estava hospedado em Pelotas porque seus passageiros desembarcaram a uma quadra de distância e não o convidaram para ir ao saguão do hotel.

E não se animou a ver Hugo del Carril, porque estava assim de gente na frente do teatro e era só traje fino que dava.

João não pôde ver Hugo del Carril. Não foi ver Hugo de Carril. Não quis ver Hugo del Carril. Não ia se meter no meio daquela grã-finagem toda e ainda pagar um dinheiro que não podia, um dinheiro que não tinha, só para ver Hugo del Carril em carne e osso. Afinal, já conhecia Hugo del carril do cinema, com Libertad Lamarque. E ouvia quando queria as músicas cantadas no rádio por Hugo del Carril (SCHLEE, 2011, p. 147).

É interessante perceber que nessa citação o narrador onisciente reproduz um possível pensamento utilizado por João para se convencer que só não estava naquele ambiente porque ele não queria, não porque não fora convidado a entrar ou porque não tinha dinheiro. Passa a desdenhar da apresentação, porque se quisesse ver o cantor, faria isso no cinema ou no rádio. Porém, ao retornar a Jaguarão, inventa uma narrativa aos clientes e a seus familiares, afirmando que foi ao teatro e conversou com o cantor no saguão do hotel. A mentira o acompanhava diariamente, e por ser um motorista de “auto de praça”, reproduzia essa história continuamente, porque aquela tinha sido sua viagem mais importante enquanto profissional.

Em outra circunstância, leva quatro passageiros também a Pelotas, para assistirem Vasco da Gama x E. C. Pelotas. Durante a viagem, o cunhado do alfaiate afirmou que: “Parece mentira que vamos conhecer o grande Heleno de Freitas” (SCHLEE, 2011, p 153). Ao ser interrogado pela criança que estava no carro, o motorista afirmou que também tinha vontade de conhecer o jogador.

Mas havia cinco entradas cinco ingressos na mão do alfaiate. João ficou com o seu e, quando os portões se abriram, foi um verdadeiro estouro da boiada e cada um por si. Dentro do estádio era tudo muito claro e amplo e colorido e alegre e barulhento. Dava para sentir o cheiro gostoso da grama úmida recém-aparada. Não cabia mais gente no pavilhão social. As arquibancadas estavam superlotadas. João foi sendo levado até perto de um *corner*. Ali se espremeu junto à balaustrada, a uns poucos metros do campo (SCHLEE, 2011, p. 154).

Ao frequentar o mesmo espaço que seus passageiros, o protagonista, também se sente importante, não mais um excluído, mas alguém que faz parte de uma sociedade. Observa-se a maneira como o futebol promove cidadania para os sujeitos, conforme Da Matta (1982), pois mesmo João não estando no pavilhão social, o melhor lugar daquele estádio, ele compartilhou o momento junto aos demais. Devido à emoção, conseguiu registrar com riqueza de detalhes o aspecto que o estádio adquiriu para receber o clube famoso do Rio de Janeiro e por uma multidão se fazer presente. Naquele momento, João fez parte da sociedade privilegiada, pois pôde assistir e ver uma pessoa famosa de perto. Por pior que fosse o lugar em que assistia ao jogo, estava próximo à goleira, e quando os olhos de Heleno cruzaram com os dele, João baixou a cabeça, envergonhado.

De acordo com os personagens de *Contos de futebol*, estar em um estádio mobiliza as emoções e esse espaço favorece que lembranças sejam fixadas, facilitando a evocação memorial quando necessária. A vivência de João no estádio foi “a verdade”, pois participou da celebração junto a uma multidão e viu o ídolo brasileiro. Ele pôde desapegar-se da “mentira” que se contava sobre Hugo del Carril, já que tinha de fato presenciado outro tipo de espetáculo, junto a indivíduos de todas as classes sociais.

A emoção de João, de estar em um estádio, pode ser percebida quando o narrador de “Maestros del fútbol” entra pela primeira vez no Estádio Centenário, em Montevideu. Esse estádio, representado no conto, é considerado pelo narrador como um templo, porque naquele lugar foi sede a primeira Copa do Mundo, em 1930, e com esse título divulgou o nome do país ao mundo. Adquirindo essa dimensão de “templo”, vincula-se o esporte à religião, e, com isso, o narrador espera fazer parte desse panteão de santos imortalizados na memória dos torcedores, pois menciona inúmeros ídolos do futebol uruguaio.

No conto, esse narrador sai de Jaguarão para ir a Montevideú para, junto a Oscar e Alcides, seus amigos de jogos, tentar passar na seleção para categoria de base do Peñarol. Oscar passou no teste e foi indicado a jogar no plantel principal, já Alcides foi à “Terceira Especial”, que seria um “time B” do Peñarol. As vivências do narrador que acompanha o treino de seus amigos e frequenta a *barra vieja* fornecem ao leitor um manancial de possibilidades interpretativas relativas à sociedade fronteiriça do período. Nota-se a profissionalização dos clubes uruguaios, visto que havia investimento nos jogadores mais novos, já que os clubes os preparavam para o mercado do futebol.

Merece observação também a escolha dos técnicos do clube, visto que nenhum dos mencionados no conto era brasileiro ou uruguaio, mas europeus. No conto em questão, observa-se que o complexo de vira-latas, que era o sentimento de inferioridade diante europeus, cunhado por Nelson Rodrigues, não era restrito ao Brasil, pois um húngaro substituiu um técnico inglês, e não um natural de algum país platino. No conto em questão, segundo a opinião do narrador, os jogadores e os dirigentes tratavam de forma diferenciada o técnico inglês devido a sua nacionalidade. Mr. Galloway mais pensava do que agia, e isso incomodava o narrador, pois em sua opinião o técnico não deveria ser tão distante da equipe, deveria pensar mais no Peñarol do que na Inglaterra.

Mr. Galloway era um inglês que todos reverenciavam como se fosse o pároco do time: só faltava lhe pedirem a bênção, lhe beijarem a mão e lhe confessarem, uma a uma, todos os pecados. Ele se mantinha distante, como os ingleses do cinema, e parecia pensar muito sobre qualquer coisa que lhe diziam – fosse apenas um nome (o nome, por exemplo, de um jogador que lhe era apresentado), fosse toda uma explicação sobre isso ou aquilo que acontecia aqui e ali no mundo do futebol.

Mr. Galloway se debruçava sobre a mesa, onde ficava os cotovelos, e pensava muito, com as mãos cruzadas sob o queixo. Pensava talvez na Inglaterra, nos campos cobertos de neve, em calções compridos e camisetas de lã – porque seu olhar, às vezes dirigido para um e outro, ia muito além, atravessando paredes e fronteiras, perdido em distâncias insondáveis e tempos memoráveis (SCHLEE, 2011, p. 58-59).

Semelhante aos estudos de Vogel (1982), as quais apontam semelhanças entre o futebol e a religião, esse narrador não segue os dogmas impostos pelo inglês e o despreza, sem fazer autocrítica e admitindo que nem seu pai acreditava nele, pois sabia que por melhor que jogasse não estava apto para jogar num clube de futebol. Por não concordar com a forma de trabalho e não nutrir nenhuma simpatia e identificação com o técnico, o narrador o desprezava.

Naquele mesmo espaço onde se celebrou o campeonato mundial, também se organizou “a primeira greve” dos jogadores, em 1948, esse acontecimento da greve possibilita duas perspectivas de análise. A primeira indica que os jogadores uruguaios se organizaram

enquanto categoria, parando por seis meses, cancelando campeonatos nacionais a fim de obter garantias de trabalho. Ao buscarem esses direitos, percebe-se que os jogadores representados nessa ficção tinham o futebol como ofício, não apenas como lazer ou divertimento. Muitos torcedores esperam amor à camisa, mas, conforme Vogel (1982), a Seleção Celeste jogava apaixonadamente e ao mesmo tempo encarava como trabalho o ato de jogar honrando seu país.

A segunda perspectiva de análise sobre essa greve é que ela traz consequências ao clube, que além de não participar de campeonatos, utiliza esse período para renovar o quadro de funcionários e valorizar os jogadores das categorias de base. Como resultado do movimento, o inglês fora demitido pelo Conselho Diretivo do Peñarol

e trouxe da Argentina o húngaro Emérico Hirsch, técnico que havia transformado o River Plate numa máquina de jogar futebol.

Hirsch era um homem descomunal, maior do que Máspoli, maior do que Ortuño. Ele se impôs desde o primeiro momento, tomou conta de tudo (SCHLEE, 2011, p. 62).

O narrador atribui características positivas ao novo técnico, destaca aspectos físicos e a capacidade de formar times campeões, pois transformou o Peñarol em “esquadrilha da morte”, em 1949. O húngaro apresenta diferenças em relação ao inglês, já que Mr. Galloway usava suéter sanfonado na cintura, boné e megafone durante o trabalho, ou seja, não se aproximava dos atletas, pois se o técnico fosse até o jogador para instruí-lo não seria necessário o megafone. O narrador também menciona a roupa como elemento diferenciador, pois provavelmente esperava algo mais esportivo e próximo à realidade da prática esportiva no campo.

A identificação se dá a partir da relação dialógica com o outro. Dessa maneira, o narrador, ao estabelecer a comparação, sentiu-se mais próximo do húngaro. Mr. Galloway era totalmente diferente das demais pessoas do clube, não conversava com jogadores, mantinha distância, deixava a escalação do time para os conselheiros, comia com garfos e facas, tinha um olhar perdido, pensava muito e agia de acordo com os dirigentes do clube. Já Hirsch, na descrição do narrador, era simpático, conversava com todos, escutava, assistia a jogos do plantel principal e das categorias de base, mantinha sua opinião ao escalar o time e falava castelhano, atitudes que levaram o time a ser vencedor. Ao diferenciar os técnicos, o narrador identificou-se com o húngaro por não se achar nem um pouco semelhante ao inglês.

Esse húngaro possibilitou que seus amigos Alcides – *el Ñato* - e Oscar – *el Cotorra* - jogassem no plantel principal e, ficando conhecidos, fossem escalados à Seleção Celeste. Por terem realizado grandes feitos, passaram a ser considerados *Maestros del fútbol* porque se tornaram inesquecíveis. No decorrer do conto, o narrador explica que para um jogador ter esse

título não bastava jogar, era preciso defender e dignificar o clube. Entende-se que *maestros del fútbol* são os jogadores inesquecíveis, como Pepe Schiafino, *Poroto* Britos e *Solito* Ortiz.

No final do conto, vinte anos após a última vez que o narrador fora ao Centenário, por ter desistido de jogar e ter seguido sua vida no Brasil, ele retorna ao estádio, nesse espaço onde todas as memórias a respeito de sua tentativa de jogar no clube e sobre seus antigos companheiros de jogo são evocadas. Nas últimas linhas, dois jovens perguntam ao narrador: “- Sabe quem são aqueles dois lá?”, “São Ghiggia e Míguez, em carne e osso” (SCHLEE, 2011, p. 64). O narrador, ao reconhecer seus antigos amigos Alcides Edgardo Ghiggia e Oscar Omar Míguez, percebe que eles se tornaram *Maestros del Fútbol*, figurando o panteão de santos inesquecíveis do templo do Centenário, em Montevideú.

Em relação a lembrar e esquecer, fixa-se na memória acontecimentos, pessoas e lugares de maior impacto emocional ao indivíduo. Mr. Galloway sempre foi lembrado porque as emoções voltadas a ele são negativas, ou seja, todos os sonhos do narrador em ser *profesional* não aconteceram por causa da decisão do inglês. Já os jogadores e o técnico húngaro são inesquecíveis ao narrador devido à afetividade existente entre eles.

O narrador de “*Maestros del fútbol*” estava no estádio Centenário, cenário de acontecimentos impactantes em sua vida como: ser reprovado no jogo-teste para entrar no Peñarol, ter visto seus amigos receberem a oportunidade de jogarem no quadro principal da equipe, ter visto o técnico húngaro agir diferente, promovendo o campeonato à equipe, e ter presenciado a juventude nomear Oscar e Míguez como *maestros del fútbol*. Por terem sido importantes, essas memórias cristalizadas deixam a narrativa coesa, em que o leitor percebe onde inicia e termina determinado evento, além de ser verossímil, pois não se duvida desse narrador, já que além da própria memória ele recorre à memória coletiva, o que de certa forma legitima as suas lembranças.

Os lugares de memória são importantes para a evocação memorial, mas estar em um estádio ou se lembrar dele não garante a evocação total da memória. Para que isso ocorra, é preciso que a memória individual do sujeito concorde com a memória de outro, e, se necessário, que exista instrumentos impressos para validar a memória que se acredita ser verdadeira. Em “*Maestros del fútbol*”, o narrador estava no Estádio Centenário e suas memórias poderiam ser confirmadas lá mesmo, ou, ainda, nos periódicos antigos ou nas histórias de outros torcedores. A memória sobre os *maestros del fútbol* estava cristalizada porque certos nomes de jogadores não são esquecidos pelas mídias e torcedores, inclusive daqueles que o narrador encontra no Centenário.

Em “A falta de Tabaré”, nota-se também o estádio como lugar de memória. Cronologicamente, “A falta de Tabaré” é a última narrativa de *Contos de futebol*, em que o tempo da diegese ocorre em 1992, quando Peñarol e Nacional disputam a última vaga do Uruguai para o Campeonato Libertadores da América em 1993. O narrador ouve o jogo quando recorda que alguém lhe disse que Tabaré havia tirado a própria vida dentro do estádio. Ao recordar desse espaço, cria uma narrativa memorial de vários jogadores que ali passaram e tornaram-se ídolos.

Nesse conto, o rádio também favorece a evocação memorial do narrador, já que o locutor está narrando as cobranças de pênaltis. O fio tênue que liga o presente do narrador até a lembrança a respeito de Tabaré é a partir da intuição sensível promovida pelo rádio e suas lembranças do estádio em que morrera Tabaré. “Estou ouvindo a decisão por pênaltis do jogo Peñarol x Nacional que indicará a segunda vaga do Uruguai na Taça Libertadores da América – e me lembro de Tabaré; me lembro porque ele foi único” (SCHLEE, 2011, p. 119). Assim, percebe-se que a partir de um jogo em 1992 ele faz referência a um jogador que jogara na década de 1930¹⁴ no time de categoria base do Pelotas. Lembrou-se de Scarone, ídolo do Nacional, que não errava pênaltis, e que muitos ídolos como Zico e Maradona erraram, mas Tabaré acertava todas as penalidades máximas. Esse que, como Scarone, não errava, mas como não teve melhores oportunidades acabou no esquecimento e sua morte não teve repercussão entre torcedores.

Esse percurso memorial do narrador ocorreu porque sua intuição sensível estava em torno do futebol, então uma lembrança leva à outra, os pênaltis evocaram a lembrança de jogadores que erram ou acertam pênaltis, depois de Tabaré e sua morte. Porém, as memórias do narrador desse conto são falhas porque ele dividia sua atenção entre o jogo e as recordações sobre Tabaré. A narrativa se torna confusa por dois motivos: a primeira é que as memórias são entrecortadas pela narração dos pênaltis; e a segunda é que ele não tem a memória de outros (coletiva) para se apoiar e formar uma narrativa coesa, para que ele mesmo se convença que a memória sobre Tabaré seja verdadeira, já que no fim do conto o narrador desconfia da existência desse jogador.

Conforme os estudos de Pollak (1993), entende-se que as narrativas memoriais são construídas a partir da memória do outro, em que lembranças de tão repetidas são assimiladas,

¹⁴ A única referência temporal a respeito do personagem no conto é que “Tabaré era filhote no tempo do Cardeal, que jogou no Nacional de Montevideú e no Fluminense do Rio”. Pesquisas a respeito do jogador Cardeal indicam que essas informações são verdadeiras. As informações foram checadas a partir da página do Facebook do Esporte Clube Pelotas, as quais informam que seu estádio é o mais antigo do Brasil e que seus torcedores valorizam a memória do clube. Nesta página há vídeos e resultados de pesquisas a respeito de antigos jogadores.

fazendo com que o interlocutor creia ter vivido o que lhe foi contado, e as memórias podem sofrer alterações conforme a narrativa se repete. Além disso, quando um indivíduo fala sobre suas memórias sobre determinada época da vida, certos acontecimentos são narrados sem respeitar a cronologia. No entanto, conforme Pollak (1992), aquilo que aconteceu de impactante, o que foi mais traumático, não sofre alterações conforme a narrativa se repete, sendo mencionada da mesma maneira cada vez que é repetida. Em “A falta de Tabaré”, entende-se o motivo de o narrador repetir que Tabaré não errava pênalti, visto que essa é a única certeza a respeito desse jogador, pois não sabia em qual clube jogara ou em qual situação econômica se encontrava no momento de sua morte.

A cada cobrança de pênaltis o narrador reafirma que Tabaré não errava pênaltis. Como foram marcadas 12 penalidades máximas, com nove gols, a memória se fragmenta porque ele tenta se lembrar de Tabaré, ao mesmo tempo em que dá atenção ao jogo. A cada pênalti sua única certeza perde a força à medida que o narrador se contradiz e passa a questionar a existência desse jogador.

Pois bem: mas Tabaré foi único. Não consta que ele uma única vez tenha errado pênalti ou feito golo contra. E foi a vida inteira um beque de área que tanto comandava os outros ali atrás, tirando bolas impossíveis de cima da linha, como sempre cobrava todas as penalidades máximas favoráveis, dando um pelotazo seco e direto: para as redes (SCHLEE, 2011, p. 120).

Chamava-se Tabaré. Nunca errou um pênalti, nunca fez golo contra (nem em treino). E me disseram que se matou faz pouco. Só sabem que se matou (calculo que tivesse setenta anos, por aí). E não me ocorre por que ia se matar, logo ele, não me ocorre por que alguém possa se matar... (SCHLEE, 2011, p. 121).

Nessa citação, a partir do termo “me disseram”, passa-se a duvidar das memórias desse narrador, já que em nenhuma passagem do conto menciona-se o nome de um amigo, um clube ou de algum periódico que confirme a narrativa memorial ou a existência de Tabaré.

Durante a narrativa, o narrador lamenta que Tabaré não tenha jogado em um grande clube uruguaio e que tenha saído do país para jogar. Entre outra quebra da narrativa, devido ao segundo gol do Peñarol, o narrador acha estranho ninguém mais se lembrar de Tabaré, “cujo sobrenome ninguém soube, cujo pai e cuja mãe ninguém conheceu. Gozado que não se soube onde morava Tabaré, de onde ele vinha e onde ia aparecer. Tabaré de quê? Tabaré por quê?” (SCHLEE, 2011, p. 122). Conforme vão acontecendo os gols, percebe-se que “com quinze anos Tabaré pulou dos filhotes¹⁵ para o primeiro quadro. Durante mais quinze anos tirou bolas de cima da linha; marcou um a um cada pênalti a favor do seu time, sem jamais fazer um golo contra” (SCHLEE, 2011, p. 123).

¹⁵ Nos contos de futebol, usa-se o termo “filhotes” quando os narradores se referem a meninos que jogam na categoria de base das equipes, não participando do time principal por serem jovens demais.

Apenas a memória individual do narrador não o auxilia a formar uma narrativa coesa, na medida em que não se sabia de informações básicas sobre um indivíduo, como sobrenome, filiação, além de não mencionar o clube que jogara. Na página seguinte à última citação, o narrador retoma a narrativa memorial, afirmando que Tabaré apareceu para jogar aos treze anos, quebrando a cronologia, já que na página anterior menciona esse jogador aos quinze anos. Quando a narrativa não segue a ordem cronológica, indica que esse narrador não tem tantas certezas a respeito de suas memórias.

A cada parágrafo, a história se torna mais melancólica, uma vez que o narrador questiona o motivo de ídolos se tornarem inesquecíveis e de outros jogadores, como Tabaré, o qual não tem “estrela” ou um padrinho, que possuem habilidade, mas não se destacam e caem no esquecimento. Menciona que muitos antigos jogadores acabam por trabalhar nos clubes como roupeiros, massagistas e até cortadores de grama.

Ao referenciar que jogara com Cardeal, conclui-se que Tabaré jogou no E. C. Pelotas e infere-se que esse jogador seja uruguaio, visto que é um nome comum nesse país “até o intendente de Montevideú se chama Tabaré” (SCHLEE, 2011, p. 130). A dificuldade em descobrir a nacionalidade desse jogador também pode ter sido porque no início do século XX muitos jogadores brasileiros jogavam no Uruguai e uruguaios jogavam em clubes da fronteira brasileira com o Uruguai. O narrador, sem conseguir afirmar a nacionalidade desse personagem, apenas o distingue dos demais por suas habilidades em campo. Porém, questiona-se se realmente Tabaré era tão bom assim, visto que por quinze anos jogara em um clube do qual não se sabe o nome, e nunca jogou em um time grande. Nesse caso, o narrador não teve um periódico antigo a se apoiar para confirmar a existência do jogador.

O que leva o leitor a desconfiar totalmente das memórias do narrador é quando terminam as cobranças de pênalti, os times estão empatados e iniciam os lances livres alternados. Então, esse narrador repete suas palavras.

De modo que tudo que se sabe sobre ele são as tais lembranças que vão ficando cada vez mais raras, essas coisas que cada vez menos gente é capaz de recordar, cada vez com menos precisão, com menos certezas – que se transformam em dúvidas que os mais novos estimulam e tomam como exageros, como invenções de quem vive no passado, dominado por uma nostalgia gostosa que se constrói de saudades alimentada pela imaginação (SCHLEE, 2011, p. 127).

Esse parágrafo repete-se nas páginas 127 e 131 da segunda edição do livro, mostrando que o narrador desconfia de sua memória e pretende não se esquecer de Tabaré e dos demais ídolos do passado. Provavelmente, os contemporâneos de Tabaré já haviam morrido, por isso esse narrador não conseguia afirmar a existência do jogador, e os mais jovens, assim como

quem escreve esta dissertação¹⁶, desconfia da existência desse jogador, pois conforme o narrador “é como se Tabaré só tenha existido dentro de campo” (SCHLEE, 2011, p. 126). Independentemente da existência ou não desse jogador, nota-se que a melancolia do narrador é relativa aos jogadores esquecidos, de pequenos clubes, que não se tornam *maestros del fútbol*. Além disso, em diversas passagens, lamenta o fato de Tabaré ter tirado a própria vida e isso não ser comentado. Dessa forma, ele é esquecido, duplamente, tanto por não terem noticiado sua vida enquanto futebolista quanto sua morte.

Ao analisar os contos “A verdade e a mentira sobre Hugo del Carril e o grande Heleno de Freitas”, “Maestros del fútbol” e “A falta de Tabaré”, nota-se que os estádios favoreceram a evocação memorial desses personagens sobre algum aspecto do passado. Segundo Pollak (1992, p. 202), certos monumentos “podem servir de base a uma lembrança de um período que a pessoa viveu por ela mesma, ou de um período vivido por tabela”. Assim, com esses estádios, ativaram-se as intuições sensíveis desses personagens que os levaram a lembrar de Heleno de Freitas e a situação econômica de João; da maneira como Oscar e Alcides atingiram o status de *maestros del fútbol*, do ano em que clubes de futebol uruguaios entraram em greve e de um técnico inglês que foi substituído por um húngaro. Também, em “A falta de Tabaré”, de como a morte dessa personalidade em um estádio, juntamente com a audição de um jogo decisivo, favoreceu para que o narrador recordasse dos estádios como um espaço que produz memórias, já que dentro dele jogadores tornam-se ídolos ou, no caso de Tabaré, desistem de viver.

4.2 CAMPEONATOS: ACONTECIMENTOS MEMORÁVEIS

Em *Contos de futebol* percebem-se os vínculos da sociedade fronteiriça com o futebol, pois os personagens torcem por clubes tanto do Brasil quanto do Uruguai, convivem com indivíduos e têm acesso aos meios de comunicação dos dois países. Descontentes com o presente da diegese, esses personagens buscam na memória algumas convicções pessoais para afirmarem aspectos identitários quando estão vivendo momentos decisivos. Como esses personagens vivem em função do futebol, o jogo final de um campeonato adquire um grau elevado de importância na vida deles.

¹⁶ Nos contos estudados foram realizadas pesquisas com os nomes dos jogadores, técnicos e clubes. O autor Aldyr Schlee preocupava-se com a precisão desses dados, tanto que no fim do conto “A verdade e a mentira sobre Hugo del Carril e o grande Heleno de Freitas” há uma nota explicando que o jogo que aconteceu à noite, na verdade, era entre Pelotas e Internacional, na noite em que foram inaugurados os refletores. Porém, em todas as pesquisas realizadas, não se encontrou referência ao jogador Tabaré.

A partir da leitura de “A falta de Tabaré”, bem como os demais *Contos de futebol*, nota-se o vínculo existente entre a sociedade fronteiriça representada com clubes de futebol de ambos os lados. Esses personagens torcem por equipes brasileiras da região, bem como para as uruguaias, o que caracteriza esse grupo social, visto que não é comum torcedores mobilizarem sua atenção e torcida a equipes de outros países. Mas, por ser em região de fronteira, onde transitam torcedores de diversos países, os personagens schleerianos possuem a característica de torcerem por clubes brasileiros e uruguaiois por simpatizarem por clubes e seleção do país vizinho. Os contos “A falta de Tabaré”, “Aquela tarde impossível” e “Encantos de futebol” destacam-se por representar personagens que torcem e conhecem ídolos do futebol da fronteira platina sul-americana.

Apesar de torcerem para mais de um clube, testemunha-se que existe preferência por um deles quando entram em confronto em um campeonato ou jogo decisivo, como em “A falta de Tabaré”, em que ídolos brasileiros e uruguaiois são evocados na memória do narrador por estar diante um momento de extrema emoção durante a partida de Nacional e Peñarol. Como não há neutralidade, nota-se que esse narrador brasileiro fica aliviado quando o Nacional vence a partida e se classifica para o campeonato Libertadores da América do ano seguinte.

Quando um clube vence uma partida decisiva ou um campeonato, a legião de torcedores mobiliza-se, ocupa praças, fecha ruas e sai em carreatas. Consideram-se essas datas comemorativas vinculadas ao futebol como acontecimentos, pois, conforme Pollak (1992), certos eventos adquirem importância na vida dos indivíduos, o que favorece a fixação memorial. Nos contos “Aquela tarde impossível” e “Um brilho nos olhos” a sociedade se envolveu com os jogos como ocorreu na final da Copa de 1950, bem como em menor escala, com o jogo promovido por dois empresários com duas equipes amadoras em terras uruguaiois. Os contos representam pelo viés da ficção o futebol platino, visto que em finais de Copa do Mundo, ou partidas amadoras em que indivíduos conhecidos estão envolvidos, a sociedade modifica sua rotina e mobiliza emoções em torno dessas partidas.

A memória dos protagonistas dos contos analisados é fragmentada. A narrativa sobre o presente deles, quando estão prestando atenção em alguma pessoa ou objeto, os leva a lembranças de outras situações por meio da intuição sensível (HALBWACHS, 2006). Em “Aquela tarde impossível”, por exemplo, o protagonista cruza a fronteira e vai em direção ao cinema. Estando lá, invocam-se diversas lembranças sobre acontecimentos distintos:

[...] os meus botões do Peñarol, com aquela artilharia espantosa de Ghiggia, Míguez, Schiaffino e talvez Vidal, impulsionado pelo velho caudilho Obdúlio Varela. E teria

medo de permanecer indiferente no meio de tanta alegria, de tanta festa, de tanta comemoração.

Trigger, o cavalo branco do mocinho, “o cavalo mais esperto do cinema”, ajuda a descobrir os bandidos.

Eu sou brasileiro / tu é brasileiro / muita gente boa / brasileira é! Eu sou brasileiro / tu é brasileiro / muita gente boa / brasileira é! (SCHLEE, 2011, p. 23, grifos do autor).

Nesse momento da trama, atenta-se à confusão memorial provocada pela ansiedade de não estar assistindo à final do Campeonato Mundial. O narrador mistura lembranças de uma partida de jogo de botão com jogadores reais da Seleção Celeste, que estavam jogando naquele momento no Maracanã, e então afirma que não conseguiria manter-se indiferente a um gol uruguaio, caso estivesse na arquibancada destinada a torcedores do Brasil. No parágrafo seguinte, nota-se que tenta voltar sua atenção ao filme e recorda a maneira como o cavalo do filme *Trigger* é classificado. Logo depois, invoca a memória de uma marchinha para a Copa de 1950, provavelmente por torcer à Seleção Uruguaia, mas também por se sentir brasileiro.

Observa-se que a memória, ao ser invocada, não é linear. O protagonista memorioso (ou o leitor) deve encarregar-se de organizar cronologicamente os acontecimentos para que a narrativa memorial do protagonista seja compreendida. Assim, percebe-se que a memória tem por característica ser flutuante e mutável, tanto a memória individual quanto a coletiva. Para Pollak (1992, p. 201),

na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. Todos os que já receberam entrevistas de história de vida percebem que no decorrer de uma entrevista muito longo, em que a ordem cronológica não está sendo necessariamente obedecida, em que os entrevistados voltam várias vezes aos mesmos acontecimentos, há nessas voltas a determinados períodos da vida, ou a certos fatos, algo de invariante.

As memórias fixas do protagonista de “Aquela tarde impossível” são relativas ao jogo entre Brasil e Uruguai, porque mencionam repetidas vezes a escalação dos times e a narração dos gols. As outras memórias (sobre o tio, a possibilidade de ir ao Rio de Janeiro durante a Copa, estrelas do cinema estadunidense e argentino, os *chocolatines águila*, a ponte, marchinhas dos dois países) são fragmentadas, aumentando as possibilidades de análise do conto. Essa fragmentação memorial provoca a mescla de narradores, em que o narrador homodiegético narra as memórias individuais do protagonista, vinculados à emoção e ao preparo que teve para os jogos da Copa. Já o narrador heterodiegético narra as memórias coletivas, da saga dos guris que cruzam a fronteira, que vão ao cinema, assistem a dois filmes e saem entristecidos do cinema ao saber da vitória do Uruguai, além de detalhar o espaço fronteiro em que os personagens estavam inseridos.

A mescla memorial e de narradores pode causar confusão, pois na narração em primeira pessoa o protagonista sofre por não saber a quem torcer. Caso o Uruguai vença, mesmo estando no Maracanã, ficará feliz pela Seleção Celeste e triste pela Seleção Brasileira. Esse duplo sentimento não é recorrente no narrador em terceira pessoa, que menciona os gols e acontecimentos que pertencem à memória daqueles que assistiram ao jogo.

Faltavam só dez minutos! Ghiggia passou/ passou por Bigode/ seguiu/ seguiu e chutou/ chutou/ chutou a pelota/ a pelota/ a pelota/ a pelota/ a pelota/ a pelota entre Barbosa e a trave/ a trave/ a trave/ chutou a pelota entre Barbosa e a trave! – naquele golo inacreditável (SCHLEE, 2011, p. 29-30, grifos do autor).

Repara-se que esse narrador em terceira pessoa menciona o que ouviu no rádio. Entende-se disso que todos que estavam sintonizados ouviram o gol da vitória uruguaia. Independentemente da memória individual do narrador e toda sua ansiedade, a memória coletiva concorda que o vencedor foi o Uruguai. Por isso, nos últimos parágrafos do conto, percebe-se a contradição presente no antepenúltimo parágrafo em que narrador heterodiegético menciona que os guris saem tristes do cinema. Já no último parágrafo, o narrador homodiegético menciona que estava

chorando de emoção, é claro; mas de uma emoção pura, que não era de alegria nem de tristeza, nem era de certeza nem de dúvida, mas era por aquilo tudo: por aquelas imagens, pelos meus desenhos, pelas figurinhas, pelos meus botões, por minhas bandeiras; talvez pelo que houvesse ganhado, talvez pelo que houvesse perdido; enfim, eu estaria chorando pela magia sem segredo daquela tarde fria, daquela tarde quente, daquela tarde impossível (SCHLEE, 2011, p. 31).

Com o fim da Copa de 1950 encerra-se um ciclo na vida desse protagonista, que de tanto falar, pesquisar, desenhar e pintar artigos do campeonato, apegou-se a eles e teve de deixá-los para que esses materiais da Copa fizessem parte do arquivo pessoal desse personagem. Atribui-se o choro desse narrador-protagonista à vitória do Uruguai e à derrota do Brasil, mostrando que se sentia tanto brasileiro quanto uruguaio, pois além de viver à margem dos dois países, torcia por ambas as seleções.

Quando esse narrador menciona o frio e o calor daquela tarde é porque recorda de estar na região fronteiriça e que no dia da partida, em pleno início de julho, estava frio. O calor faz referência ao dia do jogo no Rio de Janeiro, local que poderia estar, caso aceitasse o convite, que por sua posição geográfica é mais quente do que a região diegética do conto.

Como esse narrador se mostra aficionado pelo esporte, lê revistas e acompanha, algumas vezes, a reprise da partida no rádio, além de se imaginar no Maracanã, reconstituiu a memória desse dia por meio da herança. Conforme Pollak (1992), o sujeito não precisa ter vivido um acontecimento para se lembrar dele, ou seja, basta que se repita, incontáveis vezes, uma narrativa que represente um grupo, para que, esse interlocutor assimile o que lhe foi

contado. Assim, esse interlocutor acredita ter participado desse acontecimento, pois herdou essa memória. A respeito dessa memória herdada, Pollak (1992, p. 201) considera que:

são os acontecimentos que eu chamaria de “vivididos por tabela”, ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar a todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo.

Conforme se percebe nas ações do protagonista de “Aquela tarde impossível”, por ter ouvido repetidas vezes o jogo e as declarações daqueles que estiveram no Maracanã, há uma mescla da memória individual e coletiva. A memória individual é narrada com afetividade e ansiedade a respeito do jogo, já a coletiva é narrada com distanciamento, referindo-se ao protagonista como “guri”.

Nota-se, também, a importância do futebol para os grupos sociais representados nos contos “Aquela tarde impossível” e “Um brilho nos olhos”, pois os personagens secundários dos contos, assim como os protagonistas, estão em função dos campeonatos mencionados.

Observa-se que o narrador de “A falta de Tabaré” não estava ouvindo o jogo entre Nacional e Peñarol apenas para passar o tempo ou para se entreter, mas por poder se permitir ser nostálgico, sofrer a ponto de quase chorar, preocupar-se com um homem desconhecido dos jovens (poucos se lembravam de Tabaré) e se questionar sobre assuntos que muitas vezes se prefere não pensar, como, por exemplo, para onde vão e em que situação vivem indivíduos que na juventude jogaram em pequenos clubes.

Esses momentos catárticos, mencionados por Fiengo (2003), também são percebidos nos contos “Um brilho nos olhos” e “Aquela tarde impossível”. O olhar da moça do Citroën e a vitória do Uruguai desestabilizam algumas certezas dos protagonistas dos respectivos contos e revelam traços da sociedade fronteiriça, como o sentimento de pertencimento dos dois países, a forma de uma empresa querer sobrepor-se a outra a partir de equipes de futebol e as relações familiares.

Nas considerações de Da Matta (1982), verifica-se que por meio do futebol esses personagens dramatizam o mundo social, visto que um “dos traços essenciais do drama é a sua capacidade de chamar atenção, revelar, representar e descobrir relações, valores e ideologias que podem estar em estado de latência ou de virtualidade num dado sistema social” (DA MATTA, 1982, p. 29). Conforme as ações dos protagonistas, o futebol revela-se como elemento indissociável na vida deles, que vivem no contexto desse esporte, um como torcedor e outro como jogador.

Os protagonistas dramatizam suas relações por meio do futebol, pois a partir de seus atos revelam-se questões que em uma situação fora do contexto do futebol não seriam descobertos. Em “Um brilho nos olhos”, por exemplo, em uma primeira leitura percebe-se um jogador confiante enquanto indivíduo e jogador. Porém, numa análise mais atenta, percebem-se as frágeis relações sociais e familiares existentes na sociedade.

Filho da dona de uma pensão de mulheres, ele fora criado pela tia, lavadeira, sabendo de tudo. Com jeito para o futebol, muito rápido e arisco, revelara noção do drible e dos lançamentos ao aparecer, com um metro e meio de altura, jogando no quadro de filhotes (aliás, foi quando ganhou o apelido: *pichón* é a maneira carinhosa de se chamar o filho que tem o mesmo nome do pai em vez de junior, *hijo* e tal; mas *pichón*, por isso mesmo, também é filhote, de modo que pegou sem ser uma ironia ou menosprezo contra o jogadorzinho pequeno que não sabia quem era o próprio pai mas cuja mãe todos conheciam) (SCHLEE, 2011, p. 105-106).

Contrariando afirmações de que “o futebol é o ópio do povo” e de que “em campo todos os problemas são esquecidos”, nesse conto, o apelido atribuído ao protagonista é relativo à sua vida social, sendo um filho com pai desconhecido. O narrador ameniza, classificando-o como “jogadorzinho”, porém, o apelido *pichón* não teria outra conotação a não ser lembrar o rapaz de que ele não tem pai e que sua mãe se prostituiu, ou seja, problemas pessoais extracampo também se revelam no contexto do futebol. Nesse conto, encontra-se representado: o machismo e o preconceito existente na sociedade, filhos com pais desconhecidos, crianças que buscam no futebol a chance de serem reconhecidos (como filhos ou ídolos) e fugirem da pobreza - lembrando que *Pichón* vivia com sua tia lavadeira.

Por não ser contratado por um clube, o protagonista joga para quem o paga e, durante a trama, num domingo vai ao Uruguai jogar contra uma equipe de trabalhadores de uma granja de arroz. Descobre-se que não possui renda e vive às custas de Rosa, que trabalha na casa de sua mãe.

Presencia-se, novamente, o futebol como drama da vida social (DA MATTA, 1982), pois a partir do esporte, as mazelas sociais são reveladas. *Pichón* deixa mostrar o machismo existente nos indivíduos, visto que vive à custa de uma prostituta, mas tudo nela o incomoda, a ponto de não conseguir encarar os olhos apaixonados de Rosa. A trata com desdém, devido a sua profissão, mas não busca outra alternativa, como trabalhar em algo que não seja o futebol, para não depender financeiramente dela. Repetidas vezes o narrador menciona o brilho dos olhos de Rosa, porém, esses olhares só adquirem valor quando uma moça, aparentemente rica, olha para ele da mesma forma.

Os olhos bem redondos da guria do Citroën tinham o mesmo brilho dos olhos de Rosa. Não que fosse brilho de sacanagem; mas coisa que não sabia explicar. Ainda mais bêbado e com aqueles vômitos. Rosa gostava dele e não precisava dizer por que seus olhos tinham aquele brilho. Como os da guria. Por que a guria também não

podia gostar dele? Afinal, o que ele tinha feito de tão mal? Mais cedo ou mais tarde ela ia conhecer um homem inteiro. O brilho nos olhos dela dizia que tinha gostado dele (SCHLEE, 2011, p. 112).

Pichón poderia deparar-se com outra mulher em um dia comum, contudo, no dia representado ele estava mais ansioso porque o time dependia dele para vencer, visto que o dono da equipe pagou a ele para jogar a partida contra os trabalhadores da granja adversária. Na noite anterior à partida o protagonista consome álcool e se arrepende de ter confirmado que jogaria. Ao chegar ao destino do jogo, percebe que a moça que o viu nu estava no local da partida e vomita muito, sem receber ajuda de ninguém. Provavelmente ele teria vomitado tendo ou não visto a mulher do Citroën, já que viajara na carroceria do caminhão e bebera na noite anterior, mas as lembranças do olhar de Rosa, bem como a forma em que viviam como casal não permitiu que ele reagisse bem àquela situação limite. Não conseguiu representar a empresa do dono, ganhar o próprio dinheiro e continuou dependendo financeiramente de Rosa naquele momento. O olhar da guria do Citroën em oposição aos de Rosa o desestabilizou, fazendo que passasse vergonha diante do seu time. Como resultado, toda a equipe foi expulsa do local sem jogar a partida.

Pichón poderia não ter bebido, poderia não ter ficado nu diante da “guria rica” e ter jogado bem, mas sua memória não o perdoou. Ao ter uma possibilidade de se destacar, os olhos de Rosa o traíram, a intuição sensível (HALBWACHS, 2006) a respeito de um brilho nos olhos o levou de volta ao Brasil, à Rosa, à vida miserável e à falta de família, fazendo com que falhasse. Esse acontecimento (o olhar da moça a caminho do jogo) ativou a memória, fazendo com que ele lembrasse quem de fato era.

Outra questão relevante a respeito da sociedade representada no conto, bem como a dramatização da vida social, é a maneira como empresários querem destacar os seus empreendimentos por meio do esporte. “Os homens que mandavam no time e contrataram a excursão, ficaram com o chofer, na beira da calçada, esperando que todos se apresentassem, para distribuir o fardamento” (SCHLEE, 2011, p. 106). Observa-se que havia alguém que “mandava” no time, não se referindo ao técnico ou presidente de clube, mas a alguém que distribuía o fardamento e que apostou nessa disputa contra o time formado por funcionários de uma granja de arroz no Uruguai, ou seja, o proprietário do time. Então, esses “homens subiram na boleia do caminhão e deixaram os jogadores nos bancos de tábuas sob a lona da carroceria” (SCHLEE, 2011, p. 106). Aqueles que deveriam ser os mais importantes, afinal, os que defenderiam, bravamente, a empresa, receberam o pior lugar para se acomodarem. É claro que essa partida não era de um clube estabelecido, mas representa bem a situação em

que o jogador é um trabalhador, que é pago para ganhar, visto que, nas palavras de Galeano (2018, p. 10), “o futebol se transformou num dos negócios mais lucrativos do mundo”. Esse escritor uruguaio ainda salienta que empresários compram, vendem e emprestam, e, com a promessa de mais fama e dinheiro, os jogadores que têm oportunidade “se vendem” para fugir da pobreza. Já o protagonista, além de não ter conseguido jogar, voltou ao Brasil: “entre os pés dos outros, *Pichón* estava todo mijado e vomitado. Nunca mais veria o Citroën preto, nem a guria que poderia gostar dele. Nunca saberia seu nome nem onde morava, nunca saberia quem era ela” (SCHLEE, 2011, p. 114).

No conto “Aquela tarde impossível”, as lembranças da adolescência do narrador são permeadas de memórias individuais e coletivas sobre o que aconteceu e do que poderia ter acontecido durante a partida final da Copa de 1950. A sociedade fronteiriça se deixa revelar quando o protagonista cruza a ponte Mauá, cortando o frio sem fronteiras, junto a seus amigos para ir ao cinema durante a partida decisiva. O protagonista desse conto se preparou durante meses para a Copa, confeccionou o próprio álbum de figurinhas, reproduzindo o *Goles y dobles*, com o desenho de cada jogador de todas as seleções, pintando-os, bem como suas bandeiras. Apesar de todo o preparo e ansiedade destinados aos jogos, não teve coragem suficiente para ouvir a última partida das seleções nacionais do Brasil e Uruguai, muito menos aceitar o convite e ir ao Rio de Janeiro assistir aos jogos. Por viver naquela fronteira, não conseguia escolher a qual lado torcer, pois pertencia aos dois países. Junto com seus amigos, preferiu se refugiar em um cinema em Rio Branco, assistir a um filme americano e depois um argentino para dissipar seus pensamentos no jogo.

A memória coletiva desse narrador não permitiu que ele devotasse atenção às películas, visto que entre uma cena e outra rememorava o convite de seu tio. Esse que investia na paixão do sobrinho pelo futebol, presenteando-o com assinatura de periódicos brasileiros e uruguaio sobre futebol. O narrador qualificou a tarde da final da Copa como “impossível” porque não pode vivê-la da melhor maneira, que seria escutando todo jogo, comemorando a vitória ou entristecendo-se pela derrota.

Segundo Pollak (1992), o acontecimento é um dos elementos que constituem a memória, e quanto mais carregado de emoção maior a probabilidade de se cristalizar na memória. Assim, em “Aquela tarde impossível” a memória cristalizada, e coletiva, é a narrativa sobre a final da Copa de 1950, que de tanto ser lembrada acaba sendo narrada sempre da mesma maneira, sem fragmentação memorial ou contradições. Já em “Um brilho nos olhos” o acontecimento marcante, que mobilizou as emoções de *Pichón*, foi o olhar da guria do Citroën. A partir desses acontecimentos marcantes outras memórias menos

relevantes são evocadas e, fragmentadas ou não, formam uma narrativa em que o leitor pode perceber a sociedade representada.

Representando temporalmente a metade do século XX, essa sociedade fronteiriça dos contos revela-se a partir do ponto de vista de cada narrador. Nos contos analisados nesse subcapítulo, nota-se que facilmente cruzavam a fronteira para torcerem ou jogarem e, estando em um contexto de futebol, sentem-se, ou não, pertencentes a um grupo coeso.

Conforme Halbwachs (2006), quanto mais tempo um grupo se mantém unido por vontade, maior será sua coesão, pois os indivíduos construirão memórias a serem recordadas. Nota-se em “Aquela tarde impossível” que as memórias coletivas do protagonista estão vinculadas à sociedade em que ele está inserido. As memórias relativas ao acontecimento do jogo favoreceram que ele lembre de seu tio, amigos, dos filmes que assistiu naquela tarde, bem como da marca dos chocolates que comia e das revistas que tinha acesso.

O acontecimento marcante também pode ser considerado como marco memorial, que, definido por Pollak (1992, p. 201), é um ponto invariante ou imutável da memória. Assim, a partida final da Copa de 1950 é um marco memorial capaz de evocar diversas outras memórias, essas que fortalecem o sentimento de pertencimento do protagonista ao grupo em que estava inserido.

Esse grupo representado nos contos consumia as mesmas coisas, possuía bens semelhantes e amava o futebol, elementos que aumentam a coesão de grupo, pois o narrador heterodiegético não ficou feliz nem triste com a derrota do Brasil, representando essa identidade fronteiriça *double chapa*, que deveria se sentir feliz pela Seleção Uruguaia e triste pela Brasileira. Parafraçando o soldado croata entrevistado por Woodward (2000) a respeito dos inimigos sérvios, o elemento que os diferenciava quanto grupo era não consumiam os mesmos cigarros, mas eram todos lixos dos balcões, os brasileiros e uruguaiois representados ficcionalmente consumiam os mesmos produtos, pois manejavam a fronteira e falavam em línguas diferentes. Dessa forma, eram diferentes ao mesmo tempo em que eram representados como iguais, pois torciam para clubes dos dois países e compartilhavam a paixão pelo futebol como esporte.

Em “Um brilho nos olhos” não se percebe a mesma coesão de grupo, visto que os jogadores da partida que não aconteceu mal se conheciam, tanto que poucos se importaram com *Pichón* ter voltado ao Brasil deitado, dividindo lugar com os pés dos jogadores que estavam sentados. Esse protagonista não se sentia identificado com o time, pois só ia jogar em troca de dinheiro, provavelmente por isso não se esforçou nem se preparou de forma adequada para a partida. De acordo com Fiengo (2003, p. 22), os jogos “serían un espacio donde

concurrentes grupos rivais entre si com o fim de competir por prestígio, honra y, cada vez más, por dinero”. Aqueles que jogam exclusivamente por prestígio, honra e dinheiro acabam não se identificando com o clube e nem o clube os identifica como “um dos seus”, por não partilharem das mesmas memórias e identificação com o time.

As memórias que constituem a identidade desses dois protagonistas estudados neste subcapítulo são vinculadas ao futebol. O de “Aquela tarde impossível” identifica-se como fronteiriço, visto que fica emocionado com o fim da Copa e não com a vitória da Seleção Uruguaia, conforme o narrador homodiegético. Sente-se pertencente à fronteira diegética, uma vez que consumia produtos dos dois países vizinhos, por percorrer a fronteira livremente, por se sentir diferente dos brasileiros que estavam tristes, ao mesmo tempo que se sentia diferente também dos uruguaios, porque não estava completamente feliz. O sentimento de estar ao mesmo tempo triste e feliz o identifica como fronteiriço, pois esses dois sentimentos amalgamados indicam que ele se sentia pertencente aos dois países ao mesmo tempo, não de apenas um.

Da Matta (1982) considera que o futebol promove cidadania aos indivíduos, que torcer por um clube significa definir-se como pertencente ou não a um grupo. O meio em que *Pichón* estava inserido não o deixava esquecer que não tinha um pai, dificultando a sua reconstrução enquanto sujeito, pois quando teve a oportunidade de se estabelecer como jogador, fracassou.

Sem lembranças, o sujeito é aniquilado, e a memória auxilia a fundar as identidades coletivas (CANDAU, 2019, p. 17). Assim, quando o protagonista de “Aquela tarde impossível” rememora seus álbuns, os passeios com o tio, os cânticos brasileiros e uruguaios, realiza a solidificação de sua identidade fronteiriça. Já *Pichón*, por se incomodar com a invocação de Rosa em sua memória, não queria se lembrar de onde veio e de sua realidade. Mesmo com os esforços para não lembrar, a coletividade não esquece, tanto que o apelido era uma antítese do que realmente era: um indivíduo sem referências, o que pode justificar a falta de respeito do personagem pelas mulheres e pelas instituições.

4.3 JOGADORES: LEMBRANÇAS E VONTADES INDIVIDUAIS

Com a análise de *Contos de futebol*, nota-se que nos contos “O pardo Maciel”, “O primeiro e o último” e “Empate” tanto as memórias quanto as vontades dos protagonistas são individuais. A coletividade é necessária para que confirme a veracidade memorial sobre determinado acontecimento, lugar ou personagem do passado ao grupo, bem como para o

futebol, visto que além dos onze jogadores, conta-se com o apoio de torcedores e dirigentes. Por isso, os personagens dos contos supracitados não se destacam positivamente na sociedade fronteiriça representada porque não compartilham suas memórias e almejam realizar grandes feitos individuais, poucas vezes pensando na coletividade ou no time que jogam.

As memórias dos protagonistas desses contos são individuais, visto que recordam situações imaginadas ou vivenciadas exclusivamente por eles ou diante de desconhecidos, que não irão afirmar o que foi vivenciado no futuro, pois não pertencem ao mesmo grupo. Conforme Halbwachs (2006), a memória individual não é precisa e apresenta falhas, e, por terem essas características, as narrativas memoriais a respeito desses três protagonistas se assemelham. Os momentos inesquecíveis vividos por eles num contexto de futebol foram: em um sonho, como no caso do protagonista de “O primeiro e o último”; em um devaneio, quando Maciel imagina-se jogando e agredindo o atacante adversário; e nas adversidades vividas por Richar quando estava sozinho em Pelotas. Essas lembranças se tornam frágeis a cada protagonista, visto que faltam outros pontos de vista semelhantes a essas memórias individuais.

Para Pollak (1992), ao lado de acontecimentos e lugares, os personagens também são elementos constitutivos da memória. Para esse autor, determinados personagens se tornam inesquecíveis e servem de referência a futuras gerações. Esses personagens podem ser encontrados no decorrer da vida, “personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram em quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo das pessoas” (POLLAK, 1992, p. 202). Entende-se que personagens importantes a uma sociedade adquirem tal relevância, porque mesmo as gerações futuras sabem da sua existência a ponto de se imaginarem como conhecidos, como é o caso do conto “Maria Adélia”.

Um dos motivos dos protagonistas dos contos “O primeiro e o último”, “Empate” e “O pardo Maciel” não serem reconhecidos como personagens marcantes, a ponto de imprimir suas vivências na memória da sociedade fronteiriça representada, é que não realizaram os jogos diante do olhar do público. Os feitos do futebol devem ser presenciados pelos demais para serem comprovados e, então, lembrados.

As memórias individuais do protagonista de “O primeiro e o último” são relativas a um sonho que ele teve sobre futebol. Nesse sonho ele era um ídolo e todos os jogadores eram idênticos a ele. Essas lembranças são recorrentes, a ponto de o protagonista não querer mais exercer suas tarefas para ficar em seu quarto, lembrando-se do sonho que acontece em um estádio

era um estádio enorme, tão grande que as arquibancadas se perdiam de vista e, no gramado dava para muito mais de 22 jogadores, muito mais de dois times, e todos faziam jogadas extraordinárias, tocavam a bola com elegância e malícia, todos conscientes de sua superioridade sobre os adversários, tão conscientes que suas camisas não tinham cor, que suas caras eram todas iguais, iguais à dele, ele que se viu fazendo todos os golos e mais alguns e aí levantavam uma taça saudado pela multidão inumerável (SCHLEE, 2011, p. 163).

Vale ressaltar que esse conto é o que melhor representa geograficamente a fronteira Brasil-Uruguai dentre as demais narrativas da obra, pois traz com riqueza de detalhes as belezas naturais desse espaço. São exaltados o pôr-do-sol, o rio, a paisagem no frio e os barcos, que permitem que se enxergue as duas margens da fronteira, detalhes que se entrelaçam com as memórias relacionadas às frustrações e tristezas do protagonista. Este, que termina com sua vida sufocando-se com um travesseiro, em busca de não mais acordar, vivendo exclusivamente no sonho em que era o ídolo, já que nenhum de seus familiares e companheiros compartilha das mesmas memórias, pois a memória individual em questão é um sonho não revelado a ninguém.

Os pontos de vista se fazem necessários para que as memórias individuais não sejam esquecidas e tenham importância para os sujeitos manterem suas memórias. No conto “Empate” nota-se uma sequência de desastres a partir do momento em que o protagonista Richar chega a Pelotas para jogar no G. E. Brasil. Natural de Rio Branco, enfrenta entraves em sua documentação e sente distanciamento dos jogadores já estabelecidos no clube. “Richar ia fazer testes no Brasil, de Pelotas, que recém tinha sido terceiro ou quarto colocado no Campeonato Brasileiro” (SCHLEE, 2011, p. 69). Acontecimentos como a classificação em campeonatos favorecem que se perceba a época representada e que os clubes da fronteira Brasil-Uruguai tinham maior repercussão no futebol nacional ainda na década de 1980. Esse clube possuía jogadores de outras regiões do Brasil, como o Paulista, que jogara em times de repercussão nacional da região Sudeste, o que motivava os novos jogadores a questionar se ele conhecia determinados ídolos do futebol nacional.

Além de se sentir inferior por nunca ter jogado profissionalmente, não ser amigo do Paulista e ser jovem, Richar nunca jogou uma partida. Devido a seu nervosismo, no primeiro treino físico vomita nas arquibancadas e passa os três próximos dias com muita dor no corpo: “Richar torceu o pé. Torceu o pé justo quando ia ter a oportunidade de fazer um coletivo entre os juvenis, uma semana depois de ter chegado, quando não podia mais esperar e já estava louco para ir embora” (SCHLEE, 2011, p. 79). Por estar impossibilitado de jogar, fica no alojamento, sai para almoçar e num encontro fortuito relaciona-se, amorosamente, com Maria de Lourdes. Mostrando falta de sensibilidade, não a procura, mesmo descobrindo que a moça

nunca se envolvera antes com alguém. Ele prefere lamentar sua falta de sorte e imaginar como seria viver e trabalhar com Lourdes na padaria do pai dele no Uruguai do que procurar por ela e resolver os entraves para legalizar seus documentos.

A estada de Richar em Pelotas só pode ser lembrada por Maria de Lourdes, que engravidara dele. Devido a sua breve passagem no clube e sua lesão, convivera com poucos colegas que não tinham casas na cidade por serem de outra região do país, viviam também no alojamento e estavam na iminência de voltarem a suas terras porque o campeonato estava por acabar. Provavelmente esses jogadores não se recordam de Richar, pois, se algum integrante sabe que vai apenas conviver por pouco período dentro de um grupo, ele não faz questão de lembrar e registrar as vivências estabelecidas com os demais (HALBWACHS, 2006). Já as memórias da torcida, por ser coletiva, é mais verossímil, visto que um conjunto de vozes a forma. Porém, como Richar nunca jogou uma partida nem treinara, sua passagem pelo Brasil de Pelotas será uma memória individual do protagonista, pois não tinha testemunha que pudesse comprovar o que vivera. Lourdes não saberia nem onde procurá-lo, visto que Richar não deixou documentações e não assinou contrato com o clube e os demais colegas de alojamento retornaram a seus respectivos Estados. No último parágrafo de “Empate”, na coluna narrativa dedicada ao ponto de vista de Richar, observa-se a importância da validação memorial da coletividade quando

o ônibus venceu a última coxilha e chegou num alto de onde se divisa toda a cidade e mais o rio até Río Branco, do outro lado do rio, Richar se deu conta que ninguém ia acreditar que tinha se lastimado sem treinar; e que ninguém ia acreditar, também, no tal problema com papéis (SCHLEE, 2011, p. 86).

O narrador afirma que ninguém ia acreditar porque as memórias de Richar eram exclusivas dele, não havia nenhum outro ponto de vista que concordasse ou discordasse. Por ser uma história tão trágica, é necessário que a coletividade também lembre, nem que seja para que esse sujeito figure na lista de pessoas desafortunadas de um grupo.

Em “O pardo Maciel” constata-se que além de o protagonista não ter aptidão para a maioria das tarefas laborais que o incumbem, visto que parava para assistir aos jogos de rua e esquecia-se de seus afazeres, suas memórias relacionadas ao futebol também são individuais, já que se imaginava titular do Artigas e que as agressões nos adversários são os diferenciais dele enquanto desportista.

Numa manhã de domingo, o pardo Maciel, el Loco, acordou sem saber se estava acordado ou se ainda sonhava (talvez fosse melhor dizer que sonhou que estava acordado). De qualquer maneira, despertou vestido com a camisa tricolor do Artigas, aquela de metades azuis e encarnadas, separadas por uma barra branca no meio do peito e das costas. Estava de suspensório atlético e calção, com as meias cinzentas,

as tornozelas por cima das meias, até botinas postas como para entrar em campo (SCHLEE, 2011, p. 135).

Quando o narrador afirma que “sonhou que estava acordado”, o devaneio de Maciel foi se imaginar jogado, “tendo ganas”, defendendo sua equipe. Na citação anterior, observa-se que ele possui a alcunha de “el Loco”, isso porque perdia-se em devaneios quando assistia a jogos de futebol, era agressivo com os animais e com os adversários em jogos. Também neste conto, nota-se que as memórias individuais ficam restritas a um indivíduo e passam a ser desconsideradas pelos demais. Durante a narrativa memorial a respeito de Maciel percebe-se que suas memórias não são confiáveis e são lapsos que oscilam entre a razão e lucidez do personagem por dois motivos: por repetir determinadas frases, como “Hay que tener ganas” (SCHLEE, 2011, p. 136, 137 e 142) e pelo narrador afirmar que eram sonhos muitas de suas memórias que Maciel acreditava ser verdade.

Para as lembranças dos três protagonistas dos contos analisados nesse subcapítulo serem consideradas verossímeis, seria necessário que um número maior de personagens compartilhasse essas lembranças. Para Halbwachs (2006, p. 66–67), “não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela está muito estreitamente limitada no espaço e no tempo”. Esses sonhos, devaneios e ocorrências individuais dos protagonistas de “O primeiro e o último”, “O pardo Maciel” e “Empate” são restritos a eles. Nesses contos, as memórias dos protagonistas são individuais e o que almejam com o esporte é o sucesso pessoal, visto que quando se imaginam ídolos, pensam no sucesso individual e não na vitória dos clubes que representam.

Nota-se que Richar, pardo Maciel e o protagonista de “O primeiro e o último” representam jovens que nascem na região do Prata e sonham em receber reconhecimento, prestígio e riqueza por meio do futebol. Desejar reconhecimento e prestígio é característica dos personagens que jogam futebol e essa vontade pode ser justificada devido à realidade social representada nos contos. Por mais que não se represente a miséria, os personagens são trabalhadores que têm uma vida modesta. Em “O primeiro e o último”, o protagonista trabalha na alfândega que divide Jaguarão e Rio Branco, já em “Empate” o protagonista não tem profissão e tenta estabelecer-se como jogador em Pelotas. Em “O pardo Maciel” esse protagonista, por questões cognitivas, não consegue exercer tarefas ou trabalhos que exijam atenção.

Esses personagens sonham em ser ídolos para receber o prestígio dificultado pelas questões econômicas e sociais, mas, por meio do futebol, esses jovens podem ascender

economicamente e transformarem-se em ídolos. A respeito disso, Galeano (2018, p. 13) considera que os “Zé Ninguém, os condenados a serem para sempre ninguém, podem sentirem-se alguém por um momento, por obra e graça desses passes devolvidos num toque, essas fintas que desenham zês na grama”. Em “O primeiro e o último”, durante o sonho, o protagonista sente-se alguém, sujeito de sua própria vida, por isso rememora esse sonho, mas não pode compartilhar, visto que é individual. Assim, o futebol é uma oportunidade para esses personagens mudarem de vida, saírem da periferia regional até um centro maior, numa tentativa de fugir da pobreza e anonimato.

Como já abordado, anteriormente, o futebol é um fato social (BARRETO, 2015) presente na sociedade fronteiriça representada, pois além de ser uma alternativa de mobilidade social é um esporte que a maioria dos personagens acompanha, conhece os atletas e as regras. Os protagonistas dos três contos analisados possuem a semelhança de almejam a profissionalização com o futebol, mas essa vontade é individual, ou seja, eles sonham em serem jogadores, não em defender um determinado clube “do coração”. Muitas vezes, as vontades individuais superam vontades coletivas, na medida em que esses protagonistas querem realizar o sonho de serem jogadores, independentemente do clube. Dessa forma, se jogassem em um clube, fariam parte de determinado grupo coeso e defenderiam o clube representativo de uma coletividade de torcedores e assumiriam uma identidade, de “ser” ou fazer parte de um clube que os aceitassem.

No futebol, muitas vezes, as vontades individuais de jogadores superam as necessidades da coletividade (DA MATTA, 1982). Assim, se um ídolo receber mais dinheiro ele pode trocar de equipe, deixando vários torcedores indignados, visto que muitos jogadores exercem uma profissão e torcedores torcem por sentimentos. Da Matta (1982, p. 27) relaciona o futebol com outras instituições ou problemas de ordem social:

Tudo o que é sério e apaixonado, é discutido e jamais falado. Futebol e política são domínios que, no Brasil, seguem juntos, num paralelismo certamente muito revelador. Pois, no futebol, como na política, existe o mesmo confronto de vontades individuais e destino, biografias e coletividades governadas por leis impessoais.

Vinculando a citação anterior ao que interessa a esta dissertação, chama a atenção a primeira oração, pois se pode refletir o motivo de os contos “A falta de Tabaré”, “Maria Adélia” e “O primeiro e o último” terem como assunto o suicídio dos protagonistas. De acordo com esses contos, o futebol leva esses protagonistas a tirarem a própria vida, já que se nem o futebol fornecia alegria às suas vidas, eles preferiram terminar com elas.

Outra questão a ser apontada em relação às palavras de Da Matta (1982) tem a ver com as vontades individuais e o destino das biografias e das coletividades governadas por leis

impessoais. O destino e as leis impessoais devem ser levados em consideração nesse contexto futebolístico. Da Matta (1982) relaciona o futebol com a religiosidade, pois na falta de um bom futebol, recorre-se ao sobrenatural para que a situação mude.

Segundo Da Matta (1982 p. 28), o bom jogador precisa se sair bem, safar-se de situações difíceis com dissimulação e elegância e também conseguir transformar o infortúnio em sorte. Richar, além da burocracia que o impediu de jogar, não soube enfrentar os infortúnios e não teve a malandragem suficiente para ao menos tentar negociar sua permanência no clube. Assim, corroborando a ideia de que o futebol é um drama da vida social, Richar não consegue resolver questões importantes voltadas a sua carreira no futebol nem a sua vida particular. Não se mantém na equipe, encerra os vínculos com o futebol e também não resolve sua relação com Lourdes. Mesmo tendo a procurado nas ruas e olhado para o balcão da padaria, poderia ter perguntado por ela a quem a conhecia, como dona Zefa e o dono do estabelecimento comercial. Ou seja, atribuiu o seu fracasso ao azar, ao sobrenatural, sem refletir que se tivesse controlado sua ansiedade teria treinado e jogado melhor, bem como teria procurado Lourdes, para, quem sabe, viver com ela e assumir o filho que ela esperava.

Da mesma maneira que ser torcedor promove no sujeito o sentimento de pertencimento a um grupo, jogar em um time também pode significar fazer parte de um grupo coeso, visto que tanto os torcedores quanto os jogadores almejam objetivos semelhantes como vencer jogos e campeonatos. Tanto o protagonista de “O primeiro e o último” quanto Maciel são esses “Zés Ninguém”, nas palavras de Galeano (2018), mas se jogassem futebol profissionalmente poderiam adquirir importância na sociedade, pois seriam ou reconhecidos ou respeitados enquanto indivíduos. O futebol “permite uma forma de cidadania positiva, posto que transforma um indivíduo sem eira nem beira, em pessoa momentaneamente vitoriosa, é porque ele é uma ponte, um instrumento que pode ser manipulado para permitir a ascensão social” (DA MATTA, 1982, p. 17).

Assim, atingir prestígio por meio do futebol seria uma forma de o protagonista de “O primeiro e o último” tornar-se um ídolo, ser respeitado, pois na sociedade em que estava inserido era tido como um indivíduo incapaz, tanto que tinha por alcunha “el loco”.

- Seu Morto – havia dito para o técnico do Artigas – *o senhor me bota no time, hoje? o senhor me escala, nem que seja de ponta-esquerda?... eu sei que desta vez vou jogar bem!*

-Aí, Loco! – lhe haviam dito – *É hoje! Vamos! Arriba, Loco!*

O Morto apontava com o dedo e decidia: *sim, joga; não, não joga.* (SCHLEE, 2011, p. 135, grifos do autor).

Nesse conto, além de se observar que se passa no lado uruguaio da fronteira, nota-se que em campo os problemas sociais não ficam do lado de fora, pois mesmo que se Maciel jogasse ainda seria chamado de “el loco”. Ele tinha esse apelido por ter cortado as patas dos pintos que cuidava, por queimar seu irmão menor, não devolver trocos e imaginar que se jogasse iria agredir o jogador adversário para que ele não marcasse gol, numa atitude antidesportiva.

Compreende-se que questões sociais entram em campo, uma vez que tanto nos contos quanto no cotidiano presenciavam-se cenas de preconceito, *bullying*, racismo e machismo durante os jogos. Se Maciel fosse jogador, a alcunha de “el loco” seria elogio, como se fosse um jogador agressivo, que emprega a força de seu corpo violentamente para impedir gols da equipe adversária, porém, esse apelido é depreciativo, porque atribuem à loucura o fato de possuir problemas cognitivos. Richar não conseguiu suportar o treino físico e se lesionou, por ser apenas um aspirante a jogador. Os demais o tratavam com alguma indiferença, porém, se já fosse reconhecido, ficar meses fraturado seria aceitável tanto para os colegas quanto para a torcida.

Em outras palavras, caso esses personagens se tornassem jogadores, os defeitos, provavelmente, seriam amenizados. O futebol, tendo a importância que tem na sociedade platina, adquire também a dimensão de promotor de cidadania a jogadores e torcedores, pois eles devem cumprir regras estabelecidas, não praticar atos considerados antidesportivos. Os jogadores profissionais devem saber que os jovens em formação seguem o exemplo deles. Além disso, o futebol pode oferecer mobilidade social e possui

su valor pedagógico en el proceso de socialización, perspectiva en la cual el deporte se considera un canal privilegiado para la transmisión de aquellos valores cívicos que fundamentan la convivencia social pacífica y solidaria. La difusión de una ética deportiva a través de la elaboración y difusión de mitologías que tienen en deportistas destacados a sus héroes ejemplares cumplirían precisamente ese papel positivo (FIENGO, 2003, p. 22).

Mesmo Maciel tendo problemas cognitivos e sua imaginação se confundir com a realidade representada, no contexto do futebol esse personagem seria aceito, não mais seria um “Zé ninguém”, pois as regras se equivalem a todos e naquele espaço o protagonista não seria apenas “el loco”, seria alguém que poderia salvar a equipe dos rivais. O protagonista de “O primeiro e o último” também cumpriria esse papel positivo, emocionando o público com jogadas incríveis. Dessa forma, pensa-se o futebol como

uma forma positiva de cidadania. Quero dizer: o futebol permite juntar o mundo da casa com o universo impessoal da rua. E, fazendo isso, permite veicular as possibilidades de viver a sociedade brasileira como um grande jogo. Jogo onde todos têm de levar as regras a sério, sem poder modificá-las. (DA MATTA, 1982, p. 17).

Portanto, compreende-se o futebol como uma forma positiva de cidadania, em que os indivíduos conhecem as regras e podem se sentir integrados em um grupo. Em *Contos de futebol*, os personagens que almejam jogar futebol, mesmo tendo falhas enquanto indivíduos - trapacear com o troco, maltratar animais, não procurar no dia seguinte a mulher com quem se relacionou, ficar nu diante de uma mulher desconhecida -, têm no futebol o meio de adquirir respeito entre os demais habitantes do espaço ficcional. Esse sentimento pode ser conseguido porque na falta de instituições em que os indivíduos se sintam representados, o futebol oportuniza aos pobres ficarem ricos, aos clubes pequenos e grandes jogarem em um mesmo espaço e, talvez, a esses clubes menores terem a possibilidade de burlar o sistema, vencendo clubes de destaque nacional ou internacional.

Compreende-se que os personagens de *Conto de futebol* que almejavam ser jogadores, além de quererem adquirir respeito e ideais de cidadania, por meio do futebol os

procesos de globalización promueven una reconfiguración de las relaciones entre identidades y territorialidades que se manifiestan en la conformación de nuevas identidades sub, trans y supraestatales, lo cual tiene su contraparte en la erosión del sentido común nacionalista con el que hasta el más profano de los seres humanos – con las excepciones del caso, por supuesto – percibía, valoraba y actuaba socialmente (FIENGO, 2003, p. 259).

Entende-se que os personagens de *Contos de futebol* de “O pardo Maciel”, “O primeiro e o último” e “Empate” queriam deixar de ser anônimos, passando a ser aclamados pela sociedade platina, essa que tanto valoriza o futebol. Porém, não foram reconhecidos e valorizados nem pela memória do grupo que estava inseridos porque as memórias vinculadas ao futebol eram individuais, restringindo-as aos protagonistas, extinguindo outros pontos de vista que confirmem ou excluam detalhes das memórias evocadas por eles. Por meio do futebol esses personagens queriam ser reconhecidos e, um grupo coeso como uma torcida sabendo da existência deles, poderiam figurar na memória coletiva do grupo e os demais poderia se identificar com eles como símbolo por defenderem suas equipes.

4.4 CLUBES E TORCIDA: UMA PAIXÃO EXCEPCIONAL

Nesta seção, os contos “Maria Adélia”, “Jim” e “Encantos de futebol” serão analisados porque neles os narradores herdaram as memórias coletivas a respeito de clubes ou personalidades que marcaram a época devido ao futebol. A partir dessas heranças memoriais, acreditam ter presenciado acontecimentos e conhecido determinadas personagens e incorporam certos valores daqueles que compartilharam as mesmas memórias.

As memórias herdadas dos narradores são referentes ao passado de algum familiar, sendo ele um torcedor, vinculado ao futebol na fronteira entre Jaguarão e Rio Branco. Esses personagens e narradores identificam-se com o futebol jogado nos clubes pelos países platinos, e com isso se constituem os traços identitários, pois os clubes para os quais torcem representam esses personagens da fronteira. No início de “Encanto de futebol” o narrador chama o leitor e confessa sua paixão de torcedor pelo futebol.

Não uma paixão comum, de todo o brasileiro ou de todo o uruguaio. Mas uma paixão excepcional, obsessiva e doentia, abrangente, permanente, que com certeza foi despertada por velhos álbuns de recortes onde, antes mesmo de conhecer jogadores de carne e osso e antes mesmo de poder tocar numa bola de verdade, pude conviver com imagens fabulosas e as glórias inesquecíveis dos campeões mundiais de 30, saber seus nomes inteiros e decorar suas biografias. Os álbuns desconjuntados onde também se alinharam com grude, carinho e aprumo, envergando as jaquetas do Nacional, do Peñarol, do San Lorenzo de Almagro, do Boca Juniors, os grandes craques brasileiros levados para o Prata: Domingos el Divino Maestro; Feitiço, com sua rede na cabeça; Waldemar de Brito e Petronilho; Leônidas lastimado e sem jogar; e fausto, *la Maravilla Negra*, que estivera no Barcelona no Young Fellows (SCHLEE, 2011, p. 174).

Observa-se que o narrador é brasileiro, porém, é influenciado pelos meios de comunicação uruguaio e pelo campeonato mundial vencido pelo Uruguai, favorecendo a preferência pelo futebol da Seleção do país vizinho. Nota-se também a importância desses arquivos de memória, que, mencionados por Nora (1983, p. 13), “são marcos testemunhais de outra era”. A partir dos recortes de antigos álbuns sobre o futebol de clubes da região do Prata, o narrador “conheceu” personalidades importantes do futebol dessa região, fazendo com que se identificasse com esses jogadores brasileiros, uruguaio e argentinos.

Por meio desses álbuns, ou marcos memoriais, deu-se a identificação desse narrador pelo futebol, transformando-o em um torcedor fanático. Ao conhecer a biografia de clubes e jogadores, ele se sentiu próximo aos jogadores e aos indivíduos que assim como ele são aficionados por futebol. No início da citação anterior o narrador afirma que sua paixão é diferente da paixão brasileira ou uruguaia e, ao fazer essa comparação, reconhece-se como diferente. Ele é, ao mesmo tempo, brasileiro de nascença e influenciado pela identidade uruguaia, mas, por ser representado como natural de uma região entre-estados, não se sente, nem brasileiro, nem uruguaio, visto que se diferencia deles por ser um torcedor mais apaixonado por futebol do que qualquer outro torcedor brasileiro ou torcedor uruguaio, “sendo um outro, um terceiro” (PESAVENTO, 2002, 37)

Essa paixão pelo futebol e pelos clubes, despertada pelos arquivos memoriais, pode ser um elemento que diferencia esse personagem da fronteira ficcional dos demais torcedores brasileiros e uruguaio. As memórias que esse narrador possui são exclusivas aos fronteiriços

representados que admiram tanto o futebol uruguaio quanto o brasileiro, não apenas o brasileiro ou o uruguaio, mas os dois. Assim, somando essa paixão (brasileira e uruguaia), reconhece-se como um torcedor superior.

Quando esse narrador busca e encontra esses álbuns, descobre o passado de sua coletividade a partir da memória registrada a respeito de equipes próximas territorialmente da fronteira. Além disso, tem a noção de que algum antepassado se importou em registrar e arquivar para dar continuidade ao grupo, para que quando a geração futura precisasse se reconstruir, soubesse de onde partir.

O narrador do conto identifica-se com o Clube Mauá, este que foi criado em sua casa antes de seu nascimento, mas por não saber o motivo do fim da equipe, recorre aos marcos memoriais que acrescentam à sua memória individual o percurso desse clube. Ao refazer a história do clube pôde perceber-se como um torcedor do Mauá. A respeito desse clube, o narrador afirma que foi

para mim o mais importante de todos os times. Aquele que me fez perder o sono em intermináveis noites de sábado, que me fez sentir pela primeira vez angústia no almoço e dor no jantar. Aquele em que a mágica da camisa tricolor transformaria todos os jogadores em craques, todas as jogadas em lances excepcionais e todos os maus resultados em renovadas esperanças de melhor sorte (SCHLEE, 2011, p. 179).

Percebe-se que o narrador também conta com a sorte para auxiliar a equipe e se sensibiliza muito antes e após as partidas. No conto, inúmeras vezes menciona a camisa tricolor do Mauá, que, segundo Antezana J. (2003, p. 92), “la ‘camiseta’ es el emblema de las identidades en juego (comunicación personal)”. Assim, a tricolor do Mauá representa esse pequeno grupo coeso da fronteira Brasil-Uruguaio, que treina no lado brasileiro, mas joga no lado uruguaio, que tem jogadores dos dois lados da fronteira e cujas cores representativas são homenagens a clubes da região do Prata. Então, percebe-se que o Mauá é tanto brasileiro quanto uruguaio, pois o clube maneja essa fronteira chamando os melhores jogadores disponíveis de ambos os lados e jogando onde se tem possibilidade.

Em “Jim”, igualmente ao início de “Encanto de futebol”, nota-se que o narrador também recorre a documentos e às memórias coletivas a respeito do jogador inglês para se compreender como sujeito fronteiriço. Como toda a família era ligada de alguma forma ao futebol, seja torcendo ou se apaixonando por jogadores, leva o personagem a se encontrar com as bases que auxiliam na constituição de sua identidade da fronteira ligada ao esporte.

Assim, perdoe-me leitor, mas não vou contar a história de minha tia, mas sim a história do homem pelo qual ela se apaixonou aos quatorze anos, numa quermesse, e cuja volta espera ainda hoje, sem uma palavra de mágoa e sem uma lágrima de desesperança.

Uma vez apareceu em Jaguarão um inglês, o primeiro inglês que eu teria visto em carne e osso: era cor-de-rosa e tinha o cabelo vermelho (mas chutava muito bem

com os dois pés e era capaz de fazer golos com uma facilidade que ninguém podia imaginar). Naquele tempo eu não era nascido e, na verdade, não poderia me lembrar do inglês. (SCHLEE, 2011, p. 90).

O narrador parte de memórias herdadas para dar continuidade à narrativa, afinal, o enredo não será a respeito de sua tia, mas do inglês pelo qual ela se apaixonara. Por ter ouvido a mesma história repetidas vezes, desconfia das narrativas e recorre a marcos memoriais documentados. Descobre que “Jim nem era Jim, mas sim Sean, como descobri anares depois, revendo um surrado Livro de Presenças com sua assinatura de sobrenome ilegível” (SCHLEE, 2011, p. 91). Tendo provas materiais e memoriais, narra a história do inglês como se fosse contemporâneo dele, como se nota quando afirma que Jim era “o primeiro inglês que eu teria visto” (SCHLEE, 2011, p. 90). O narrador incorpora as memórias herdadas, adquirindo certos preconceitos, pois durante a narrativa afirma que o inglês tinha menor valor humano, visto que tomava chá, falava sobre todos os assuntos, queria colocar muitas regras nos jogos de futebol, além de desrespeitar muitas mulheres de Jaguarão.

Em “Maria Adélia” o narrador também herda as memórias a respeito da protagonista que se diferenciava dos demais da localidade. Além de ser muito reservada, tinha o hábito de acompanhar jogos de futebol e era torcedora fanática do América Futebol Clube, equipe carioca.

Sobre Maria Adélia, eles sabem tudo, ou quase, Dinda Rosa era sua madrinha; Zezinha, dona de seus segredos; Petúnia, companheira de bordados; seu Geraldo, o vizinho que a viu crescer; e Amaro, o que ela poderia ter namorado. Ildaídes sabe, Ildaídes conta; seus filhos e netos sabem e contam a história de Maria Adélia, que o Garrafa e seu Mé confirmam, um de cada lado do balcão da velha venda, cujo soalho apodreceu e cujas paredes se encheram de limo (SCHLEE, 2011, p. 36).

Os personagens, contemporâneos ou não de Maria Adélia, conhecem a história dela e, devido às sucessões de fatalidades que ocorreram, repercutem essa história a outras gerações “até os netos e filhos de Ildaídes, que têm menos de cinquenta anos e não podem se lembrar de Maria Adélia ou não a conheceram mesmo, até os filhos e netos de Ildaídes sabem o que ouviram contar e contam o que sabem sobre Maria Adélia” (SCHLEE, 2011, p. 39). A narrativa a respeito da protagonista cristalizou na memória do grupo por ser traumática. Em um curto período de tempo todos os familiares da protagonista morreram e ela tirou a própria vida. Sem saber como reagir, os habitantes criam seus museus, guardaram o calendário daquele ano, a boneca da Shirley Temple, as caixas de sabonete Eucalol e as faixas bordadas do América Futebol Clube para de alguma maneira comprovar a existência daquela moça que morrera logo após o seu clube perder o campeonato carioca. Conforme Pollak (1992), a “memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. Para esse autor, o indivíduo se lembra daquilo que foi mais traumático ao grupo. Assim, por ser em uma região

periférica isolada da fronteira entre Brasil-Uruguai, que com a diminuição das linhas férreas passou a ser cada vez menos povoada, a morte de Maria Adélia era muito comentada e a memória a respeito dela foi passada de herança aos demais personagens, pois marcou o grupo social.

Rememorar Maria Adélia une aquele grupo social representado no conto de Schlee (2011), e a cada vez que vê pela televisão um jogo de futebol, ativam-se as intuições sensíveis, por sua vez são reportados a Airosa Galvão e recordam de Maria Adélia. Ao realizar essas considerações, atualizam as memórias que constituem a identidade daquela sociedade, que de tão pacata tinha em Maria Adélia a personalidade que fazia evocar lembranças de outra época.

Conforme Candau (2011), “a memória é ‘geradora’ de identidade, no sentido que participa de sua construção, essa identidade, por outro lado, molda predisposições que vão levar os indivíduos a ‘incorporar’ certos aspectos particulares do passado, a fazer escolhas memoriais”. Portanto, os narradores dos três contos selecionados nesta seção têm suas identidades geradas a partir das memórias a que têm acesso, tanto por marcos memoriais documentais ou por terem escutado diversas vezes a mesma história sobre determinada personalidade do passado. Ao se identificarem com essas memórias, identificam-se com a região fronteira e com seu futebol, já que as memórias que identificam esse grupo são relacionadas diretamente ao esporte, que é um fato social na região da diegese.

Assim como as memórias relacionadas ao futebol são geradores de identidade a esses grupos fronteiriços representados nos contos estudados, deve-se também considerar que o futebol também produz identidades. Fiengo (2003) compartilha as mesmas ideias de Woodward (2000) em relação às perspectivas identitárias não-essencialistas, as quais se constroem de forma relacional e que não são inatas. Para Fiengo (2003, p. 29), o futebol é

un escenario privilegiado para la producción de identidades, en una dinámica dialéctica entre reforzamiento y reelaboración de sentidos y lealtades, a la vez que consideran a las identidades como construcciones precarias, múltiples y fluidas, que operan contextualmente y que, bajo ciertas condiciones, son susceptibles de transformación.

Por isso, quando o narrador de “Jim” faz considerações a respeito de sua tia, afirma que sua “paixão confessada é o futebol. Torcedora fervorosa do Nacional, ouve há muito tempo os programas esportivos das rádios uruguaias e acompanha sempre a transmissão de jogos” (SCHLEE, 2011, p. 89). Percebe-se que a tia do narrador construiu sua identidade a partir da escolha pelo Nacional e pela negação dos demais clubes, semelhante à perspectiva de Hall (2011), em que para se identificar a um grupo se deve negar os demais.

Observa-se nessa personagem que, mesmo sendo brasileira, e o espaço da diegese ser em Jaguarão, opta por ler periódicos uruguaios, talvez por tentar negar ou esquecer o clube brasileiro em que jogara seu amor de adolescência ou por preferir ter acesso a notícias do clube uruaio.

Nos contos, maneja-se a fronteira conforme a necessidade dos seus habitantes. Os personagens de *Contos de futebol* também tiram proveito de estarem na região fronteiriça. O narrador de “Maestros del fútbol”, por exemplo, ao mencionar que sonhava em ser “profissional, *profesional...*” (SCHLEE, 2011, p. 56), indica que ele queria jogar em qualquer clube que o aceitasse, tanto brasileiro quanto uruaio. Já em “Empate”, Richar tentou passar-se como brasileiro, mas seus documentos impediram que fosse mais fácil sua permanência no Brasil de Pelotas. Em “Encanto de futebol”, observa-se que o narrador maneja a fronteira a partir de suas necessidades. Observa-se que era

na época em que se estava mais para lá do que para cá, quer dizer: em cima do Uruguai, com o rádio recém começando em sua impotência, com os jornais brasileiros chegando devagar, e uma baita influência do que acontecia em Montevideu. Além do mais, médico era do lado de lá; compras era do lado de lá; passeio, era do lado de lá. A gente acabava se emocionando com as lágrimas do Canário Iriarte; com os braços erguidos de Ballesteros, de Mascheroni, de Dorado, de Gestido, de Scarone; com a pose do Negro Andrade e do Manco Castro; com a Taça do Mundo nas mãos de Nasazzi, Fernández e Cea, entre flores e sorrisos vitoriosos (SCHLEE, 2011, p. 174).

Assim como esses personagens, principalmente nos contos “Maria Adélia”, “Encantos de futebol” e “Jim”, toda a família dos narradores estava envolvida com os clubes de futebol, bem como na organização de jogos. Nota-se que as memórias favorecem a constituição identitária desses personagens. Como viviam na fronteira Brasil-Uruguai representada, observa-se que o apego a clubes daquela região diferencia esses personagens fronteiriços de outros personagens não fronteiriços.

Apesar de Maria Adélia torcer por um time carioca, não fazia dela menos fronteiriça, porém, o que a diferenciava realmente dos demais era ser torcedora do América Futebol Clube. Sendo torcedora daquele clube, era diferente de todos aqueles que não acompanhavam futebol ou torciam por outros clubes. Já em “Encanto de futebol”, o narrador marca a diferença em relação a outros torcedores, ou seja, comparado a qualquer outro brasileiro ou uruaio, esse narrador era mais torcedor do que os demais. Sua paixão era pelo Mauá, um clube que ele não chegou a perceber o fim, mas sua devoção era tamanha que via as características melhoradas e os defeitos atenuados.

Em “Jim”, observa-se que a família do narrador era da presidência de um dos clubes de Jaguarão. Por ter acesso a documentos, recorreu aos marcos memoriais para reconstituir a

história de sua família, já que, assim como em “Encantos de futebol”, certos segredos não são contados às crianças e essas devem pesquisar em álbuns, documentos e livros para reconstruir seu passado e afirmar a sua identidade. Quando a tia do narrador de “Jim” afirma ser do Nacional, nota-se que ele quer negar o passado, enganar-se que não viveu o que de fato viveu. Assim, torcer por um clube uruguaio significa adquirir outra identidade, não sendo mais pertencente a Jaguarão, mas identificar-se com o outro lado, por meio do clube uruguaio.

Conforme Fiengo (2003), com a globalização os indivíduos tornam-se mais egocêntricos. Determinados grupos, que antes se diferenciavam dos outros, por meio de questões religiosas e políticas, perdem força. As torcidas, por sua vez, adquirem caráter de coletividade, pois são manifestações em que os indivíduos se sentem pertencentes a um grupo coeso. Ainda afirma que as disputas identitárias envolvem questões emocionais e esses indivíduos buscam autoafirmarem-se em relação aos demais e, ao manter a relação entre nós/eles, constitui-se a identidade.

Es de esa forma que el espectáculo futbolístico ofrece un escenario en el que se construye, representa y resignifica la propia identidad, a la vez que se adquieren y reelaboran las imágenes que los “otros” tienen sobre “nosotros” y ellos mismos, interiorizando en ese proceso conceptos sobre lo que es ser un buen o un mal ciudadano, sobre cómo ser un buen o un mal hombre, sobre lo que es bonito y elegante o feo, etc (FIENGO, 2003, p. 28-29).

Quando o narrador de “Encantos de futebol” busca nos arquivos e confessa sua paixão pelo Mauá, ele indica que não torce (ou não “é”) para nenhum outro clube a não ser o Mauá. Além disso, ao observar o motivo de torcer por esse clube, verifica-se que essa identidade se deu por meio de suas memórias individuais, confirmadas pela coletiva, com o acréscimo de viver na fronteira, no lado brasileiro, mas ao mesmo tempo ir semanalmente ao lado uruguaio para assistir aos jogos. Percebe-se que ao torcer por esse clube, o personagem identifica-se como um habitante da fronteira platina representada, que maneja a fronteira conforme necessita. Mais do que ser brasileiro ou uruguaio, torce pelo Mauá.

Em “Aquela tarde impossível”, percebe-se que o que faz o narrador se identificar como um fronteiro é o sentimento de pertencer a essa região entre-estados, que se sente tanto brasileiro quanto uruguaio. Esse sentimento duplo ocorre porque suas memórias são relativas a esses dois países, pois tanto ia de um país a outro quanto lia periódicos brasileiros e uruguaio. Observa-se esse caráter neutro porque os times representados no conto são seleções nacionais e não clubes. Conforme as considerações de Antezana J. (2003), dependendo do clube pelo qual o torcedor se identifica, ele até pode torcer por uma ou outra seleção, mas quando se refere a clubes (torcida *tifosi*), esse torcedor vai privilegiar qualquer time que jogue contra seu rival direto.

Pondera-se que o futebol está vinculado a identidade dos personagens platinos em *Contos de futebol*, pois nessa região

existe una tendencia a considerar al fútbol como un ritual comunitario, como un drama social y/o como una arena pública, como un espacio comunicativo denso en el cual se entrecruzan múltiples discursos verbales, gestuales e instrumentales (gráficos, sonoros, etc.), a través de los cuales los diversos actores participantes en el drama, como son los jugadores, entrenadores, dirigentes, periodistas, hinchas y detractores, expresan apasionadamente sus conceptos y valores no sólo sobre el juego, sino también sobre su vida, anhelos, frustraciones y esperanzas (FIENGO, 2000, p. 28).

Em *Contos de futebol*, a vida dos personagens está vinculada a esse esporte, e a identidade enquanto sujeitos fronteiriços está marcada por meio dos clubes pelo qual torcem. O mesmo não pode se afirmar dos personagens que tentavam ser jogadores, pois esses queriam fazer parte do espetáculo futebolístico. Os torcedores, por sua vez, como o de “A falta de Tabaré”, sofrem e choram até o último minuto da partida e, quando se decepcionam, recorrem àquilo que o clube já foi, para encontrar força e esperanças para continuar torcendo para os clubes que representam a fronteira entre Jaguarão e Rio Branco. Por fim, conforme Fiengo (2003, p. 26), “el fútbol sería una arena pública donde se elaboran y refuerzan identidades”. Assim, os personagens que representam essa região entre-estados encontram no futebol, permeado de memórias, emoções e dramatizações, as bases para a identidade enquanto indivíduos do espaço ficcional representado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação foi elaborada analisando a obra *Contos de futebol* e suas relações entre memória e identidade. Partindo do princípio de que a memória e a identidade estão indissolivelmente ligadas, notou-se que as onze narrativas que compõem a obra indicam que as memórias coletivas e individuais relativas ao futebol auxiliam na constituição identitária dos personagens fronteiriços do Brasil e Uruguai, mais precisamente das cidades de Jaguarão e Rio Branco.

Na obra *Contos de futebol*, verificou-se que o futebol está intimamente ligado a questões sociais e memoriais da sociedade estudada. As representações da fronteira, nos onze contos, apontam que as personagens estão vinculadas àquela sociedade por meio do futebol, já que os protagonistas torcem por clubes e seleções de ambos os países da fronteira e diferenciam-se daqueles que são exclusivamente brasileiros ou uruguaios. A relação entre as memórias sobre o futebol e a identidade ocorre de forma diferencial, visto que para pertencer àquele grupo coeso era preciso: jogar ou assistir a partidas de futebol em um dos lados da fronteira; torcer por equipes brasileiras e uruguaias; aceitar estrangeiros ou personagens de outras regiões do Brasil que assimilassem a cultura, utilizar a linguagem e incorporar a maneira de jogar o futebol do local; priorizar mais a emoção do que a razão quando se torce ou joga futebol; valorizar jogadores que defendem um grupo, não apenas jogam por dinheiro ou para vencerem individualmente; e rememorar antigos clubes e jogadores da região da fronteira Brasil-Uruguai.

Para compreender a relação entre a memória e identidade da fronteira representada nos contos, a dissertação dividiu-se a fim de privilegiar separadamente os estudos sobre esses conceitos, para, finalmente, analisar todos os contos que compõem a obra pelo viés dos autores do aporte teórico. Na contemporaneidade, ocorre uma constante tentativa de homogeneização cultural pelos países economicamente dominantes, dessa forma, cada vez mais indivíduos recorrem à memória a fim de buscar a coesão de seu grupo a partir de vestígios produzidos no passado, numa tentativa de se diferenciar dos demais. Considerando que um sujeito sem memória é um sujeito sem identidade, analisou-se *Contos de futebol* numa perspectiva memorialista, em que as memórias relacionadas ao futebol definem esses personagens enquanto indivíduos participantes da sociedade fronteiriça entre Brasil e Uruguai, visto que torcem, participam e vivem o futebol daquela região. Como o futebol é um fato social na sociedade representada, produzem-se as memórias vinculadas a esse esporte, e

isso favorece que os personagens se identifiquem com os jogadores e os clubes, ao mesmo tempo em que os demais personagens compartilham as mesmas memórias e vivências.

Para traçar os vínculos entre literatura, memória, identidade e fronteira, primeiramente analisou-se a relevância da obra de Aldyr Garcia Schlee para a Literatura Brasileira e as pesquisas acadêmicas sobre literatura e sociedade fronteiriça do sul do Brasil. Posteriormente, enfatizou-se os estudos relacionados à memória e concluiu-se que ela é voluntária, que parte do presente e é adquirida por herança. Dessa maneira, privilegiou-se a análise relativa aos lugares de memórias ou documentos que registram o passado de grupos que buscam coesão por meio da memória, acontecimentos, que são os eventos que marcam na vida do indivíduo devido à carga emocional mobilizada, e personagens, que realizam ações importantes no grupo o qual representam.

Momentos de maior emoção favorecem a fixação memorial, por isso personagens evocam lembranças sobre acontecimentos, como jogos e campeonatos, pessoas ou personagens, como antigos jogadores ou personalidades representativas do espaço fronteiriço, e lugares, como estádios ou canchas que servem de palco para o espetáculo do futebol. Observou-se que as memórias coletivas relacionadas a clubes e times da fronteira auxiliam os personagens na sua constituição identitária, isso porque concordam que determinados jogadores eram melhores do que outros, rememoram os mesmos acontecimentos, como vitórias e comemorações, e valorizam certos espaços como se fossem templos. Além disso, por não questionarem o passado, sentem-se pertencentes a um grupo, aumentando sua coesão.

Após a realização de estudos relativos à identidade, concluiu-se que a perspectiva não essencialista é a que melhor se aproxima da análise identitária dos personagens dos contos, visto que ela não é monolítica, modifica-se de acordo com o tempo, se constrói dentro do discurso, é relacional e se forma em relação ao outro. Ou seja, os personagens schleerianos são da fronteira Brasil-Uruguai porque não são das capitais ou centros urbanos brasileiros ou uruguayos. Eles pertencem a esse mesmo espaço fronteiriço, tendo um pouco de cada país, ao mesmo tempo em que são um “outro”, um terceiro, diferente de identidades exclusivamente brasileiras ou uruguayas. Por serem aficionados por futebol, torcer e comentar sobre esporte os diferencia dos personagens que não são daquele espaço de fronteira, por isso, no terceiro capítulo, privilegiou-se os estudos sobre o futebol como fenômeno social.

No terceiro capítulo analisaram-se as produções literárias relacionadas ao esporte no Brasil. Concluiu-se que desde o início do século XX já havia algumas produções ficcionais em que o esporte era tema, pois nem todos os autores reconhecem a importância que o futebol tem na sociedade brasileira. Observou-se que a produção ficcional de maior relevância na

representação do esporte ocorre em contos e crônicas, aspecto favorecido pela popularização do futebol na cobertura jornalística.

No final do século XX, as obras acadêmicas e não acadêmicas com a temática de futebol passaram a rivalizar em termos quantitativos, em certa medida porque a publicação de *Universo do futebol* (1982), de Da Matta, favoreceu que se produzissem pesquisas vinculadas ao futebol e sociologia, literatura, história e antropologia. A partir dessas pesquisas, observou-se que o futebol, contrariando muitos preconceitos, não pode ser entendido apenas como “ópio do povo”, visto que dentro das quatro linhas os problemas sociais não são esquecidos. Por mais que jogos sejam catárticos, e que num contexto futebolístico sujeitos comuns sintam-se cidadãos, participantes ativos de uma sociedade, problemas de ordem social e econômica não são deixados de lado. Nesse sentido, no âmbito da representação ficcional, os personagens de Schlee sofrem racismo, preconceito, convivem com problemas de ordem econômica e perdem o sentido da vida mesmo quando estão jogando ou ouvindo uma partida, mostrando a impossibilidade de desvincular as mazelas sociais desse esporte.

Verificou-se que a sociedade ficcional analisada não apenas torce ou joga, mas vive o futebol, pois, além de praticar, comenta, rememora fatos, identifica-se com clubes e jogadores e, por compartilhar memórias vinculadas ao esporte, fazendo parte desse grupo coeso.

Além das relações do futebol com a sociedade brasileira e platina, pretendeu-se justificar a coesão desse grupo analisando os aspectos históricos da formação dessa fronteira, a proximidade cultural entre os países e a maneira como o futebol se insere nesse espaço, visto que se disseminou no início do século passado, quando ocorre a expansão urbana de algumas cidades dos países banhados pelo Prata.

A região fronteira representada ficcionalmente foi delimitada tardiamente, miscigenando-se culturalmente. Analisando esses aspectos, questionou-se a maneira como a identidade desses personagens pode ser observada diante esse amálgama cultural. Dessa forma, privilegiaram-se os estudos relativos à fronteira, que mesmo sendo estabelecida politicamente não é estática. Notou-se que o espaço fronteiro é permeado de resignificação, abstração, interação, que também é ambivalente, ambíguo e poroso. Isso porque as barreiras naturais podem ser superadas e questões comerciais propiciam o intercâmbio comercial, favorecendo com que indivíduos de ambos os lados manejem a fronteira.

Após a apresentação dos conceitos teóricos e do contexto literário e sociocultural, o último capítulo dividiu-se em quatro subcapítulos, enfatizando aspectos memoriais e identitários promovidos pelo futebol. No primeiro, intitulado como “Estádios e canchas: lugares de memória”, analisou-se os contos “A verdade e a mentira sobre Hugo del Carril e o

grande Heleno de Freitas”, “Maestros del fútbol” e “A falta de Tabaré”. Nesses três contos os estádios representados são “lugares de memória”, a partir dos quais se constrói um quadro memorial nos protagonistas, produzindo a narrativa sobre jogos e situações que impactaram suas vidas. Por serem torcedores, identificam-se com as torcidas e fazem parte de um grupo coeso, que sabem o passado dos clubes, identificam-se com jogadores, técnicos e sentem-se importantes naquele contexto, por isso, mais que um esporte, o futebol era assunto, sonho e a “verdade” dos personagens. Os protagonistas desses contos transitam de um país a outro, mencionam e valorizam jogadores e clubes dos países platinos e, por conhecerem e viverem momentos decisivos em grandes estádios, como o de Montevideu e de Pelotas, e também canchas de clubes menores, adquirem um sentimento de unidade territorial, visto que manejam a fronteira e a torcida de acordo com as memórias e jogos dos clubes com os quais se identificam.

No segundo subcapítulo, “Campeonatos: acontecimentos memoráveis”, analisam-se principalmente os contos “Aquela tarde impossível” e “Um brilho nos olhos” a partir dos acontecimentos que determinaram a cristalização memorial dos personagens. Os principais eventos são jogos de futebol, do primeiro conto, a final da Copa do Mundo de 1950 e, do segundo, uma disputa entre um time de um empresário brasileiro contra um time formado por trabalhadores de uma granja de arroz uruguaia. Acontecimentos como o cruzar da fronteira, os artigos que os protagonistas consumiam, os assuntos, os veículos, as relações familiares e os clubes mencionados pelos protagonistas, apresentam ao leitor a maneira como eles manejam a fronteira de acordo com as necessidades econômicas e de lazer. As narrativas também revelam como se sentem pertencentes àquele lugar, pois possuem traços culturais fronteiriços, já que mesclam palavras dos dois idiomas, possuem hábitos dos gaúchos, como tomar chimarrão, assistir a provas campeiras e torcem por equipes brasileiras e uruguaias. Dessa forma, o ato de jogar ou assistir a um filme do lado uruguaio representa a forma com que jogos se tornam eventos importantes na vida desses personagens, a ponto de se fixarem na memória. Nesses contos, observa-se a dramatização da vida social fronteiriça, pois certos preconceitos e dilemas familiares não são esquecidos quando os personagens estão em um contexto de futebol.

Nos contos “Pardos Maciel”, “O primeiro e o último” e “Empate” observou-se a maneira com que memórias individuais são frágeis, que não as garantem no grupo, visto que existe apenas um ponto de vista a fim de confirmar o que se viveu. Além disso, partindo da premissa que no futebol a sociedade se revela, que é um fato social e está intimamente ligada à sociedade platina, percebeu-se que nesses contos o futebol promove cidadania e o

sentimento de pertencimento a uma sociedade coesa aos protagonistas. Nos três contos os protagonistas sonham em serem estrelas do futebol, porém, essas vontades são individuais, visto que buscam esse sonho para se promover como indivíduos e para ser respeitados em seu meio. Maciel imaginava-se jogando, e, muitas vezes, os seus devaneios misturavam-se com a realidade ficcional. O objetivo desse personagem era machucar o atacante da equipe adversária a fim de que ele não marcasse gols, pois assim seria admirado por sua torcida. Já o protagonista de “O primeiro e o último” se desencantou com a vida e preferiu não acordar mais, pois o sonho de ser um jogador que se multiplicava em campo era maior do que viver. Richar não teve a oportunidade de viver seu sonho de jogador, porque não teve jogo de cintura para driblar entraves com a imigração, lidar com seu relacionamento amoroso nem com a saudade de casa. Assim, acabou voltando a Rio Branco, pobre, machucado e sem saber sobre Maria de Lourdes, que também perdera a oportunidade de sua vida, e sabendo que não acreditarão em seus relatos memoriais, pois não teve alguém que convivesse com ele para testemunhar e confirmar o que vivera. Nesses contos, os anseios dos protagonistas eram de serem conhecidos, não de defenderem o brasão de uma camisa, o que pode ser interpretado que, para ser jogador, mais do que a própria vontade, deve-se querer dar a vitória a um clube como nação, não para si próprio.

Finalmente, na última seção do último capítulo, analisam-se os contos “Maria Adélia”, “Jim” e “Encantos de futebol”, privilegiando-se a análise da constituição identitária por meio de memórias vinculadas a clubes e torcidas. Nessas narrativas curtas, determinados clubes são emblemáticos na vida dos protagonistas, bem como na sociedade em que estão inseridos. Maria Adélia se destaca dos demais moradores de Airosa Galvão por ser torcedora de um clube carioca e porque após uma sequência de fatalidades opta por tirar sua vida quando o América F. C. é derrotado. Em “Jim” as questões identitárias também são marcadas pela diferença, visto que o protagonista era o único ruivo que a população conhecia, e além de hábitos ingleses quis implantar fleuma e *fair play* naqueles campos marcados por brigas e desentendimentos. Relaciona-se esse conto a “Maestros del fútbol”, que também traz um personagem inglês que não fora bem recebido pelo narrador. Nesses contos, ressalta-se a identidade fronteiriça, a mescla idiomática, a maneira passional de jogar, diferente dos ingleses que são mais táticos e confiam menos nos instintos. E, finalmente, em “Encantos de futebol”, observa-se a forma como um clube surge e desaparece, mas, a partir dos museus particulares, periódicos antigos, troféus e medalhas guardados, o sentimento de amor e pertencimento à sociedade do Clube Mauá surge no narrador-personagem. Nesse conto, o manejo da fronteira é observado a partir da escolha das cores do time brasileiro de acordo

com grandes clubes uruguaios e argentinos, pela compra do fardamento ter sido em Montevideu, por treinarem em espaço brasileiro, mas jogarem no lado uruaio, em Rio Branco, e o fato da bola oficial do clube ser guardada estar no Brasil, ou seja, os acontecimentos ocorriam nos dois lados da fronteira.

A nostalgia presente nesse e nos demais contos da obra mostra a maneira apaixonada de torcer por clubes brasileiros e uruguaios, pois mesmo os times e clubes sendo pequenos, os narradores e personagens acreditavam que era o destino que manipulava os resultados. Percebe-se que as vontades individuais dos personagens não se sobrepõem às do grupo, visto que só fracassam aqueles que querem jogar para serem reconhecidos. Já os torcedores representados que amam e sofrem em silêncio encontram nas torcidas e no contexto do futebol espaço para chorarem, lembrarem-se de quem são e de onde vieram, sentirem-se pertencentes a um grupo que é um pouco brasileiro, um pouco uruaio, mais principalmente um fronteiriço, que une características desses dois países.

Por fim, conclui-se que num país tão vasto como o Brasil, deve-se valorizar: a) a memória, para não se esquecer de quem se é; b) as identidades, para se valorizar a miscigenação e perceber que o estado das coisas adquiriram a forma atual devido a um processo histórico; c) o futebol, que une inimigos, grupos sociais, oferece a oportunidade de formação cidadã a torcedores e jogadores, tornando-se um espaço para expressar os sentimentos mais íntimos em que a sociedade se revela; e d) a literatura ficcional, que representa os grupos sociais, auxilia que leitores se encontrem e se identifiquem com os personagens, favorecendo que também para sua formação como sujeitos e cidadãos.

Essa pesquisa não se encerra aqui, visto que esta e outras obras, tanto de Schlee quanto de outros autores, podem ser analisadas sob o viés memorialista, direcionando o olhar para os aspectos culturais e identitários das regiões de fronteira, seja na expressão futebolística, seja em outra expressão social.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Flávio Wolf de. A América-latina não existe. In.: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina*. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2002. p. 65-68.
- ANTEZANA J, Luis H. Fútbol: espectáculo e identidad. In: ALABARCES, Pablo (org.) *Futbologias: Fútbol, identidad y violencia en America Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003. p. 85-98.
- ARAÚJO, Valterlei Borges; SUZUKI, Júlio César. Afirmar é negar: Vitor Ramil, um caso fronteiriço na música popular brasileira. In: CAPAVERDE, Tatiana da Silva; SILVA, Liliam Ramos (Orgs.). *Deslocamentos culturais e suas formas de representação*. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019. p. 112-130.
- BARRETO, Túlio Velho. Apresentação. In: GASPARGAR, L.; BARBOSA, V. (orgs.) *O futebol brasileiro, 1894 a 2013: uma bibliografia*. Fundação Joaquim Nabuco, 2013. p. 1-13. Disponível em: https://www.fundaj.gov.br/images/stories/meca/futebol_no_brasil_pesquisa.pdf – Acesso em: 10/01/2020.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Tradução M. Ávila, E. L. de Lima Reis, G. R. Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BERGSON, M. Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 1999.
- BITTENCOURT, Gilda Neves da Silva. *O conto sul-riograndense: tradição e modernidade*. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- CANCLINI, Néstor Garcia. *Culturas híbridas – Estratégias para entrar y salir de la modernidade*. Nueva Edición. Barcelona: Paidós, 2001.
- CANDAU, Joël. *Memória e identidade*. Tradução Maria Leticia Ferreira. 1. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.
- CASTILHO Jr., Álvaro Guedes. A ficção sobre as quatro linhas. In: CORNELSEN, E.; COSTA, T.C. (orgs.) *Futebol, linguagem e artes*. Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2015. p. 55-58.
- CASTTELS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CHAVES, Flávio Loureiro. *Simões Lopes Neto*. 2. ed. rev. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro: Ed. da Universidade, 2001.
- CORTÁZAR, Julio. *Valise de cronópio*. São Paulo, SP: Perspectiva, 1993.

COSTA, Thiago Carlos. Preleção: o futebol como documento de cultura. In: CORNELSEN, E.; COSTA, T.C. (orgs.) *Futebol, linguagem e artes*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2015. p. 7-16.

CUCHE, Denys. A noção de cultura nas ciências sociais. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002.

DALCASTAGNÈ, Regina. Sombras da cidade: o espaço na narrativa brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 21, p. 33 - 53, jan./jun. 2003.

DA MATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: Da Matta (org.) et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 13-74.

DORFMAN, Adriana. A cultura do contrabando e a fronteira como lugar de memória. *Estudios Historicos*, n. 1, mayo 2009. Disponível em: http://www.estudioshistoricos.org/edicion_1/adriana-dorfman.pdf - Acesso em: 10/01/2020.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FARINATTI, Luís Augusto E.; THOMPSON FLORES, Mariana F. da C. A fronteira manejada: apontamentos para uma história social da fronteira meridional do Brasil (século XIX). In: HEINZ, Flávio (org.) *Experiências nacionais, temas transversais: subsídios para uma história comparada da América Latina*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

FIENGO, Sergio Villena. Gol-balización, identidades nacionales y fútbol. In: *Futbologias: Fútbol, identidad y violencia en America Latina*. Buenos Aires: CLACSO, 2003. p. 257-271.

FIGUEIREDO, E.; NORONHA, J. M. G. Identidade nacional e identidade cultural. In: FIGUEIREDO, E. (org.). *Conceitos de Literatura e Cultura*. 2. ed. Niterói: EdUFF; Juiz de Fora, EdUFJF, 2012.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM, 2018.

GUIMARÃES, G. C.; SCHLEE, A. G.; PIAZZI, G. Conversa com Aldyr Schlee (parte II): a criação da camisa canarinho e seu recente uso político [c/ áudio]. *FuLiA*, UFMG, v. 3, n. 1, p. 139-153, 2018

GUTFREIND, Ieda. Revisões historiográficas na temática da fronteira sul-riograndense: historiadores municipalistas na prática da oralidade. *Anais Eletrônicos do IV Encontro da ANPHLAC*, Salvador, p. 1-9, 2000. Disponível em:

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução Beatriz Sidou. 2. ed., 6. reimpr. São Paulo: Centauro, 2006.

- HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 103-133.
- ITURRIZA, Jorge. Integración fronteriza. Um enfoque metodológico. *Revista Integración Latinoamericana*, Buenos Aires, n. 118, p. 165-179, nov. 1986.
- LEENHARDT, Jacques. Fronteiras, Fronteiras Culturais e Globalização. In.: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina*. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2002. p. 27-34.
- LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. 7. ed. revista. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.
- LIMA, Renato Rodrigues. Entre memória e identidade. *DESAFIOS: Revista Interdisciplinar da Universidade Federal do Tocantins*, v. 2, n. 2. p. 308-311, jan/jun. 2016.
- LOBATO, Monteiro. O 22 da Marajó. *A novella Semanal*. São Paulo, ano 1, p. 1- 2, 2 de maio de 1921.
- MACIEL, Alexandre Antônio Ramos. *Don Frutos e El dia que el Papa fue a Melo: imagotipo do fronteiroço na narrativa de Aldyr Garcia Schlee*. Dissertação (Mestrado em Letras). 110 f. Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Programa de Pós- Graduação em Letras, Centro de Letras e Comunicação. Pelotas, 2014.
- MATHEUS, Letícia. Memória e identidade segundo Candau. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 22, p. 302-306, dez. 2011.
- MARTINS, Alessandra Ávila. *Representação discursiva da irmandade na fronteira Jaguarão/Rio Branco: um (des)encontro de vozes*. 2012. 218 f. Tese (Doutorado em Letras/Linguística Aplicada) – Universidade Católica de Pelotas. Pelotas, 2012.
- MARTINS, Maria Helena. Introdução. In.: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina*. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2002.
- MARTINS, Maria Helena. Entrelinhas na literatura de Aldyr Schlee. In: CHIAPPINI, L.; MARTINS, M. H.; PESAVENTO, S. J. et al. *Pampa e Cultura: de Fierro a Neto*. Porto Alegre: Editora da UFRGS / Instituto Estadual do Livro, 2004. p. 129-134.
- MASCARENHAS, Gilmar. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. *Revista Digital*, Buenos Aires, año 5, n. 26, p. 1-9, oct. 2000.
- MÜLLER, Karla Maria. Práticas Comunicacionais em Espaços de Fronteira: Os Casos do Brasil-Argentina e Brasil-Uruguai. In.: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina*. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2002. p. 219-232.
- LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos & Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 2006.
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 12. 1993.

OURIQUE, João Luis P.; MACIEL, Alexandre Antonio R. Literatura e futebol no espaço fronteiriço: a construção de uma identidade provisória no conto “Empate”, de Aldyr Garcia Schlee. *Aletria*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 49-68, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Além das fronteiras. In.: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina*. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2002. p. 35-39.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Contribuição da história e da literatura para a construção do cidadão: a abordagem da identidade nacional. In.: LEENHARDT, Jaques; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Orgs.). *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.p. 17-40.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

RAMALHO, Letícia Márcia. Futebol e Literatura na obra de Nelson Rodrigues. In: CORNELSEN, E.; COSTA, T.C. (orgs.) *Futebol, linguagem e artes*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2015. p. 73-78.

RESENDE, Fabiane de Oliveira. *Aldyr Schlee e a linha de fronteira: homem, terra e Literatura*. Dissertação (Mestrado em Letras). 116 p. Fundação Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Departamento de Letras e Artes, programa de Pós-graduação em Letras. Rio Grande, 2004.

SANTOS, Pedro Brum. Ficção e futebol: culturas em movimento. *Letras – Revista do Curso de Mestrado em letras da UFSM*. Santa Maria (RS), dez./jan.1999.

SCHLEE, Aldyr Garcia. *Contos de futebol*. 2. ed. Porto Alegre: ardotempo, 2011.

SCHLEE, Aldyr Garcia. Integração cultural regional. In.: MARTINS, Maria Helena (Org.). *Fronteiras culturais: Brasil, Uruguai, Argentina*. Porto Alegre: Ateliê Editorial, 2002. p. 61-64.

SIGUAN, Miquel. *Bilingüismo y Lenguas em Contacto*. Madrid: Alianza Editorial S. A., 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 73-102.

SILVA, Angelise Fagundes da. *Aldyr Schlee e o entrelugar: a questão da fronteira em Uma terra só*. Dissertação (Mestrado em Letras). 130 p. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Centro de Artes e Letras – Programa de pós-graduação em Letras. Santa Maria, 2010.

SIQUEIRA, Fernanda Lisbôa de. *Autotradução de Aldyr Garcia Schlee em El día en que el Papa fue a Melo / O dia em que o Papa foi a Melo*. Dissertação (Mestrado em Literatura

Comparada). 109 f. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Instituto de Letras, Programa de Pós - graduação em Letras. Porto Alegre, 2010.

SOUZA, Rafael Castro de. Futebol, essência e drama social no cinema brasileiro. In: CORNELSEN, E.; COSTA, T.C. (orgs.) *Futebol, linguagem e artes*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2015. p. 31-36.

THOMPSON FLORES, Mariana F. de C. *Crimes de fronteira: a criminalidade na fronteira meridional do Brasil (1845 – 1889)*. 343 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

VOGEL, Arno. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: Da Matta (org.) et al. *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 75-112.

VON BRUNN, Albert. Maria-Fumaça, o rio e a psique: a fronteira no romance gaúcho contemporâneo. In.: CHIAPPINI, Ligia; BRESCIANNI, Maria Stella (Orgs.). *Literatura e cultura no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 75-85.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-102.